



Dissertação

Mestrado em Negócios Internacionais

A essência da cidade do conhecimento glocal

Celestino Antunes Morgado

Leiria, Maio de 2014



Dissertação

Mestrado em Negócios Internacionais

A essência da cidade do conhecimento glocal

Celestino Antunes Morgado

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Doutor Vítor Hugo Santos Ferreira,
Professor da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Leiria

Leiria, Maio de 2014

Dedicatória

À minha família

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Agradecimentos

Velada, exasperante, por veredas sinuosas,
Se arrastou esta viagem inaudita,
Por jornadas fatídicas e noites tenebrosas,
Foi negando à alma a divagação erudita.
Trama enervante de braças insidiosas,
Almejando o ocaso de tal glória maldita,
Do abismo negro de desespero ardente,
Salva se viu por tão valorosa gente.

Alvíssaras perpétuas lhes serão cantadas.
Fontes de imorredoiras jactância,
Impacientes, muitas vezes, mas inspiradas,
Libertaram a mente do jugo da ignorância.
Inebriante é o orgulho nestas gentes amadas
Por dele emanar a mais ébria fragrância:
Aroma mesclado de canela, alecrim e pinho
Vogando na brisa, indicando o caminho.

Sejam, por fim, entoados os eternos hinos
À confiança, ao esforço, à amizade;
E por entre a galharda música dos sinos,
Ecoem os louvores à ruiva insanidade,
Pois esta provou no seu tom cristalino
Ser a mais fina forma de genialidade.
Métrica tacanha, mas esforço dedicado,
Tempo para o divino néctar dourado.

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Resumo

O objectivo da dissertação prende-se com a averiguação da verdadeira essência da cidade do conhecimento *glocal*. Tal abarca conceitos de raízes e naturezas díspares, mas conexas entre si. Em primeiro, o conceito de gestão do conhecimento, constituído pela sabedoria individual, baseando-se em saberes livrescos e experiências pessoais. Aglutinando a de outros indivíduos redonda num todo mais lato que a soma das partes. Em segundo, o conceito de cidade, é por excelência a exteriorização mais fervilhante da crescente complexificação societal (processo orgânico de evolução). Em terceiro, o conceito de glocalidade, diluição dos conceitos de localidade e globalidade, concretizando num só vocábulo a reciprocidade complexa entre tais esferas (evolução societal).

Dadas estas premissas, será exequível gerir o infinito filão do conhecimento estruturas organizacionais tão completas e heterogéneas como as urbes atuais? É passível de se replicar um caso de sucesso cidadão noutra realidade (globalização) ou a esfera local impera? Estas respostas denotam um estudo qualitativo, interpretativo e comparativo de várias cidades (casos de estudo) dispersas geograficamente em países com díspares estágios de desenvolvimento e vectores evolucionais. A análise hermenêutica irá aferir o contexto e as indissiocracias locais que interagem com a realidade global.

As ilações a retirar são: (i) não existe uma verdadeira metrópole do conhecimento *glocal*, sendo Singapura e Melbourne exemplos mais consolidados; (ii) o ambiente global ilustra a envolvente contextual, enquanto o local ilustra a transaccional; (iii) o *trade-off* global versus local depende do grau de desenvolvimento cidadão e do país; porém, acautelar a dimensão local é vital (elemento distintivo na esfera global) (iv) a essência da glocalidade na urbe do conhecimento metaforicamente é *ba* (influência da escola japonesa).

Palavras-Chave: essência, cidade, conhecimento, local, global, glocal

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Abstract

The following dissertation aims to understand the essence of a glocal knowledge city. This encompasses concepts with different roots and nature, although, intertwined. Firstly, knowledge management is constituted by individual wisdom through scholarly knowledge and personal experiences. Adjoining other individuals wisdom, the result is far wider than the sum of its fragments. Second, the city concept, which is by paramount the exteriorised and most effervescent projection of societal complexity (organic evolution process). Third, the concept of glocality, dilutes locality e globality, and summarises in a single word the complex reciprocity between those spheres (societal evolution).

Given these assumptions, would it be possible to manage the infinite knowledge flux in such complex and heterogenic organisations as modern cities? It is likely to replicate a successful case across other reality (globalisation) or the local sphere rules? These answers denote a qualitative, interpretive and comparative study of several cities (case studies) geographically scattered in countries with different development stages and evolutionary vectors. The hermeneutic analysis will assess context and the local idiosyncrasies that interact with a global reality.

The key conclusions are: (i) does not truly exist a knowledge glocal city, being Singapore and Melbourne the foremost consolidated examples; (ii) global environment denotes the contextual milieu, while local illustrates the transactional; (iii) the trade-off global versus local depends on city and country development stage; although, to protect the local dimension is vital (distinctive element within the global sphere); (iv) glocality essence in a knowledge city metaphorically is *ba* (Japanese school influence).

Keywords: essence, city knowledge, local, global, glocal

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Índice de Figuras

ILUSTRAÇÃO 1. MOSAICO CITADINO (FONTE: AUTOR)	24
ILUSTRAÇÃO 2. MOSAICO CITADINO (FONTE: AUTOR)	46

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Índice de Quadros

TABELA 1. DIMENSÃO VS. “SUB-QUESTÕES” DE INVESTIGAÇÃO (FONTE: AUTOR)	4
TABELA 2. MODELOS CONCEPTUAIS DE ÁREAS CONEXAS (FONTE: AUTOR)	19
TABELA 3. CARATERÍSTICAS DAS EPISTEMOLOGIAS (FONTE: ADAPTADO DE MYERS, 2004)	21
TABELA 4. MATRIZ IDENTIFICADORA DE SINGAPURA (FONTE: AUTOR).....	25
TABELA 5. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE SINGAPURA (FONTE: ADAPTADO DE GOVERNMENT OF SINGAPURE, 2013).....	26
TABELA 6. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE SINGAPURA (FONTE: ADAPTADO DE GOVERNMENT OF SINGAPURE, 2013)	26
TABELA 7. MATRIZ IDENTIFICADORA DE SÃO PAULO (FONTE: AUTOR).....	27
TABELA 8. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE SÃO PAULO (FONTE: ADAPTADO DE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013A)	28
TABELA 9. ANÁLISE RACIAL E RELIGIOSA DE SÃO PAULO (FONTE: ADAPTADO DE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013B).....	28
TABELA 10. MATRIZ IDENTIFICADORA DE MELBOURNE (FONTE: AUTOR)	30
TABELA 11. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE MELBOURNE (FONTE: ADAPTADO DE AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS, 2013A)	31
TABELA 12. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE MELBOURNE (FONTE: ADAPTADO DE AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS, 2013B).....	31
TABELA 13. MATRIZ IDENTIFICADORA DE ESTOCOLMO (FONTE: AUTOR)	32
TABELA 14. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE ESTOCOLMO (FONTE: ADAPTADO DE STATISTICS SWEDEN, 2013)	33
TABELA 15. ANÁLISE ÉTNICA DE ESTOCOLMO (FONTE: ADAPTADO DE STATISTICS SWEDEN, 2013).....	33
TABELA 16. MATRIZ IDENTIFICADORA DE SEATTLE (FONTE: AUTOR)	34

TABELA 17. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE SEATTLE (FONTE: ADAPTADO DE UNITED STATES CENSUS BUREAU, 2013A)	35
TABELA 18. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE SEATTLE (FONTE: ADAPTADO DE UNITED STATES CENSUS BUREAU, 2013B)	35
TABELA 19. MATRIZ IDENTIFICADORA DE CALCUTÁ (FONTE: AUTOR)	37
TABELA 20. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE CALCUTÁ (FONTE: ADAPTADO DE GOVERNMENT OF INDIA, 2013)	38
TABELA 21. ANÁLISE RELIGIOSA DE CALCUTÁ (FONTE: ADAPTADO DE GOVERNMENT OF INDIA, 2013)	38
TABELA 22. MATRIZ IDENTIFICADORA DE DOHA (FONTE: AUTOR)	39
TABELA 23. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE DOHA (FONTE: ADAPTADO DE QATAR STATISTICS AUTHORITY, 2013A)	40
TABELA 24. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE DOHA (FONTE: ADAPTADO DE QATAR STATISTICS AUTHORITY, 2013B)	40
TABELA 25. MATRIZ IDENTIFICADORA DE GUADALAJARA (FONTE: AUTOR)	41
TABELA 26. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE GUADALAJARA (FONTE: ADAPTADO DE INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFIA, 2013A)	42
TABELA 27. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE GUADALAJARA (FONTE: ADAPTADO DE INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFIA, 2013B)	42
TABELA 28. MATRIZ IDENTIFICADORA DE ACRA (FONTE: AUTOR)	43
TABELA 29. ANÁLISE DEMOGRÁFICA DE ACRA (FONTE: ADAPTADO DE GHANA DISTRICTS, 2013)	44
TABELA 30. ANÁLISE ÉTNICA E RELIGIOSA DE ACRA (FONTE: ADAPTADO DE GOVERNMENT OF GHANA, 2013)	44
TABELA 31. ENVOLVENTE FÍSICO-CONTEXTUAL (FONTE: AUTOR)	66
TABELA 32. ENVOLVENTE FÍSICO-ARQUITECTÓNICA (FONTE: AUTOR)	67
TABELA 33. ETNIAS E NACIONALIDADES (FONTE: AUTOR)	68
TABELA 34. INFORMAÇÃO CULTURAL (FONTE: AUTOR)	69
TABELA 35. INFORMAÇÃO ECONÓMICA (FONTE: AUTOR)	70
TABELA 36. INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA (FONTE: AUTOR)	71

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Lista de Siglas

GaWC- *Globalization and World Cities Research Network*

I&D- *Investigação e Desenvolvimento*

KBUD- *Knowledge Based Urban Development*

TIC- *Tecnologias de Informação e Comunicação*

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Índice

A ESSÊNCIA DA CIDADE DO CONHECIMENTO GLOCAL.....	I
A ESSÊNCIA DA CIDADE DO CONHECIMENTO GLOCAL.....	II
DEDICATÓRIA.....	III
AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	IX
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XI
ÍNDICE DE QUADROS.....	XIII
LISTA DE SIGLAS.....	XVI
ÍNDICE.....	XVIII
INTRODUÇÃO.....	1
1.1- CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO.....	1
1.2- CONCEITOS ORIENTADORES.....	2
1.3- RESENHA DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	3
1.4- PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO.....	4
1.5- OBJETIVOS.....	5
1.6- ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	5
REVISÃO DA LITERATURA.....	6
2.1- GESTÃO DO CONHECIMENTO.....	6
2.1.1– CONCEITO.....	6
2.1.2– ESCOLAS DE PENSAMENTO.....	7
2.1.3–NÍVEIS DE GESTÃO DO CONHECIMENTO.....	8
2.2- CIDADE.....	9
2.2.1– CONCEITO.....	9
2.2.2– EVOLUÇÃO ESPÁCIO-TEMPORAL.....	9

2.3- GLOCAL	10
2.4- RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS	11
2.4.1– CIDADE DO CONHECIMENTO	11
2.4.2– CIDADE GLOBAL	13
2.4.3– GLOCALIDADE	15
2.4.4– SOCIEDADE DO CONHECIMENTO	16
2.4.5–SOCIEDADE GLOBAL	16
2.4.6– CIDADE DO CONHECIMENTO GLOCAL.....	17
2.4.6.1- ESSÊNCIA	17
2.4.6.2- MODELOS CONCEPTUAIS	17
METODOLOGIA.....	20
3.1- A PROBLEMÁTICA METODOLÓGICA	20
3.2- ESTUDOS QUALITATIVOS VS. QUANTITATIVOS.....	20
3.3- FILOSOFIA DE INVESTIGAÇÃO	20
3.4- NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO	21
3.5- DESIGN DA INVESTIGAÇÃO	22
3.5.1- METODOLOGIAS	22
3.5.2- CASO DE ESTUDO.....	23
3.5.2.1- SINGAPURA- ALFA ⁺	25
3.5.2.2- SÃO PAULO- ALFA	27
3.5.2.3- MELBOURNE- ALFA ⁻	30
3.5.2.4- ESTOCOLMO- BETA ⁺	32
3.5.2.5- SEATTLE- BETA	34
3.5.2.6- CALCUTÁ- BETA ⁻	37
3.5.2.7- DOHA- GAMA ⁺	39
3.5.2.8- GUADALAJARA- GAMA	41
3.5.2.9- ACRA- GAMA ⁻	43
3.5.2.10- MOSAICO TERRITORIAL	45
3.6- DADOS EMPÍRICOS.....	46
3.6.1- RECOLHA DE DADOS EMPÍRICOS	46
3.6.2- ANÁLISE DE DADOS EMPÍRICOS	47
3.7- LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	48
DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	49

4.1- DESIDERATO	49
4.2- ANÁLISE MICRO.....	49
4.2.1- SINGAPURA	49
4.2.1.1- CIDADE-ESTADO: PROCESSO DESENVOLVIMENTISTA.....	49
4.2.1.2- CIDADE DO CONHECIMENTO.....	50
4.2.2- SÃO PAULO	52
4.2.2.1- CIDADE: PROJEÇÃO GLOBAL E LACUNAS DE DESENVOLVIMENTO.....	52
4.2.2.2- CIDADE DO CONHECIMENTO.....	53
4.2.2.2.1- STATUS QUO DE SÃO PAULO	53
4.2.2.2.2- A CONDENSAÇÃO DO COSMOS BRASILEIRO.....	54
4.2.3- MELBOURNE	54
4.2.3.1- ESBATIMENTO CONTEXTUAL: O ESTADO DE VICTORIA.....	54
4.2.3.2- CIDADE DO CONHECIMENTO.....	55
4.2.4- ESTOCOLMO.....	57
4.2.4.1- CIDADE: O PAPEL DO ESTADO	57
4.2.4.2- CIDADE DO CONHECIMENTO.....	58
4.2.5- SEATTLE.....	59
4.2.5.1- ESTRATÉGIA GLOCAL	59
4.2.5.2- CIDADE DO CONHECIMENTO: QUESTÕES PROCESSUAIS.....	59
4.2.6- CALCUTÁ	60
4.2.6.1- COSMOPOLISMO OU IMPERIALIDADE HINDUÍSTA?	60
4.2.6.2- QUASI-CIDADE DO CONHECIMENTO.....	60
4.2.7- DOHA.....	61
4.2.7.1- PROGRESSO DE COMBUSTÃO LOCAL.....	61
4.2.7.2- CIDADE DO CONHECIMENTO.....	62
4.2.8- GUADALAJARA.....	63
4.2.8.1- O PARADIGMA DIGITAL	63
4.2.8.2- CIDADE DO CONHECIMENTO CRIATIVO.....	64
4.2.9- ACRA	65
4.2.9.1- A INDEPENDÊNCIA ESTRUTURAL	65
4.2.9.2- CIDADE DO CONHECIMENTO: HOPE OU REALIDADE?	65
4.2.10- MOSAICO CIDADINO	66
4.2.10.1- ENVOLVENTE FÍSICO-CONTEXTUAL.....	66

4.2.10.2- ENVOLVENTE FÍSICO-ARQUITETÓNICA	67
4.2.10.3- ENVOLVENTE CULTURAL.....	68
4.2.10.4- ENVOLVENTE ECONÓMICO-TECNOLÓGICA.....	70
4.2.10.5- SÍNTESE DA ENVOLVENTE.....	71
4.3- ANÁLISE MESO	72
4.3.1- AMÉRICAS	72
4.3.2- ÁSIA	73
4.3.2.1- ANÁLISE GENÉRICA	73
4.3.2.2- O SPIN-OFF DE SINGAPURA E MELBOURNE	75
4.4- ANÁLISE GLOBAL.....	76
CONCLUSÃO.....	79
5.1- CONCLUSÕES GENÉRICAS	79
5.2- TENDÊNCIAS.....	79
5.2.1- CONSTRUCTO CIDADE DO CONHECIMENTO E DIMENSÕES ANALÍTICAS.....	79
5.2.2- MATRIOSKA DA GLOCALIDADE.....	80
5.3- TRABALHO FUTURO	81
5.4- CONCLUSÕES FINAIS.....	82
BIBLIOGRAFIA	83

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Introdução

1.1- Contexto de investigação

Num primeiro vislumbre o tópico debatido pelo investigador sugere uma investigação ambiciosa; e, de facto, esta assunção irá ser notória ao longo da dissertação. O busílis da questão assenta nos “chavões concetuais” conhecimento e *glocal*. Mas como definir um “chavão”? O Free Online Dictionary (2013a) refere-o como um conceito técnico elegante ou contemporâneo de um campo de investigação com o intuito de impressionar os leigos.

Se comumente os “chavões concetuais” traduzem um afastamento dos leigos, este elitismo é ainda incrementado pela comunidade científica. Aliás, a sua mediatização, pode ser discernida como uma tentativa de proselitismo intelectual focado no constructo teórico ao invés da aplicabilidade prática (Petriglieri, 2012). Este autor argumenta ainda que o dogmatismo faz perigar a capacidade crítica dessa comunidade (constrangimento sério).

Considerando que a cidade do conhecimento *glocal* resume uma amálgama de “chavões concetuais” (conhecimento e *glocal*), revela-se crucial compreender a sua verdadeira essência. Considera-se como cidade do conhecimento uma urbe que detenha um plano estratégico integrador de todas as partes interessadas para atrair, manter e incentivar o conhecimento (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004). *Glocal* é uma expressão ainda mais nebulosa, pois os limites concetuais de local e global são verdadeiramente ténues. Isto é, na estruturação da cidade do conhecimento *glocal*, metaforicamente a dimensão global equivale à envolvente contextual (variedade de forças dinâmicas que caracterizam a globalização) e a local sintetiza a transacional (partes interessadas).

E o que significa essência? Conjunto de qualidades que definem a existência de um ser; ou, os seus elementos constitutivos sem os quais não existiria realidade. O conceito é de tal ordem subjetivo que incorpora uma dimensão ontológica e metafísica (Infopedia, 2013a). Além do

mais, tal subjetividade parece ser olvidada com a utilização maciça dos “chavões concetuais”, e metaforicamente indicia a necessidade de uma filosofia de investigação qualitativa e interpretativa. Deste modo, o investigador irá explorar tais subtilezas através de uma comparação de diferentes cidades (ex., Guadalajara) que constam no ranking da GaWC (*Globalization and World Cities Research Network*) apesar de potenciais limitações (vide capítulo 3).

1.2- Conceitos orientadores

Os conceitos orientadores da dissertação em análise são indubitavelmente gestão do conhecimento, cidade e *glocal*. Porém, é crucial explicitar as motivações inerentes a esta subsecção... O seu cerne é uma representação metafórica do argumento literário, ou seja, servir de ato introdutório à revisão tripartida da literatura. Deste modo, o investigador irá promover uma definição sintética de cada conceito e suas respetivas interações.

Uma definição tradicional de gestão do conhecimento é facultada pelo *Business Dictionary* (2013):

estratégias e processos desenhados para identificar, capturar, valorizar e partilhar os recursos intelectuais de uma organização de modo a melhorar a sua performance e competitividade. Baseia-se em duas atividades críticas: (i) captura e inscrição do conhecimento individual explícito e tácito; (ii) e a sua disseminação pela organização.

Por seu turno, cidade resume “um meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativos, comerciais, profissionais, educacionais e culturais)” (Infopedia, 2013b). E, *glocal* é um conceito agregador e convergente resultante de local e global (universal) (Infopedia, 2013c).

Assumindo uma análise tripartida, o processo construtivo natural é proceder a dicotomias analíticas, e somente no final aferir essa assunção. As dicotomias cidade do conhecimento e cidades globais, apesar de alguma similaridade em génese e âmago (predisposição para encarar uma cidade como unidade motora na economia mundial), denotam diferenças perceptíveis pelo caminho que cada urbe toma sob uma lente analítica ou outra.

É ainda interessante denotar que a dicotomia dos conceitos *a priori* é extensível à díade global

e local. Aliás, a “ponte conceptual” é definida pela mescla das esferas global e local, denominada pelo neologismo “glocalidade”. Isto é, cada ambiente local preserva as suas idiossincrasias ainda que integradas no contexto global.

A derradeira dicotomia é a problemática da gestão do conhecimento global, ou seja, a proclamada sociedade do conhecimento. Tal noção é uma evolução do “sectarismo” vigente relativo ao conceito de gestão do conhecimento, sentido organizacional em *stricto sensu* (tal como a definição inicial ilustra), e o qual não é apanágio de uma economia quer seja do conhecimento e/ou global.

1.3- Resenha do problema de investigação

Tipicamente uma investigação foca uma controvérsia ou problema num campo de investigação, sendo que, esta controvérsia ou problema deve ilustrar uma solução inovadora. Neste caso o problema incide sobre a essência da cidade do conhecimento *glocal*; contudo, é essencial providenciar uma pergunta investigatória compreensível, correta e concisa (vide subsecção seguinte) (Cadman, 2002). Logo, o passo seguinte é promover uma resenha do problema de investigação.

A cidade do conhecimento pressupõe um projeto em que toda a urbe é talhada e pensada para atrair, manter e incentivar o conhecimento. Este projeto é coletivo, no sentido que deve envolver todo o tecido socioeconómico da cidade e da região, quer tenha contornos públicos ou privados (ex., instituições de ensino e centros de investigação, todos os cidadãos, etc.) (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004). Procura-se então, através da mobilização de todas as partes interessadas, elaborar uma projeção da cidade de modo a ganhar relevância a níveis nacional e internacional (plano estratégico) (Abu-Anzeh e Ledraa, 2007).

Por outro lado, as cidades globais afirmam-se num panorama global através da atracção de interesses corporativos multi e transnacionais que aí localizam as suas sedes. Tais cidades contemplam, normalmente (Robinson, 2009): (i) vários milhões de cidadãos que geram uma dinâmica própria, causa e consequência da atracção e fixação de grandes organizações; (ii) um sentido de globalidade por via de uma rápida e eficiente ligação às suas pares noutros países e/ou noutros continentes face à sua vizinhança imediata.

Assim, o conceito de cidade do conhecimento poderá, porventura, ser mais propício à

potenciação das características locais; enquanto, as características de cidades como Londres, Tóquio ou Nova Iorque podem ser associadas à globalidade (Robinson, 2009). Esta fronteira é claramente definida pela “ponte conceptual” ilustrada anteriormente, ou seja, o neologismo “glocalidade”.

A terceira dicotomia deste polígono, a par das cidades e da glocalidade, é a economia do conhecimento e/ou global. A economia do conhecimento ilustra a aplicabilidade do saber de um qualquer campo de investigação para promover desenvolvimento económico (Drucker, 1969); ao passo que, economia global é um léxico cuja precisão conceptual está dependente das fases e dinâmica da globalização. Ainda assim, o investigador arrisca uma definição: variedade de forças económicas, políticas, culturais, ideológicas e ambientais extremamente dinâmicas que estão a alterar exponencialmente a experiência humana (Steger, 2009).

1.4- Perguntas de investigação

A pergunta de investigação reconhece inapelavelmente a relação entre objetivos do projeto de investigação e o conhecimento tácito do investigador (Ghauri e Grønhaug, 2005). Deste modo, a presente dissertação configura a seguinte questão de investigação: **o que é a essência da cidade do conhecimento *glocal*?**

Considerando que a natureza do problema de investigação delimita os possíveis objetivos, assim como, a filosofia de investigação e os procedimentos de recolha de dados empíricos (Ellis e Levy, 2008) é possível concluir: essência e *glocal* (focos analítico), cidade do conhecimento (casos de estudo). Ainda assim, quando a temática invoca um espectro analítico alargado, o qual requer uma abordagem multi e interdisciplinar é importante relacionar as dimensões analíticas através de “sub-questões” investigatórias (Conole e Oliver, 2007).

Tabela 1. Dimensão vs. “sub-questões” de investigação (**Fonte:** Autor)

Dimensão	“Sub-questão” de investigação
Gestão do conhecimento	(i) Como se caracteriza?; (ii) Quais as escolas de pensamento?; (iii) Quais os níveis de gestão do conhecimento?
Cidade	(i) O que é uma cidade?; (ii) Qual a evolução histórica do conceito?
<i>Glocal</i>	(i) O que significa <i>glocal</i> ?; (ii) Quais as suas dimensões

Relação entre conceitos	(i) Quais as características da cidade do conhecimento?; (ii) Quais as características da cidade global?; (iii) O que significa glocalidade?; (iv) Como caracterizar a sociedade do conhecimento?; (v) Como caracterizar a sociedade global?; (vi) Qual a essência da cidade do conhecimento <i>glocal</i> ?; (vii) Quais os modelos explicativos e suas limitações?
-------------------------	--

1.5- Objetivos

Consequentemente as perguntas de investigação traduzem-se em objetivos, os quais permitem ao investigador (Iqbal, 2007): focar e reduzir dados empíricos redundantes; organizar a investigação por etapas; e, permitir a comunicação entre resoluções empíricas e aplicações práticas. Assim, o objetivo genérico é captar a essência da cidade do conhecimento *glocal*; enquanto, os objetivos específicos são: (i) explicitar o conceito de cidade do conhecimento; (ii) caracterizar casos de estudo; (iii) proceder a uma análise comparativa dos casos de estudo; (iv) denotar a importância da glocalidade para um futuro modelo conceptual.

1.6- Estrutura da dissertação

A estrutura de uma dissertação deve promulgar um argumento coerente, lógico e fluido, isto é, expor introdução, literatura, filosofia de investigação e resultados empíricos. Deste modo, esta caracteriza-se pelos seguintes capítulos:

- introdução- discerne sobre o contexto da investigação, assim como, a pergunta de investigação e objetivos a atingir;
- revisão da literatura- o capítulo propedêutico debate a literatura relevante (gestão do conhecimento, cidade e *glocal*) individualmente, assim como, as suas interações;
- metodologia- denota a filosofia de investigação explorada, descreve sumariamente os casos de estudo e os procedimentos de recolha e análise dos dados empíricos;
- discussão de resultados- análise interpretativa e comparativa das urbes, assim como, síntese de resultados;
- conclusões- dedução das tendências e recomendações para futura investigação.

Revisão da literatura

(Inicia em página ímpar)

2.1- Gestão do Conhecimento

2.1.1- Conceito

A gestão do conhecimento possui uma série de interpretações, e daí a inexistência de um conceito uno. Esta resume um processo sistemático e integrado que identifica, recolhe, reúne, recupera e transforma conhecimento e informação; sendo que, inclui as experiências e perícias obtidas pelos indivíduos mas sem estrutura articulada entre si. O âmagô é facilitar o acesso ao resultado cuja utilização melhore o desempenho organizacional (Górniak-Kocikowska, 2011).

Independentemente de uma organização estruturada e sistematizada, a dotação de recursos intangíveis num universo organizacional não denota uma resposta utilitária de forma plena. Mais, as organizações podem não possuir consciência existencial relativa à eficiente promoção em termos de utilidade, retirando vantagens competitivas. Estas devem empreender atividades que sustentem esses recursos intelectuais (Leidner, Alavi e Kayworth, 2006). Em face do exposto, e da definição no ponto 1.2, o conceito de gestão do conhecimento resume por norma uma assunção organizacional em *stricto sensu*. Porém, este “sectarismo” não é consistente com a realidade estudada (inclui nível pessoal e societal do conhecimento).

Górniak-Kocikowska (2011) refere ainda que tal processo configura duas realidades analíticas: informação, e conhecimento. Para Nonaka (1994) informação é o fluxo de mensagens dos esquemas mentais de um indivíduo, logo os significados dos constructos são influenciados por este; conhecimento, é o desfecho processual do sentido individual resultante da experiência, competências práticas ou cognitivas (Oxford English Dictionary, 2008).

Assim, à luz da realidade em estudo, o autor evoca as reflexões de Costa (2011): (i) conhecimento é um processo fluido individual ou comunitário (*lato sensu*) que intenta promover hemóstase contextual, a qual traduz uma identidade, sciência e vontade; (ii) gestão do conhecimento reflete as estratégias/iniciativas comunitárias (*lato sensu*) de identificação, acumulação, recuperação e partilha do conhecimento para gerar valor acrescentado (económico, sociocultural, etc.).

2.1.2- Escolas de Pensamento

A abordagem à gestão do conhecimento incorre numa dupla perspetiva analítica: a “escola ocidental” e a homóloga oriental (“escola japonesa”). Mas, Cardoso, Gomes e Rebelo (2003) advogam que as escolas de pensamento vigorantes são indissociáveis do ambiente sociocultural e geográfico.

A tradição de gestão ocidental qualifica metaforicamente uma organização enquanto mecanismo de afinação para somente processar informação; e, o conhecimento tido como útil configura um procedimento formal e sistemático. Logo, este somente é válido quando permite leitura e quantificação face a trâmites estipulados previamente; e, a quantificação do valor do conhecimento somente inclui sistemas de mensuração “palpáveis”, mormente melhorias no retorno de investimento, redução de custos e/ou incrementos de eficiência (Nonaka, 2007).

E, qual o pendor do pensamento europeu e americano? A escola europeia encara a gestão de conhecimento como problemática contabilística, pretendendo medir este via ativos intangíveis tais como: indicadores de propriedade intelectual, *goodwill*, etc. A escola americana enfatiza a contínua utilização da tecnologia como ferramenta de apoio aos processos organizacionais; isto é, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) são parte integrante do conceito pois otimizam o *know-how* gerado interinamente (extração, codificação, armazenamento, partilha e aplicação da informação organizacional) (Costa, Prior e Rogerson, 2010).

Assim a escola ocidental defende o primado do conhecimento explícito ou codificado, a qual dista substancialmente da japonesa. A japonesa foca a componente tácita do conhecimento; a qual é de difícil expressão, subjetiva e parcamente transmissível através de palavras e/ou números. Polanyi (1996) defende que sabemos mais do que exprimimos e Nonaka aponta o *know-how* e capacidades cognitivas como elementos do conhecimento tácito, e na sua relação com o conhecimento explícito. Contudo, Nonaka defendeu a conversão do conhecimento tácito em explícito e sua integração no contexto organizacional ao invés da dificuldade ou impossibilidade reconhecida por Polanyi. Este conhecimento enriquecerá o conhecimento tácito de outros membros da organização; sendo, exequível a criação e incremento do conhecimento organizacional (simbiose entre a componente tácita e explícita) (Murata, 2011).

Renzl (2004) resumiu a dualidade conhecimento tácito/explicito em *lato sensu* ao propor quatro dimensões: *episteme* (acordos coletivos e/ou comuns, conhecimento concreto e de fácil

transmissão à geração vindoura); *techne* (habilidade ou capacidade prática, forma de lidar com tarefas/exercícios específicos); *phronesis* (conhecimento intuitivo- sabedoria-, o qual articulado com experiências pessoais e uma atitude social peculiar não é fácil difusão a outros indivíduos); e, *métiers* (conhecimento experiencial individual e práticas sociais, reflete o brilhantismo individual num contexto específico, sendo altamente complexo de se transmitir).

Assim, o autor assume a escola japonesa coadjuvada pela americana pelos seguintes motivos: (i) efeito avassalador e reestruturante das TIC na sociedade, incluindo na forma de criar e partilhar conhecimento (ex., as redes sociais) (Castells, 2009); (ii) centralidade do conceito *ba* na escola japonesa, metaforicamente ilustrado por *qi* (*ki* em japonês), energia natural ou fluxo de energia vital à essência. Isto é, sentido do contexto e estrutura individual o qual é engradecido por Edvinsson (2006) como elemento fulcral de uma cidade do conhecimento.

2.1.3–Níveis de gestão do conhecimento

Sinclair (2008) enfatiza três níveis de gestão do conhecimento: pessoal, organizacional e comunitário; sendo, que o organizacional pode ilustrar uma conceção em *stricto sensu* e *lato sensu* (ex., comunitário). Mas, como caracterizar cada nível? Cheong (2011) considera o nível pessoal como “um processo de sucesso através do qual o indivíduo lida com dilemas renovados e clássicos, e apreende novas experiências que lhe permitem gerar novos conhecimentos” (p. 42). O organizacional resume um processo latente de aquisição e/ou exploração de recursos tangíveis e intangíveis à disposição dos membros de uma organização (Brelade e Harman, 2003). E, comunitário denota estruturas organizacionais flexíveis decorrentes do impacto da tecnologia (ex., comunidades virtuais, etc.) (Sinclair, 2008).

Ou, como refuta MacQueen *et al.* (2001), resultante da própria noção de comunidade: grupo de indivíduos com díspares características que partilham laços socioculturais e atuam num dada geografia ou contexto físico de forma concertada. Ou seja, somente uma mescla dos níveis explica de forma cabal a urbe do conhecimento *glocal* porque: (i) o pessoal incorre no somatório das contribuições individuais independentemente do espaço físico; (ii) o organizacional inclui todas as partes interessadas que partilham e exploram o conhecimento; (iii) combinação dos pontos anteriores (influência da tecnologia).

2.2- Cidade

2.2.1- Conceito

A Infopedia (2013b), define cidade como: “meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativos, comerciais, profissionais, educacionais e culturais)”;

mas ignorar o valor propedêutico da análise etimológica seria um erro crasso da presente investigação.

Na Idade Média assume uma conotação de espaço físico da catedral, sendo literalmente uma visão díspar do latim *civitatem* ou *citatem*- cidadania; e, a condição de residência era *civis* associada a *urbs* (cidade- espaço citadino). Enquanto, o Grego *polis* indicia uma conotação mais lata de cidadania- cidade-estado (zona de governação e envolventes de caráter mercantil e lúdico) (Online Etymology Dictionary, 2012a). Logo, apesar do hiato temporal, *polis* é um conceito bem mais expressivo da realidade atual; até porque, em 1921, Max Weber advogava que uma urbe se caracterizava por: (i) fortificações; (ii) presença mercantil; (iii) existência de sistema judicial; (iv) sentimento de cidadania; e, v) algum grau de autonomia política.

Assim, o investigador recorre a Childs e McLaren (2013): infusão orgânica das dimensões governação (poder e participação), ambiental (impacto e sustentabilidade), socioeconómica e cultural do espaço físico da urbe. Todavia, as “fronteiras” da infusão podem não ser totalmente delineáveis.

2.2.2- Evolução espaço-temporal

Lefèbvre (1991), na teoria da dimensionalidade espacial, explicita o espaço e sua evolução à luz de uma metamorfose ontológica. Tal é aplicável a uma urbe, isto é, os espaços físicos desta são promulgados por três fatores cruciais: conceção; perceção; e, vivência. Entende-se por espaço concebido, a amplitude de estratégias planificadoras que interagem e condicionam as práticas dos utilizadores do espaço (Lefèbvre, 1991). Para este autor, os fatores perceção e vivência incorrem num nível elevado de subjetividade; e, esta assunção resume a perceção sensorial e intelectual dos utentes assim como o grau de afeição individual face ao espaço.

Lefèbvre concluiu ainda que, a dinâmica evolucionista do espaço físico se deslocou da conceção (era industrial) para o primado da perceção (à data da edição). Especulou também sobre a dominância do espaço vivenciado no século XXI; todavia, o progresso deste fator

preconiza três estágios: absoluto, abstrato e diferencial. Tal, é uma característica das urbes do conhecimento e globais, onde o grau de atratividade percricional e vivencial é altamente diferenciador. Mas será factível relacionar evolução espaço-temporal urbana e evolução societal? E quais as teorias explicativas? A resposta é certamente afirmativa, dividindo-se as teorias em sociologia evolucionária, histórica, geográfica e biológica.

A primeira enfatiza a sociedade como elemento integrante da natureza, influenciando e sendo influenciada por esta (Lenski, 2005). Porém, esta interação assume um maior pendor de mudança societal vs. ambiental consoante o índice de progresso tecnológico (Jorgenson, 2006). A teoria histórica analisa as condições económico-políticas que facilitaram o advento, consolidação e domínio de urbes ao longo da história (Boone e Modarres, 2006). A geográfica refere a pluralidade de conexões crescentes e interdependentes (noção de rede) em díspares escalas espaço-temporais, face à adaptação social e poderes vigentes (Pumain *et al.*, 2006). A escola biológica advoga o metabolismo energético (nível de atividade, produção e consumo) para explicar a evolução urbana (Bettencourt, Lobo e West, 2009), com escala de expoente inferior, igual ou superior a um e estimada sobre a densidade populacional.

Independentemente das preeminências e vicissitudes de cada teoria, o entendimento cabal da urbe requer uma confluência de saberes. Aliás, tal foi advogado por Pumain (2012), à luz de três critérios interdependentes: (i) interações no seio dos sistemas citadinos com diversas amplitudes; (ii) o território geográfico; e, (iii) o período histórico sob escrutínio.

2.3- Glocal

Objetivamente, *glocal* é um conceito agregador e convergente resultante de local e global (universal) (Infopedia, 2013c)! O seu significado é observável à luz dos próprios vocábulos estruturantes, isto é, a raiz etimológica da palavra “global” significa “mundial” ou “universal” (Online Etymology Dictionary, 2012b); enquanto “local”, é proveniente da expressão do latim medieval *localis* (pertença a um lugar físico), originária da palavra *locus* (lugar) (Online Etymology Dictionary, 2012c). A expressão “glocalidade” preserva assim uma coerência forte entre as raízes etimológicas e o atual campo lexical.

Todavia, a secessão clara entre as dimensões local e global de um espaço geográfico, povo ou cultura é hoje uma tarefa nebulosa e virtualmente impossível; pois, as características idiossincráticas de uma cultura revelam-se árduas de isolar. Segundo Welsch (1999), em

rigor, rotular algo de “não nacional” é inexecutável face pois é tudo alcançável pelo indivíduo (acesso ao conhecimento e cultura). Aliás, o próprio conceito de propriedade é reconfigurado pelo contexto (efeito da temporalidade). Este autor assevera que, atualmente permanece uma forma de retórica cultural comum às regiões mas mais simulada e estética, podendo ser reconhecidas porções equitativas das vertentes exógenas e endógenas de uma cultura.

E, Meyrowitz (2005) ilustra a evolução dos transportes e comunicações enquanto forças catalisadoras da matriz cultural global; mas, o ritmo avassalador desta assimilação deparou-se com um vetor antagónico (consciência de identidade e lugar/local). Em suma, a matriz global adapta-se às experiências locais de diversas formas, mesclando características intrínsecas comunitárias ou culturais com tendências globais numa lógica mais ou menos recíproca. O conceito subjacente a tal simbiose é o de “glocalidade” (definição orientadora da dissertação).

2.4- Relações entre conceitos

2.4.1- Cidade do conhecimento

Segundo Edvinsson, a cidade do conhecimento é “uma cidade desenhada propositadamente para encorajar a alimentação e cultivo do conhecimento” (2003, comunicação pessoal). Quando se compara a urbe do conhecimento face a congéneres em economias desenvolvidas, nota-se um investimento proporcionalmente superior em educação, investigação e desenvolvimento (I&D). Alguns pré-requisitos e fatores de sucesso para uma plena cidade do conhecimento são (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004): (i) conexão à investigação, tecnologia e *brainpower*; (ii) existência de uma real parceria de interesses público-privados, que valorize o conhecimento. Tal é notório no investimento avultado para criação, difusão, e recolha do conhecimento para promover bens e serviços de valor acrescentado.

Assim, é exequível inferir sob a juventude do conceito, a qual não promulga um consenso teórico. É aceite a referência a alguns aspetos da vida socioeconómica e/ou cultural da urbe ao invés de uma solução aglutinadora; ou seja, o conceito ilustra uma ou mais perspectivas analíticas, dependendo fortemente dos objetivos estratégicos delineados em cada cidade (van Widen e van den Berg, 2004). A noção deve, portanto, granjear o progresso societal através do conhecimento, encorajando a sua contínua criação, partilha, renovação e melhoria. Esta sequência figurativa e temporal resume as interações diárias dos cidadãos; logo, cultura de partilha e infraestruturas devem facilitar as interações (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004).

Todavia, urge explicar iniciativas cidadinas de auto-intitulação como cidades do “conhecimento”, embora apenas Barcelona, Boston, Delft, Munique, Singapura e Estocolmo possam ostentar tal título (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004). Estes autores referem que outras urbes aspiram a tal estatuto através de programas de desenvolvimento urbano (*Knowledge Based Urban Development- KBUD*), tais como: Brisbane, Melbourne e Xangai. Aliás, recentemente, Yigitcanlar (2012) elaborou um estudo comparativo entre Vancouver, Melbourne, Manchester e Boston, o qual traduz uma evolução plena de Melbourne. Esta realidade justifica-se através de um conjunto de pressupostos (Wallace, 2010):

1. a camada superior das urbes do conhecimento especializou-se em alguns sectores, mas visando objetivos elevados e desenvolvendo de forma cuidada as suas políticas;
2. até à data, a reestruturação de várias cidades processou-se organicamente (derivativa processual das forças globais). A resposta do planeamento urbano e regional tem sido lenta aos desafios e oportunidades da cidade do conhecimento global;
3. a dimensão territorial é um fator de atração de empresas e pessoas, logo a base de recrutamento é imensamente superior. Mais, estas cidades são nós comunicacionais e logísticos, permitindo um intercâmbio crescente de investimentos e pessoas.

Para Matthiessen, Schwarz e Find (2002), os espaços primordiais na urbe do conhecimento são: universidades, centros de investigação e aeroportos. Isto, porque universidades e centros de investigação albergam capital intelectual com educação superior elevada e tecnologia inovadora; e, os aeroportos, em particular, permitem uma fluência cabal e rápida da disseminação desse capital para outras zonas do globo. Estes autores também alegam que um tecido empresarial de base sólida e norteado para a inovação contínua, é uma mais-valia para que as cidades prosperem na economia do conhecimento. As cidades baseadas em atividades tradicionais tendem a exibir menores retornos, atrair colaboradores menos qualificados e ter má imagem. Note-se que os ativos tangíveis perderam muito valor face ao conhecimento.

Esta perspetiva enfatiza os colaboradores do conhecimento como peças vitais da economia. A atração e retenção destes colaboradores resulta da satisfação de necessidades e desejos no contexto atual da urbe; porém, estes não incluem somente cientistas, dividindo-se em duas tipologias (Darchen e Tremblay, 2011): (i) cientistas, granjeiam ambientes de I&D e universidades de qualidade; (ii) artistas, indagam sobre a variedade de opções de entretenimento e diversidade urbana. A defesa das taxonomias sintetiza as distintas interações entre conhecimento da atividade profissional e espaços físicos (Asheim, 2012):

- conhecimento analítico (ciência)- altamente dedutivo, codificado e/ou abstrato mas relativamente constante no contexto de uma universidade (ex., investigação médica);
- conhecimento sintético (produtivo)- por norma indutivo, unindo tácito e codificado mas tendo diferenças substanciais nos ambientes (universidade vs. empresas);
- conhecimento simbólico (artístico)- vertente estética e/ou criativa, sendo na sua essência tácito. Tal é indissociável do contexto, assim como, do historial do seu criador (espaços culturais e comungantes de interações sociais).

Mais, Florida (2000), refere qualidade de vida como fator chave de atração da população criativa (maior preponderância que salários); sendo, atividades culturais e de sustentabilidade ambiental determinantes da competitividade urbana. O autor reforça esta ideia com o adágio “talento atrairá talento”, até porque as urbes que atraem colaboradores do conhecimento ostentam ambientes inclusivos e reduzidas barreiras de carácter social (Florida, 2000), promovendo a participação ativa destes no planeamento estratégico.

Concluindo, as cidades são ambientes indicados para troca de conhecimentos tácitos, nomeadamente em zonas de *clusters*. Tal resulta da proximidade espacial, a qual pode incrementar a confiança individual e coletiva, assim como, as cidades mais bem-sucedidas combinam as melhores práticas globais com a cultura própria de cada ambiente (relação com glocalidade) (Darchen e Tremblay, 2011).

2.4.2- Cidade global

A expressão “global city” surgiu na década de 90 por Saskia Sassen. Esta defendeu que três grandiosos centros urbanos, Londres, Nova Iorque e Tóquio, se transfiguraram nos pináculos da liderança da economia global na década anterior. Estas metrópoles constituem o pódio das urbes dispersas pelo globo, logo liderando a hierarquia citadina mundial (Sassen, 1991). A contribuição congrega uma dialética sobre o tópico quanto à natureza, função e relativa importância de várias cidades mundiais. Tais orientações resumem duas ideias: (i) a noção de “cidades mundiais” (Simon, 1995), a qual se converteu na teoria urbana desde a década de 60 e observa um crescente intercâmbio entre atividades e funções desenvolvidas; (ii) o conceito de hierarquia urbana global (Friedmann, 1995), importância relativa das metrópoles.

Mais recentemente, Sassen (2007) ilustra que Londres, Nova Iorque e Tóquio detêm funções

distintas das restantes urbes no plano económico global. A “função de cidade global” reconhece quatro eixos analíticos: (i) centros de comando epicentrais na economia global; (ii) elegidas como localizações-chave de organizações financeiras e de serviços; (iii) locais altamente propícios à inovação; e, (iv) mercados preferenciais de produtos e serviços inovadores (efeito do eixo de inovação). Ou seja, os mercados financeiros e seus intervenientes percebem estas metrópoles como verdadeiros centros nevrálgicos, e tal fator é uma condição *sine qua non* para configurá-las enquanto “cidades globais” (Jones, 2002).

A literatura relativa a cidades globais está atualmente mais consolidada e fundamentada (ex., Sassen, 2007); ainda assim, estudos posteriores à publicação de Sassen (1991) indagaram sobre a hierarquia urbana global e cidades identificáveis à luz de tal aceção. Assim, não somente Londres, Nova Iorque e Tóquio foram incluídas nesta taxonomia, mas analogamente cidades como Los Angeles e Frankfurt reclamaram para si a supremacia global (Jones, 2002).

Esta sequência de estudos empíricos converteu a “tese das cidades globais” em “modelo”. A reedição de “The Global City” (Sassen, 2001) aponta sete linhas ecuménicas representativas do modelo, as quais podem ser sumariadas em quatro ideias basilares:

1. o alcance planetário das atividades corporativas fomenta a existência de um centro global enquanto fator estratégico. Assim, metrópoles de extensa territorialidade são em inúmeras ocasiões o local predileto para tais “quartéis-generais”. E, o crescimento corporativo no espaço induz uma expansão proporcional à complexidade operacional; logo, grandes centros decisórios aglomeram-se em locais preferenciais para fruírem do “turbilhão” informacional dos fluxos mundiais (convergência geográfica);
2. existência de um elevado número de empresas de renome e/ou altamente especializadas concentradas nestas cidades;
3. presença de empresas transnacionais e centros de decisão, os quais tornam estas urbes nódulos ligados entre si numa rede planetária. A conexão é mais célere com as suas congéneres quando comparado com a vizinhança imediata (conotação geográfica);
4. os cidadãos tendem a polarizarem-se em extremos, isto é, profissionais altamente qualificados vs. profissionais de menor grau educativo (desvalorização laboral).

Castells (2009) refere que o mundo atual é gerido por uma “rede de cidades globais” à escala planetária; e, Sassen (2007), havia argumentado sobre a inexistência de uma entidade passível de tal notação. Mas é interessante notar que Sassen parece, de certo modo, contradizer o seu

argumento inicial (1991 e 2001) à luz do trabalho de Castells. Em 1996, este autor ilustrou cooperação e interação dos nódulos informacionais como essência da realização cabal das suas funções; isto é, esta metáfora quando apenas de forma literal obsta a assunção de Sassen. Para esta autora as urbes não são uma rede global *per si* mas locais com funções singulares.

Outros autores, como Jones (2002), opinam que todas as urbes são “globais” a diversos níveis mas de diferentes modos, sendo todas impelidas para uma rede global de fluxos. Embora a tríade Londres-Nova Iorque-Tóquio perdure como cúpula da malha urbana mundial, as características globais não lhes são exclusivas. Logo, a urbe global é um espaço físico estratégico onde processos globais se materializam em territórios nacionais e dinâmicas de carácter global através de acordos institucionais.

2.4.3- Glocalidade

O neologismo *glocal* atesta a convergência entre as esferas global e local; sendo um “espelho” da interação sistemática e quotidiana na “aldeia global” e a preservação das identidades e/ou tradições locais (maior ou menor influência mútua) (Silva, Alvarez e Rogerson, 2011).

Glocalidade implica que informação local sobrepuje as suas fronteiras geográficas, e tal extrapolação reconhece o progresso da difusão informacional e transportes. Os conceitos de “globalização” e “localidade”, ao invés de mutuamente exclusivos, são paradoxalmente complementares e bidirecionais: cada cultura manifesta-se num contexto local influencia, e é influenciada pelas restantes culturas a nível global. Esta dimensão *glocal* abraça tendências culturais globalizantes, preservando os traços locais através de uma dialética estruturante (Silva, Alvarez e Rogerson, 2011). Logo, é forçoso realçar que tais movimentos traduzem uma distinção incrementada dos conceitos de identidade cultural e nacional (Welsch, 1999).

A coexistência das dimensões subentende que a mudança geográfica não determina cortes abruptos com a convivência social precedente. Assim, os indivíduos são livres de eleger outra urbe sob vários pressupostos: ambiente, arquitetura, etc., sem perderem a identidade local. Mas a tendência de homogeneização relativa ao nível global acentua a fragmentação local (Meyrowitz, 2005), sendo a definição é visível nos casos de estudo ou mosaico citadino.

2.4.4– Sociedade do conhecimento

Nas últimas duas décadas emergiu a “economia do conhecimento”, sendo similarmemente apelidada de “nova economia” (Florida, 2003). Neste paradigma, as atividades do conhecimento são nucleares à criação de riqueza, emprego e progresso económico. Tal inclui a visão de ativos culturais e ambientais enquanto recursos económicos das urbes. van Winden e van den Berg (2004) advogam que a economia capitalista atual é do conhecimento ainda que em níveis discrepantes. Isto é, os sistemas produtivos focam a importância do capital intelectual e da informação enquanto catalisadores de valor acrescentado (*input*).

A crescente classe de colaboradores do conhecimento não produz nada tangível, mas confere continuidade à conversão deste em renovado saber. Em franca maioria nas economias mais avançadas, caracterizam-se por: (i) uma educação extremamente avançada; (ii) auferirem salários elevados; (iii) colocarem exigências quanto à sustentabilidade ambiental local (Darchen e Tremblay, 2011). Por outro lado, a velocidade de difusão e disponibilidade global das inovações resume uma fração de tempo exígua. Assim, a habilidade de selecionar e interpretar nova informação e/ou conhecimento no momento oportuno é essencial; mas, a celeridade da mudança impõe um problema a indivíduos e empresas (absorção total de informação relevante à criação de conhecimento). Note-se que as redes desta economia facilitam uma resposta atempada e cabal (Castells, 2009).

No caso de uma urbe tal dualidade tem consequências: (i) risco latente de dependência face a uma singela empresa, como a Nokia em Tampere; mas, (ii) criar um ambiente propício à geração de *start-ups* inovadoras pode asseverar um retorno considerável perante o sucesso destas (crescimento organizacional em dimensão) (van Winden e van den Berg, 2004).

2.4.5–Sociedade global

Relembrando Steger (2009), globalização é o conjunto de forças económicas, políticas, culturais, ideológicas e ambientais extremamente dinâmicas que alteram radicalmente a experiência humana. Logo, é um processo estruturante de mudança societal; cujo, debate académico sintetiza duas perspetivas analíticas opostas: globalização enquanto fenómeno atual vs. fenómeno intertemporal. Para Dicken (2007), o seu valor conceptual é um processo retórico mas de origem geográfica; pois, globalização encerra uma análise espaço-temporal

(re)configurada pelas dimensões tecnológicas, económicas e políticas. A título de exemplo, o Império Romano pode ser encarado como uma sociedade global.

Taylor, Watts e Johnson (2002) explicitam a relação processual da sociedade global e geografia à luz de três eixos analíticos: (i) geografia interina da globalização, reconhecimento das interconexões entre as díspares escalas (local, regional, nacional e global); (ii) geografia externa da globalização, processos geradores de novos fluxos processuais e atividades; (iii) celeuma da globalização, o debate contínuo em torno da dialética exclusão vs. inclusão nas distintas escalas. Em suma, o conceito agregador dos três eixos analíticos é glocalidade.

2.4.6- Cidade do conhecimento glocal

2.4.6.1- Essência

Em face da literatura, o autor acrescenta a seguinte definição: **cidade que traduz uma infusão contínua e senciente entre espaços físicos (científicos, produtivos ou socioculturais) e conhecimento em diferentes níveis (pessoal e/ou comunitário)**. Apesar da subjetividade intrínseca, esta definição justifica-se à luz da metáfora do *qi* (fluxos do conhecimento) (Edvinsson, 2006), assim como, das sensações sensoriais/intelectuais e afeição dos indivíduos aos espaços físicos (Lefèbvre, 1991). Mais, as interconexões entre conceitos basilares produzem novas dimensões analíticas pois o todo é maior do que a soma das partes.

Para um melhor entendimento, o investigador ilustra uma interpretação metafórica de infusão: introdução de solução nas veias do corpo para fins terapêuticos (Free Online Dictionary, 2013b). Logo, solução (sensações e afeição dos indivíduos e/ou comunidade), corpo (estruturação da cidade- planeamento), veias (espaços físicos), e fins terapêuticos (*qi*- fluxos do conhecimento). Todavia, ao invés da percepção médica, esta infusão preconiza um processo bidirecional com a multiculturalidade global.

2.4.6.2- Modelos conceptuais

Rememorando a ausência de um modelo aglutinador das características da cidade *glocal* do conhecimento; a inclusão de modelos nesta subsecção é uma estratégia do autor para reiterar as limitações da literatura. Tal estratégia consolida-se na explicação dos prós e contras de tais modelos; ainda assim, deve-se abordar as estratégias de KBUD e sua adequação (Yigitcanlar, Velibeyoglu e Martinez-Fernandez, 2008). Para estes autores, a reestruturação de diversas

urbes foi orgânica, enquanto derivativa das forças globais. Porém, a réplica do planeamento urbano e regional tem sido lenta ou negligenciável face aos desafios e oportunidades.

Desde o célebre estudo, o planeamento urbano consolidou o interesse no paradigma da produção social pós-moderna (aceitação entre os teóricos urbanos). Paralelamente, o KBUD reconfigurou-se de reflexão urbana emergente para estratégia multidisciplinar fruto de interesses de estrategas, urbanistas e cientistas sociais. O seu âmago é “desenhar” uma cidade propositadamente para encorajar produção e circulação do trabalho abstrato (Cheng *et al.*, 2004), logo uma estratégia de criação e renovação do saber cidadão. Mais que controlo do progresso urbano por parte da cúpula governativa, este resume a incubação de um ambiente propício aos sectores público-privado e academia para encetarem a provisão de conhecimento.

KBUD é uma estratégia forte para o progresso económico pós-industrial de cidades e nações (Yigitcanlar, Velibeyoglu e Martinez-Fernandez, 2008), à luz de três objetivos basilares:

1. estratégia de progresso económico codificando conhecimento técnico aplicado à inovação de produtos e/ou serviços, conhecimento do mercado (análise das mudanças comportamentais dos consumidores), conhecimento financeiro para mensurar *inputs* e *outputs* de produção, processo conjugado com competências e criatividade;
2. intenção de incrementar as capacidades e conhecimento dos residentes enquanto meio para o progresso humano e social;
3. construção de uma forte relação espacial entre *clusters* de desenvolvimento urbano para potenciar a partilha de conhecimentos tácitos.

Porém, tal estratégia caracteriza-se por um estágio embrionário de maturação teórico-prática, traduzindo os objetivos de Yigitcanlar, Velibeyoglu e Martinez-Fernandez (2008) em cinco eixos analíticos: (i) vivência sócio-laboral, fim da divisão rígida de espaços associados a colaboradores; (ii) centralidade, revitalização ambiental; (iii) *branding*, valor simbólico da estratégica cidadina; (iv) aprender e jogar, valor experimental dos espaços urbanos; (v) conectividade, interação e perceção social na ótica espacial (valor experiencial). Tal é defensável tendo em consideração três recentes publicações:

- KBUD de Helsínquia- Yigitcanlar e Lönnqvist (2013), concluem sobre o obstáculo de uma verdade absoluta face às variáveis e indicadores de performance atuais. Isto é, urge a criação de métricas locais e/ou glocais (utilização de semelhantes dados) assim como de menor pendor económico (ex., dedicadas à conectividade);

- melhoria de métricas societais e regionais- Carrillo e Flores (2012) debatem o seu reducionismo comparando as propostas de várias instituições internacionais. Denotam o pendor da performance económica (inclui indicadores compósitos), em detrimento de indicadores qualitativos. Tal melhoria exige uma análise custo/benefício aos dados escolhidos para processos de normalização, agregação, robustez e sensibilidade;
- comparação de estratégias KBUD- embora exequível, denota sérias limitações devido à caracterização de indicadores (disparidades de composição) (Yigitcanlar, 2012).

Aliás, a inclusão de análises e/ou indicadores qualitativas(os) caracteriza o argumento da presente dissertação. E, modelos de campos de investigação conexos ao debate teórico, como seja da inovação regional ou marketing territorial fortalecem tal argumento (vide tabela 2).

Tabela 2. Modelos conceptuais de áreas conexas (**Fonte:** Autor)

Campo de Investigação	Modelo	Evolução	Caraterísticas	Limitações
Economia (Sistemas de Inovação)	Hélice (Carayannis e Campbell, 2010)	1ª Hélice	Foco exclusivo na academia	(i) Extremamente conceptual; (ii) reduzida aplicabilidade prática; (iii) incidência em sistemas de inovação nacionais
		2ª Hélice	Integração do mundo corporativo	Semelhantes ao modelo anterior
		3ª Hélice	Inclusão do Estado	Análogas ao modelo anterior
		4ª Hélice	Inserção dos media e da sociedade	Idênticas ao modelo anterior
Marketing Territorial	MAKCi (González e Carrillo, 2012)	-	Conversão do conhecimento tácito cidadão (regressão linear)	(i) Omissão variáveis e/ou indicadores qualitativos; (ii) Exclusão da perceção espacial e impactos

Metodologia

(Inicia em página ímpar)

3.1- A problemática metodológica

A compreensão de díspares questões metodológicas por um investigador é deveras essencial. Aliás, a proeminência da questão é tal, que investigadores menos experientes podem sentir dificuldades exasperantes (Van Acker, Ajani e Theuns, 2005). Mas, estes autores referem a naturalidade inerente ao processo de maturação do investigador e especificidades da pesquisa.

3.2- Estudos qualitativos vs. quantitativos

Investigação qualitativa foca as dimensões socioculturais dos fenómenos (Yin, 2001). Logo, os investigadores debatem-se com inumeráveis variáveis e/ou afirmações de carácter verbal, impressões e reações destes, ou análises numéricas simples (Myers, 2009). E, investigação quantitativa institui mensurações e análise de dados empíricos através de modelos matemáticos, estudos estatísticos e/ou experimentações laboratoriais (Yin, 2001).

Esta dissertação aclama a abordagem qualitativa face à essência da urbe do conhecimento *glocal*, como salienta King (2000, pp.590): “a investigação qualitativa é muito melhor que a quantitativa quando a tarefa é entender o grau de complexidade de processos organizacionais, mormente em contextos sensíveis e seus impactos nos demais envolvidos”. Apesar da falta de objetividade, saber e sensibilidade do investigador fomentar sérias limitações ao resultado da pesquisa (Sousa e Baptista, 2011), a qualidade processual desta pode superar esta condição.

3.3- Filosofia de investigação

O processo de investigação resume o enredo decretado pelo investigador, mas sustentado por “metodologias conceptuais genéricas que os investigadores empregam” (Healy e Perry, 2000, pp. 101). Estas metodologias e filosofias de investigação almejam promover uma elementar igualdade: relacionar objetivos e resultados empíricos. Mais, a escolha do investigador é motivada pelas suas preconcepções e valores (Bryman e Bell, 2007).

Tabela 3. Características das epistemologias (**Fonte:** Adaptado de Myers, 2009)

Positivismo	Interpretativismo	Teoria Crítica
Testar modelo conceptual ou teoria	Filosofia analítica (hermenêutica/semiótica)	Mudança societal (consciencialização)
Realidade objetiva	Realidade social (significados compartilhados)	Realidade histórica (processo de construção)
Proposições de cariz formal	<i>Feedback</i> (influencia vs. forma de influencia do contexto)	Influência sociocultural e/ou política
Teste de hipóteses	Variáveis não determinadas	Antagonismo, dilemas e paradoxos
Processo amostral (análise de influências)		Mitigação da influência sociocultural e/ou política

Face à informação da tabela 1, o investigador optou pelo interpretativismo enquanto filosofia de investigação orientadora. Porém, Pather e Remenyi (2004) defendem relacionar a filosofia de investigação com as suas dimensões analíticas: (i) análise hermenêutica, revela a opção estratégica das cidades (plano estratégico vs. resultados), e a análise de conteúdo de relatórios e artigos; (ii) realidade social, os significados partilhados relativos às dimensões analíticas de uma urbe do conhecimento (ex., sociocultural, tecnológica, ambiental, etc.); (iii) *feedback*, matriz identificadora da cidade ou análises comparativas para inferir sobre a influência do contexto *glocal*; (iv) variáveis não determinadas, as interações entre os conceitos propedêuticos (gestão do conhecimento, cidade e glocalidade) ilustram tal realidade.

A rejeição das outras filosofias resume as respetivas dimensões analíticas: i) positivismo, o investigador não almeja testar uma teoria ou representar uma realidade objetiva (ex., conceito de glocalidade); e, a definição dos critérios de escolha das urbes não são proposições de cariz formal; ii) teoria crítica, o investigador não discute o potencial domínio sociocultural e/ou político de uma cidade sobre outra (ex., Melbourne vs. Acra) e os paradoxos desse domínio.

3.4- Natureza da investigação

Uma investigação pode ter uma natureza exploratória, descritiva ou explanatória; e, perante um investigador inexperiente existe uma incerteza considerável, logo a opção exploratória é útil como processo preliminar (Grinnell Jr. e Unrau, 2010). Estes autores advogam uma

melhoria da validade analítica através de dados qualitativos, pois denota um entendimento do problema ao invés da sua mensuração (modelos matemáticos e análises estatísticas).

Uma pesquisa é descritiva quando um fato complexo é fragmentado em partes mais simples e perceptíveis (Miles e Huberman, 1994). Porém, não aplicável a relações não causais e assume uma análise quantitativa ordenada de díspares formas enquanto auxílio ao investigador (essência multidisciplinar) (Grinnell e Unrau Jr., 2010). Na investigação explanatória um fenômeno é analisado sob o espectro multidisciplinar (Yin, 1994); e, o enfoque quantitativo assume o teste de hipóteses (relação das variáveis- filosofia positivista) (Given, 2008). Esta dissertação é exploratória, pois a questão da essência na urbe do conhecimento resume um nível de incerteza e relações não casuais típicas de estudos qualitativos. As opções não consideradas incorrem da natureza quantitativa e/ou filosofia de investigação.

3.5- Design da investigação

Trochim (2006) refere a necessidade do *design* exibir um argumento coerente e lógico com o intuito de permitir fluidez analítica; logo, é essencial discutir as metodologias relevantes.

3.5.1- Metodologias

Myers (2009) advoga caso de estudo, etnografia, investigação-ação e teoria de base zero enquanto métodos de investigação qualitativa. Caso de estudo é um “método empírico que investiga fenômenos contemporâneos no seu contexto, sobretudo quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são evidentes” (Yin, 2009, pp. 13). Etnografia analisa os sujeitos e narra o seu mundo social (*nuances*, padrões e comportamentos culturais) (Berg, 2004); a investigação-ação realça a complexidade intrínseca à realidade social para diminuir o vínculo entre teoria e prática (Cohen, Manion e Morrison, 2007), até porque sugere a mediação do investigador para promoção da mudança (Trauth, 2001). A teoria de base zero aponta “uma recolha e análise sistemática dos dados empíricos ao longo da investigação” (Strauss e Corbin, 1998, pp. 12) para minorar a ausência de literatura (Corbin e Strauss, 2008).

Todavia, uma investigação é uma “sequência lógica que relaciona os dados empíricos com questões de pesquisa iniciais do estudo e, por último, às conclusões” (Yin, 2001, pp. 41), não dependente do método de investigação: (i) questões de investigação, conceito de urbe do conhecimento, casos de implementação, e a essência de glocalidade; (ii) proposições, critérios

associados à escolha das metrópoles e sua matriz identificadora; (iii) identificação de condicionalismos, análise de planos estratégicos, estatísticas citadinas e sequentes limitações; (iv) unidade de análise, as cidades eleitas (ex., Singapura, Estocolmo, etc.); (v) lógica que une dados e proposições, processo interpretativo e comparativo de dados empíricos.

Face ao exposto, a metodologia adequada é o caso de estudo, pois o investigador investiga a essência da metrópole do conhecimento (fenómeno atual) e os limites entre fenómeno e contexto (glocalidade) não são claros. A exclusão dos restantes métodos é justificável: (i) etnografia, o âmago da pesquisa é perceber a essência ao contrário da descrição/narração das práticas culturais das urbes; (ii) investigação-ação, o investigador não intervém nem promove mudança nas cidades em questão; (iii) teoria de base zero, apesar das limitações da literatura, tal hipótese excluiu-se fruto do hiato temporal disponível para a prossecução da dissertação.

3.5.2- Caso de estudo

Rahim e Baksh (2003), e outros autores, apontam caso de estudo como metodologia aplicável a díspares contextos. Esta opção é explicitada por Yin (1994, pp. 13): “estudo inquisitório que indaga fenómenos contemporâneos em contextos reais, mormente quando os limites entre fenómeno e contexto não são claramente evidentes”. O caso de estudo ilustra díspares taxonomias: (i) Bryman e Bell (2007), longitudinal (múltiplos hiatos temporais) e seccionais (específicos num hiato temporal); (ii) Stake (1995), intrínseco (caso específico) e coletivo (vários casos). A opção do investigador resume a opção seccionada (momento específico) e coletivo (vários casos- ex., São Paulo, Calcutá, etc.).

Ainda assim, fruto da natureza interpretativa, o investigador evoca o caso de estudo *in-depth* (Walsham, 1993). Walsham defende-o para aceder à complexidade da perceção humana e ações que caracterizam atividades organizacionais (*lato sensu*); logo, esta dissertação reflete a interação das cidades com planos estratégicos e a própria glocalidade. Mas, inerente à dificuldade interpretativa, o investigador deve gerar um processo contínuo de *feedback* entre interpretação e conceitos orientadores (Walsham, 1995). Tal, é visível através da matriz identificadora de cidades e interações intra-relatórios (análise comparativa).

Ilustração 1. Mosaico cidadão (Fonte: Autor)

Cidade	Ficha	Enquadramento Geral	População	Etnias	Religião	Economia	Cultura	Foto
Singapura								
São Paulo								
Melbourne								
Estocolmo								
Seattle								
Calcuta								
Doha								
Guadalajara								
Accra								

De seguida caracteriza-se cada caso de estudo e a matriz identificadora à luz do ranking da GaWC (2010); sendo os critérios associados às opções: (i) uma cidade de cada nível do ranking, mas apenas de Alfa⁺ a Gama⁻; (ii) de díspares geografias (África, América do Norte, Central e do Sul, Europa, Oceânia e Ásia); (iii) com representatividade nacional; e, (iv) *trade-off* entre normalidade explicativa e valor acrescentado. As notas adicionais de validação são: Londres e Nova Iorque enquanto cidades Alfa⁺⁺ iriam enviesar a análise, assim como, as categorias de menções honrosas; divisão do continente asiático fruto da dimensão geográfica e diferenças socioeconómicas e culturais.

O ranking da GaWC de 2010 é o índice mais representativo das **idades globais**, contudo, é omissa um ranking devoto às urbes do conhecimento (justifica a opção do investigador). Este ranking categoriza as metrópoles de Alfa⁺⁺ a Gama⁻ e inclui duas categorias de menções honrosas (Suficiência⁺ e Suficiência). A categoria Alfa⁺⁺ agrega cidades cuja dimensão espacial (limites entre urbe e área metropolitana) não é facilmente entendível; e, as menções honrosas resumem metrópoles não globais com potencial de incorporação no ranking.

Porém, a fim de evitar críticas face à escolha das cidades, o investigador explica as opções:

1. Tóquio não é ponderada devido ao erro “circular” do ranking (categoria Alfa⁺); mas enquanto maior urbe mundial a área territorial não é nítida (Tokyo Metropolitan Government, 2006). À semelhança de Londres e Nova Iorque a decisão é justificada;
2. Delft é também excluída, apesar de ser o exemplo acabado de cidade do conhecimento (Fernández-Maldonado e Romein, 2008). Porém não consta do ranking por não ser uma cidade global; como tal, excluiu-se Amesterdão da categoria Alfa por inerência analítica. Ou seja, analisar uma outra cidade do país com adesão ao programa *Cross Innovation* (Cross Innovation, 2012) era desprovido de sentido;
3. Lisboa e Porto são casos omissos por razões distintas. A realidade portugalense exhibe

uma ausência de estudos empíricos sobre a cidade e/ou plano estratégico do conhecimento; Lisboa, aderiu ao programa *Cross Innovation*, e a exclusão reconhece o objetivo estratégico de porventura ser projeto de doutoramento (trabalho futuro); ao invés, Estocolmo é membro ativo do programa e tem características muito próprias (cidade “dominada” pelo Estado) garantindo desde logo uma maior riqueza analítica.

Por fim, o programa *Cross Innovation* da União Europeia indicia um acordo colaborativo de várias urbes europeias para inovação sectorial, organizacional, tecnológica e geográfica. Este visa um conjunto de melhores práticas (matriz analítica) para indústrias criativas do conhecimento (Cross Innovation, 2012).

3.5.2.1- Singapura- Alfa⁺

Enquadramento

Tabela 4. Matriz identificadora de Singapura (**Fonte:** Autor)

Cidade	Singapura
País	Singapura
Enquadramento Nacional	Cidade-Estado, Capital
Região	Sudeste Asiático
Continente	Ásia
Classificação	Alpha +
Área (km ²)	710

Singapura como cidade confunde-se com a própria república soberana, a qual ocupa um conjunto de ilhas na confluência de algumas das principais rotas comerciais mundiais. É um perfeito exemplo de urbe pensada enquanto

entidade autónoma e verdadeira cidade-estado (além do Mónaco e Cidade do Vaticano) (Central Intelligence Agency, 2013).

Em 1819, a Companhia Britânica das Índias Orientais estabeleceu aí um entreposto comercial estratégico na rota das especiarias; tornando-a, um dos principais centros de comércio e militar do Império Britânico na Ásia, até à ocupação japonesa durante a 2ª Guerra Mundial. Retornou à esfera da coroa britânica (1945), até à separação como parte da Malásia (1963) e república independente (1965) (BBC News Asia, 2012).

Demografia

Tabela 5. Análise demográfica de Singapura (Fonte: Adaptado de Government of Singapore, 2013)

Ano	População	Taxa de Crescimento	Densidade Populacional
2012	5312400	2,483%	7482
2011	5183700	2,108%	7301
2010	5076700	1,786%	7150
2009	4987600	3,062%	7025
2008	4839400	5,466%	6816
2007	4588600	4,253%	6463
2006	4401400	3,179%	6199
2005	4265800	2,378%	6008
2004	4166700	1,261%	5869
2003	4114800	-1,466%	5795
2002	4176000	0,918%	5882
2001	4138000	2,733%	5828
2000	4027900	1,748%	5673
1999	3958700	0,802%	5576
1998	3927200	3,456%	5531
1997	3796000	3,414%	5346
1996	3670700	4,148%	5170
1995	3524500	3,086%	4964
1994	3419000	3,184%	4815
1993	3313500	2,563%	4667
1992	3230700	-	4550

Tabela 6. Análise étnica e religiosa de Singapura (Fonte: Adaptado de Government of Singapore, 2013)

Etnia/Pais de Nascimento	2010	2000
Chineses	75,65%	78,94%
Malaios	12,46%	12,64%
Indianos	8,54%	7,18%
Outros	3,35%	1,24%
	100,00%	100,00%

Religião	2010	2000
Budismo	33,26%	42,52%
Taoismo	10,92%	8,51%
Islão	14,73%	14,90%
Hinduismo	5,08%	4,00%
Sikhismo	0,35%	0,39%
Cristãos Católicos	7,06%	4,77%
Outros Cristãos	11,27%	9,83%
Outras Religiões	0,35%	0,25%
Sem Religião	16,99%	14,84%
	100%	100%

Economia

Singapura, como país, é o oitavo maior PIB *per capita* (39.175,08€ em 2012). A economia resume o produto entre visão de desenvolvimento, estrutura institucional, ambiente económico e baixos níveis de corrupção. Tais fatores foram potenciados em parte por constrangimentos domésticos (reduzida população e carência de recursos naturais) (World Bank, 2013).

Nos anos setenta, a cidade apostou na produção de periféricos informáticos e *software*, apesar de a indústria perdurar na malha económica. Na década de oitenta, a orientação estratégica é sectores de intensidade tecnológica e conhecimento. A visão criada pelo *Committee on Singapore's Competitiveness*, cidade do conhecimento globalmente competitiva, promove uma aposta sinérgica entre indústria e serviços. Mais, o modelo de sociedade informacional é nitidamente moldado pela prosperidade (elo às multinacionais); e, pelo investimento em infraestruturas, recursos humanos, incentivos empresariais e criação de empresas públicas (sectores estratégicos estatais- comunicação, biotecnologia, etc.) (Wong, Millar e Choi, 2006).

Todavia, a dependência elevada de empresas estrangeiras gerou uma falta de massa crítica

local; logo, Singapura estrategicamente tentou desenvolver a sua própria ciência, tecnologia e capacidades de inovação. O incentivo à fixação de multinacionais (sedes) que operam em sectores mais tecnológicos e de pequenas e médias empresas locais, gerou um núcleo de competências central que permite competir no mercado global (Wong, Millar e Choi, 2006).

Cultura

As autoridades governamentais reconheceram a indigência de Singapura ser um centro cultural vibrante, para atrair globalmente talentos com capacidade criativa e empreendedora (expansão da criatividade local). As políticas económicas atuais incentivam o incremento do capital humano, conhecimento e papel de atividade culturais para transformá-la numa “cidade das artes”. Cerca de 6% do PIB em 2013 resultaram destas atividades (World Bank, 2013).

Singapura é uma cidade cosmopolita fruto das díspares etnias e estrangeiros que aí residem e laboram. Esta diversidade denota um conjunto indefinido de valores comuns, pois a tolerância racial e religiosa é um fator integrante e essencial de uma “identidade nacional”. Dada esta faceta, o ex-primeiro ministro afirmava que Singapura não era uma nação, mas uma “sociedade em transição” (Loong, 2009, comunicação pessoal).

Os desportos mais populares são o futebol, basquetebol, críquete, etc., estando as instalações desportivas distribuídas amplamente pelas áreas residenciais. Os desportos aquáticos são muito praticados, e a cidade acolhe um dos circuitos do mundial de Fórmula 1, o GP de Singapura, desde 2008 e em vigência até 2017 (Fórmula 1, 2013).

3.5.2.2- São Paulo- Alfa

Enquadramento

Tabela 7. Matriz identificadora de São Paulo (**Fonte:** Autor)

Cidade	São Paulo
País	Brasil
Enquadramento Nacional	Maior Cidade
% Populacional Nacional	10,32%
Região	Cone Sul
Continente	América do Sul
Classificação	Alpha -
Área (km ²)	7943,82

Os primórdios remontam à fundação da aldeia de São Paulo dos Campos de Piritinga (Jesuítas, 1554); e, expande-se em 1560 devido à migração da população de Santo André da Borda do Campo (proteção face a ataques indígenas). Este processo culmina com o renomear para Vila de São Paulo, única localidade do interior brasileiro, por um lato hiato temporal (acessibilidades). Em 1681, torna-se capital da Capitania de São Vicente (São Paulo, n.d.).

À data, São Paulo era uma das regiões mais pobres do Brasil; porém, a descoberta de ouro em Minas Gerais induziu uma nova vaga de colonização e a atenção da coroa portuguesa. Esta irá controlar diretamente a região em 1709, sendo a vila reconhecida pelos bandeirantes (grupos de exploradores aventureiros). Em 1711, São Paulo é considerada cidade e quando o filão do ouro se esgotou, a economia centra-se na produção e exportação de açúcar (São Paulo, n.d.).

O Grito do Ipiranga (1822) e a criação da Escola de Direito no Convento de S. Francisco (1827), antepassada da Universidade de São Paulo, conjugados com a expansão industrial do café foram fatores capitais para o crescimento da urbe. A abolição da escravatura em 1888 implica uma elevada cifra de imigrantes, em especial camponeses italianos e portugueses, a qual permite o desenvolvimento industrial. Consequentemente, traduz um perfil de modernidade à cidade, despoletando movimentos modernistas e naturalistas (São Paulo, n.d.).

No segundo conflito mundial, as restrições no comércio mundial e a crise no sector cafeeiro, promulga uma renovada explosão e diversificação industrial (crescimento contínuo). Na década de quarenta surge a primeira autoestrada que interliga a capital ao litoral; e, na década seguinte, a Avenida Paulista afirma-se enquanto centro nevrálgico da cidade (São Paulo, n.d.).

Demografia

Tabela 8. Análise demográfica de São Paulo (**Fonte:** Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013a)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2010	19.683.975	10,089%	2477,90
2000	17.879.997	-	2250,81

Tabela 9. Análise racial e religiosa de São Paulo (**Fonte:** Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013b)

Cor / Raça	2010	Religião	2010
Branca	58,85%	Católica Apostólica Romana	56,49%
Preta	6,44%	Evangélicas	24,67%
Amarela	1,81%	Sem religião / Não Determinada	10,44%
Parda	32,78%	Espírita	3,84%
Indígena	0,11%	Outras religiosidades	3,52%
Não declarado	0,01%	Testemunhas de Jeová	1,03%

O investigador alerta para o facto da ausência de dados étnicos; contudo, tal é explicável à luz da própria culturalidade brasileira e de forma mais vincada de São Paulo (subsecção cultura). Isto é, São Paulo é uma versão microcosmos do universo como as estatísticas disponíveis no

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demonstram.

Economia

São Paulo caracteriza-se como o epicentro da industrialização brasileira desde as primeiras décadas do século XX, daí a concentração industrial num raio de 150km (cerca de 40%). Apesar de afastadas do centro da cidade (meados anos setenta), a região continua a ser muito atrativa, sendo sede de algumas multinacionais. A influência paulista é eminente, sobretudo nas zonas urbanas imediatas de Santos e de Campinas. São Paulo e a região envolvente são ainda centros das cadeias de produção e transformação de produtos do sector primário para os mercados interno e externo (ex., cana-de-açúcar, laranjas e carne) (Comin *et al.*, 2010).

A reconversão industrial manteve na cidade as sedes e funções de investigação, explorando menos espaço e externalizando processos produtivos (arredores ou outros locais do estado). Indústrias, como os têxteis, têm operado profundos processos de requalificação da mão-de-obra e modernização produtiva (competir com as economias asiáticas) (Comin *et al.*, 2010).

No sector terciário têm existido um impulso em segmentos como a segurança, alimentação, etc.; porém, são atividades como as telecomunicações, informática, serviços financeiros e consultoria que norteiam a estratégia cidadina. A coordenação institucional do ensino de excelência (ex., Universidade de São Paulo), hospitais público-privados, pequenas empresas e multinacionais potencia o desenvolvimento da indústria biotecnológica (Comin *et al.*, 2010).

A área metropolitana de São Paulo ostenta cerca de 19% do PIB brasileiro com apenas 10,5% da população total. As atividades de tecnologia e conhecimento intensivos (ex., produção de microcomponentes eletrónicos, automatismos industriais, fármacos, etc.) denotam 12% do emprego brasileiro, e 18% da massa salarial nacional. Das 1124 grandes empresas a operar no país, 365 estão na urbe, assim como 32 das 50 maiores instituições financeiras (Comin *et al.*, 2010). Em termos educacionais, São Paulo contabiliza 12% dos licenciados brasileiros, uma cifra de 30% na análise estadual; e, de 1996 e 2003, 30 % dos doutoramentos são obtidos por discentes da urbe, atingindo 60% na análise estadual (Comin *et al.*, 2010).

Cultura

A cidade encerra em si uma representação condensada da diversidade étnica e cultural brasileira. A identidade cultural da população é pela miscigenação resultante de anos de vagas

migratórias, onde cada vaga refletia novas componentes culturais e/ou costumes que se sobrepujam/mesclavam com as *ex-ante*. Aliás, os habitantes da urbe reconhecem e identificam tal processo genético e sociocultural como um dos sinais da identidade enquanto paulistanos (Castanho, 2013).

A qualidade de vida paulista não é digna de registo, pois a urbe denota engarrafamentos, poluição, e elevadas taxas de criminalidade. Apesar de oportunidades geradas por uma urbe desta dimensão, São Paulo assume características de uma “cidade dual”. A segregação populacional é perceptível no rendimento e distribuição espacial (espaços vanguardistas vs. habitações em condições de pobreza), repartidas entre parcas elites e elevadas franjas de população pobre (Deák, 2007).

3.5.2.3- Melbourne- Alfa-

Enquadramento

Tabela 10. Matriz identificadora de Melbourne (**Fonte:** Autor)

Cidade	Mellbourne
País	Austrália
Enquadramento Nacional	Segunda cidade mais populosa
% Populacional Nacional	18,68%
Região	Australásia
Continente	Oceânia
Classificação	Alpha -
Área (km ²)	9990,66

Como a maioria das colónias australianas, a razão da ocupação britânica é o receio de antecipação dos franceses, ocorrendo tentativas em 1803. Em 1835, a aldeia de Melbourne emerge junto das margens do rio *Yarra* (pois tentativas governamentais *ex-ante* de povoamento não autorizado falharam). Tal obrigou a administração de *New South Wales* a encarar *Victoria* enquanto colónia bem-sucedida e semiautónoma (proclamação oficial em 1851), e à data já detinha cerca de 80.000 habitantes (Only Melbourne, n.d.).

Embora concentre 25% da população em Melbourne, o estado de *Victoria* tinha especificidades de colónia rural. Porém, a descoberta de ouro (1851) redefiniu o seu futuro; até porque após três anos, a fasquia populacional atingia 300.000 pessoas. E, a variedade de produtos importados e a indústria mineira contribuíram para um progresso sem precedentes. Este denota Melbourne como capital financeira da Austrália (Only Melbourne, n.d.).

A exposição internacional de 1880 proporcionou visibilidade no mapa mundial das grandes urbes, sendo esta um importante centro comercial de bens como lã, trigo e outros produtos do setor primário. Embora a cidade experienciasse depressões nas décadas de 1890 e 1930, a

prosperidade e sucesso ocorreu. Após a 2ª Guerra Mundial, o dinamismo conheceu novos picos ao acolher emigrantes europeus (estratégia de atração); aliás, Melbourne exibe a terceira maior comunidade emigrante grega e, a maior italiana. Na década de setenta do século XX, assistiu à passagem do centro económico do país para Sidney (Only Melbourne, n.d.).

Demografia

Tabela 11. Análise demográfica de Melbourne (**Fonte:** Adaptado de Australian Bureau of Statistics, 2013a)

Ano	População	Taxa	Densidade
		Crescimento	Populacional
2011	4169103	1,477%	417
2010	4108441	1,655%	411
2009	4041573	2,309%	405
2008	3950357	2,076%	395
2007	3870000	-	387

Tabela 12. Análise étnica e religiosa de Melbourne (**Fonte:** Adaptado de Australian Bureau of Statistics, 2013b)

Etnia / País de Nascimento	2011	2006	Religião		
			2011	2006	
Austrália	63,30%	64,20%	Cristãos Católicos	27,20%	28,30%
Inglaterra	3,40%	3,50%	Cristãos Anglicanos	10,80%	12,10%
Índia	2,70%	-	Cristão Ortodoxos	5,50%	5,90%
Itália	1,70%	2,10%	Cristãos Igreja Unida Australia	-	4,00%
Vietname	-	1,60%	Budistas	4,00%	-
China	2,30%	1,50%	Outras Religiões	29,00%	29,72%
Nova Zelândia	1,70%	1,50%	Sem Religião	23,50%	20,00%
Outros	24,90%	25,60%		100%	100%
	100,00%	100,00%			

Economia

Melbourne denota uma economia altamente diversificada, com especial ênfase para os setores financeiro, TIC, logística, indústria e turismo; e, 5 das 10 maiores empresas nacionais estão sediadas na cidade (Zajac, 2007). Exemplos desta presença são os bancos *NAB* e *ANZ* (top 4 de dimensão organizacional), assim como, a urbe denota infraestruturas de envergadura relevante: porto marítimo mais movimentado da Austrália e o segundo aeroporto com mais tráfego (Bird Maritime, 2013).

A cidade é o centro do *cluster* da indústria automóvel, contando com fábricas da *Toyota*, *Ford* e *Holden*. Esta alberga também uma panóplia de outras indústrias, tais como: petroquímicos, componentes de aeronaves e TIC, etc. A indústria das TIC emprega mais de um terço de toda a mão-de-obra do sector no país. E, a *Sigma Pharmaceuticals* e a *CSL*, uma das maiores empresas de biotecnologia do mundo, têm sede na cidade (Entreprise Melbourne, 2013).

O sector do turismo é simultaneamente uma fonte importante de receitas, até porque Melbourne tem vindo a atrair conferências e certames a nível global. Tal deve-se à construção de diversos centros de congressos (revitalização da zona envolvente ao rio *Yarra*), e consequente benefício do setor da construção (Entreprise Melbourne, 2013).

Cultura

Melbourne pode ser vista como a “irmã mais nova e rebelde de Sydney”, sendo considerada a capital cultural da Austrália; pois, centra o apogeu da cultura, cozinha, moda e desporto. É uma das urbes com melhor qualidade de vida a nível mundial, sendo organizada em díspares bairros e quarteirões caracterizantes do progresso histórico e vagas imigratórias. Tais fatores moldaram a sua identidade (gerando um sentimento de proximidade aldeão na cidade).

O desenvolvimento citadino, tal como referido, configurou Melbourne enquanto verdadeiro *melting pot* com todos os ganhos linguísticos e socioculturais adjacentes. Esta diversidade sociocultural contribuiu para que aparentemente possua uma aura europeia, tal como é perceptível: no gosto dos locais por desporto e artes de rua; uma cultura de café (espaço público com um papel ativo e dinamizador das interações sociais) (CNN International, 2006).

3.5.2.4- Estocolmo- Beta+

Enquadramento

Tabela 13. Matriz identificadora de Estocolmo (**Fonte:** Autor)

Cidade	Estocolmo
País	Suécia
Enquadramento Nacional	Capital, maior cidade
% Populacional Nacional	22,24%
Região	Norte da Europa
Continente	Europa
Classificação	Beta +
Área (km2)	6909,22

Os primeiros registos históricos datam de 1252, e a urbe prosperou ao ponto de ser a mais importante cidade sueca. Em meados do século XVI, relaciona-se política e financeiramente com o estado; e, apesar do bulício comercial atrair outros suecos, este era controlado pela coroa e mercadores germânicos de *Lübeck* e *Danzig* (Enjoy Stockholm, n.d.).

Após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), a cidade influenciou a economia sueca ao focar-se na exportação não apenas de matérias-primas, mas de produtos transformados e acabados. Neste período surgem planos urbanísticos que visavam a construção de artérias e alargamento das ruas, até porque à data era garantido o monopólio comercial sobre a área territorial circundante. Assim, a população cresceu exponencialmente: cerca de 10.000 habitantes (início

do século XVII) para mais de 50.000 (década de 1670) (Enjoy Stockholm, n.d.).

Após o “Grande Ira” e do Tratado de *Nystad* (1722), a Suécia desapareceu da proeminência europeia; logo, entre 1750-1850 a cidade estagnou e a sua população definhou perigosamente. O desemprego, pobreza e alcoolismo contribuíam para uma mortalidade galopante. Em 1810, a riqueza gerada atingiu valores negativos históricos, pelo que, parte das funções outrora da metrópole foram assumidas por *Norrköping* (centro produtivo da Suécia) e Gotemburgo transforma-se num ponto vital para o comércio do Mar do Norte (Enjoy Stockholm, n.d.).

Porém, na segunda metade desse século, Estocolmo recuperou a liderança económica. Enceta um processo de industrialização e a construção de redes de gás, esgotos, água canalizada e caminho-de-ferro (1860). Em 1880, a população era de 245.000 habitantes; e, finais do século XIX, a maioria dos novos edifícios tinham eletricidade e telefones (Enjoy Stockholm, n.d.). A Exposição de Artes e Indústria de Estocolmo (1897) promoveu um estatuto mais global à cidade, realçado com os Jogos Olímpicos (1912). No decorrer do século revela-se uma cidade moderna, tecnológica e étnica e culturalmente diversa; reposicionando-se como urbe do conhecimento, tecnologia e serviços associados (Enjoy Stockholm, n.d.).

Demografia

Tabela 14. Análise demográfica de Estocolmo (**Fonte:** Adaptado de Statistics Sweden, 2013)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2012	2123337	1,697%	307
2011	2087902	1,839%	302
2010	2050192	1,761%	297
2009	2014719	1,863%	292
2008	1977874	1,640%	286
2007	1945957	1,605%	282
2006	1915213	1,450%	277
2005	1887837	0,836%	273
2004	1872184	0,642%	271
2003	1860247	0,530%	269
2002	1850443	-	268

Tabela 15. Análise étnica de Estocolmo (**Fonte:** Adaptado de Statistics Sweden, 2013)

Etnia / País de Nascimento	2012	2006
Suécia	69,26%	76,74%
Finlândia	3,08%	4,36%
Iraque	2,04%	1,58%
Noruega	1,64%	1,85%
Dinamarca	1,89%	1,87%
Polónia	2,10%	0,12%
Alemanha	1,32%	1,17%
Somália	1,70%	0,61%
Reino Unido	0,87%	0,79%
Tailândia	0,90%	0,65%
Irão	0,69%	0,55%
Bósnia-Herzegovina	0,32%	0,63%
Turquia	0,59%	0,53%
China	0,77%	0,04%
Outros	12,85%	8,51%
	83,02%	88,30%

Note-se que a ausência de dados empíricos sobre credos ou crenças religiosas é fruto de uma decisão governamental sueca enquanto forma de inclusão social e identidade cultural dos não nativos (Sweden Statistics, 2013).

Economia

Em parte devido à sua neutralidade teórica durante os conflitos mundiais, a Suécia preconizou um sistema de extensos benefícios sociais e um elevado nível de vida. Estocolmo é o centro desse progresso devido às infraestruturas modernas, mão-de-obra qualificada e excelentes sistemas de comunicação. A madeira, eletricidade (energia hídrica) e minério de ferro são as principais exportações, e a produção industrial de consumo interno é assegurada em 90% por empresas privadas (EasyExpat, 2013).

A maioria dos cidadãos labora nos serviços, pois quase metade das empresas têm a sua sede na cidade (ex., setor financeiro ou vestuário). As áreas com maior evidência de crescimento são as TIC e produtos de alta tecnologia, associados a empresas como a *IBM* e a *Volvo* (EasyExpat, 2013). A urbe ostenta ainda uma localização bastante popular para acolher conferências ou encontros internacionais (ex., *Globe Arena*), sendo que, as atividades turísticas têm vindo a ganhar maior ímpeto nos últimos anos (EasyExpat, 2013).

Cultura

Desde o século XVII que a urbe desenvolveu uma quase universal fluência em inglês, e um sentido de observar e ser observada no panorama internacional. Todavia, a cidade conservou um forte sentido de identidade e confiança cultural; sendo, altamente cosmopolita, bem cuidada e em perfeita sintonia com um rico passado histórico e cultural. A sua identidade cultural reencontra o expoente máximo no manancial de diminutas características únicas e divergentes entre as populações das díspares ilhas e penínsulas (Robinson, 2010).

3.5.2.5- Seattle- Beta

Enquadramento

Tabela 16. Matriz identificadora de Seattle (**Fonte:** Autor)

Cidade	Seattle
País	Estados Unidos da América
Enquadramento Nacional	Maior cidade Pacífico Noroeste, 15ª. Área Metropolitana USA
% Populacional Nacional	1,09%
Região	Pacífico Noroeste
Continente	América do Norte
Classificação	Beta
Área (km ²)	15209,3

A cidade situa-se entre a reentrância de *Puget Sound* e o lago *Washington* (zona abundante em recursos naturais), junto ao porto protegido de águas profundas que atraiu os primeiros colonos europeus (1851). A serração de madeiras foi o catalisador económico local (Simmons, 2007).

Na década de 1870 a descoberta de carvão proporcionou o crescimento da indústria extrativa; e, na década subsequente, a conexão à linha férrea do Pacífico Norte promulgou o progresso económico de Seattle. Tal configurou uma onda migratória de 1.000 habitantes mês (1889), porém a cidade sofreu os efeitos da depressão nacional (1893). Em 1897 foi-lhe atribuído o controlo das atividades inerentes à descoberta de ouro no Canadá e Alasca (Simmons, 2007).

Duas novas linhas ferroviárias transcontinentais converteram a urbe num centro comercial e de transporte excecional com Ásia e Pacífico Norte. Impera a multiculturalidade fruto da emigração escandinava, afroamericana, japonesa, italiana, etc. Em 1909, Seattle recebe a Exposição Alasca-Yukon-Pacífico, denotando a força no Pacífico Norte (Simmons, 2007).

A 1ª Guerra Mundial transfigurou a indústria naval, pois esta contribui com 20% para a tonelagem americana produzida durante o conflito. A recessão dos anos vinte, agravada pela Grande Depressão, diluiu a revitalização desta indústria no conflito mundial seguinte. E a exposição mundial futurista em 1962, a *Century 21*, deixou uma marca indelével: centros de espetáculos e desportivos, o *Monorail* e o *Space Needle* são exemplos (Simmons, 2007). Esta consolidou o centro da urbe devido ao impacto na estabilização populacional (meio milhão de habitantes e explosão dos subúrbios). Nos anos setenta, as perdas económicas da *Boeing*, causaram reveses e impulsionaram o processo de diversificação empresarial através de corporações como a *Weyerhaeuser*, a *Microsoft* e outras instituições (Simmons, 2007).

Demografia

Tabela 17. Análise demográfica de Seattle (**Fonte:** Adaptado de United States Census Bureau, 2013a)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2012	3552157	1,489%	234
2011	3500026	1,478%	230
2010	3449059	1,209%	227
2009	3407848	1,885%	224
2008	3344813	1,072%	220
2007	3309347	1,405%	218
2006	3263497	-	215

Tabela 18. Análise étnica e religiosa de Seattle (**Fonte:** Adaptado de United States Census Bureau, 2013b)

Etnia / País de Nascimento	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	Religião	2012
Branços	72,50%	73,30%	73,30%	75,30%	75,70%	76,10%	75,90%	Cristãos Católicos	12,00%
Negros ou Afroamericanos	5,60%	5,50%	5,50%	5,50%	5,20%	5,20%	5,30%	Cristãos Baptistas	2,00%
Mexicanos	6,70%	6,90%	6,80%	6,10%	5,70%	5,30%	4,90%	Judeus	1,00%
Chineses	2,50%	2,70%	2,40%	2,40%	2,20%	2,30%	2,20%	Islâmicos	0,10%
Filipinos	2,10%	1,90%	2,00%	1,90%	1,70%	1,90%	1,80%	Outras Religiões	15,90%
Outras Etnias	10,60%	9,70%	10,00%	8,80%	9,50%	9,20%	9,90%	Sem Religião	69,00%
	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%		100,00%

Economia

Seattle dispõe de uma economia forte e diversificada, enquanto plataforma logística de produtos a nível nacional e internacional. O seu porto de contentores é dos maiores dos Estados Unidos e ligação preferencial de produtos com o Alasca e a Ásia. Este porto serve de base aos 300 navios da Frota Pesqueira do Pacífico Norte (Johnson, 2013). A construção naval é também relevante (ex., rebocadores, iates, etc.), além das indústrias conexas a esta atividade. A urbe é sede de uma unidade produtiva da *Boeing Commercial Airplanes*, e possuindo um *cluster* da indústria aeroespacial. A região ostenta um centro de produção e desenvolvimento da *Boeing* para os sectores militar e espacial (Johnson, 2013).

Seattle vangloria-se através de instituições educacionais de renome (ex., *Washington University*). Esta contabiliza cerca de 40.000 colaboradores e sendo constantemente agraciada com fundos federais para investigação. Enquanto incubadora tecnológica já lançou cerca de 170 empresas (ex., *Zymogenetics*, *Immunex*, *Lumera Corporation*, etc.) (Johnson, 2013). A cidade é ainda um berço privilegiado de empresas como a *John Nordstrom* e a *Starbucks*, e de setores de alta tecnologia. Exemplos são: a *Corbis*, empresa de armazenamento online; a *Amgen*, líder mundial de biotecnologia, está a construir um dos maiores centros de I&D desta área; Centro de Investigação do Cancro *Fred Hutchinson*, pioneiro em pesquisa do uso de medula óssea na prevenção, diagnóstico e tratamento de cancro (Johnson, 2013).

Cultura

A cidade conta com organizações artísticas de renome: a *Seattle Symphony* ou *Opera* e a *Pacific Northwest Ballet*. Dispõe de uma densa rede de espaços culturais com referência para o *Seattle Art Museum* ou *Experience Music Project*, existindo cerca de 80 companhias de teatro (25 profissionais). São organizados inúmeros festivais e concertos coadunados com grupos famosos de rock, pop, jazz e grunge. O basquetebol, basebol e futebol americano são os desportos mais populares, representados por diversos clubes profissionais (Office of Intergovernmental Relations, 2011).

3.5.2.6- Calcutá- Beta

Enquadramento

Tabela 19. Matriz identificadora de Calcutá (Fonte: Autor)

Cidade	Calcuta
País	Índia
Enquadramento Nacional	Terceira Área Metropolitana na Índia
% Populacional Nacional	1,21%
Região	Subcontinente Indiano
Continente	Ásia
Classificação	Beta -
Área (km ²)	1888,67

A região da urbe é habitada continuamente há cerca de 2.000 anos. Porém, registos históricos fidedignos surgem apenas na década de 1690 (chegada da Companhia da Índias Orientais Inglesa). A companhia adquiriu os direitos de exploração dos terrenos onde hoje se localiza a

cidade (1698) (India Netzone, 2008a).

Concluída a construção do *Forte William* pelos britânicos e sua melhoria (1756), Calcutá torna-se capital dos territórios controlados pela Companhia (1772). Em meados do século XIX, configura um rápido crescimento industrial das áreas têxtil e juta face ao investimento britânico em infraestruturas (transportes e comunicações) (India Netzone, 2008a). A fusão entre as culturas britânica e indiana gerou uma nova classe de indianos urbanos, mais sofisticada cultural e profissionalmente. Tal sofisticação expandiu-se ao longo do “Renascimento de Bengala” (India Netzone, 2008a); e, gradualmente, Calcutá torna-se centro nevrálgico de revoluções associadas a movimentos independentistas- berço da temporária “Partição de Bengala” (1905). Isto induz os britânicos a elegerem Nova Deli como capital (1911) (Bharatonline, n.d.).

Durante a 2ª Guerra Mundial, a cidade é bombardeada pelos nipónicos, gerando uma espiral de falta de alimento e morte de milhões de pessoas (1943). A partição da Índia provocou uma onda migratória islâmica para o atual Bangladesh e estagnação económica (Bharatonline, n.d.). Na década de 1980, a cidade perdeu o estatuto de cidade mais populosa para Mumbai. Apenas no final do século transacto a economia denotou um crescimento sustentado, após reformas a favor da economia de mercado. Em pleno século XXI resume a sua vitalização através de parcerias com o setor das TIC e indústria (Bharatonline, n.d.).

Demografia

Tabela 20. Análise demográfica de Calcutá (**Fonte:** Adaptado de Government of India, 2013)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2011	14112536	6,867%	7472
2001	13205697	-	6992

Tabela 21. Análise religiosa de Calcutá (**Fonte:** Adaptado de Government of India, 2013)

Religião	2011
Hindus	77,68%
Muçulmanos	20,27%
Cristãos	0,88%
Sikhs	0,34%
Budistas	0,14%
Jainistas	0,46%
Outros	0,05%
Não definida	0,19%
	100,00%

É importante realçar que não existe informação disponível sobre a temática da etnia nos dados estatísticos de Calcutá, contudo o motivo não é entendível.

Economia

Calcutá é o centro comercial e financeiro da Índia Oriental devido às condições geográficas e estruturais: proximidade do rio Ganges, e crescimento continuado das infraestruturas (ex., aeroporto internacional, rede rodoferroviária, etc.). A estabilidade financeira é efeito do desenvolvimento industrial diversificado (ex., equipamentos elétricos e eletrónicos, joalheria, setor automóvel, etc.). Este *cluster* industrial gera uma quantidade assinalável de postos de trabalho, sustentando a economia e o custo de vida na urbe. O foco elevado na exportação e taxonomia de produtos promove atenção e investimento internacional (India Netzone, 2008b).

A urbe exhibe ainda um sistema económico informal “absorvente” da mão-de-obra menos qualificada. Tal economia, inclui limpezas domésticas, pequenas reparações, etc; sendo praticadas mormente por imigrantes e nativos dos bairros periféricos (40% da população ativa) (India Netzone, 2008b).

Contudo, a cidade sofreu uma dura recessão durante a década de 1990 devido às vagas de migração, colapso da indústria de juta, greves e a Guerra com o Bangladesh. A sua rápida decadência foi reconfigurada no milénio através da reconversão industrial e de centros de desenvolvimento de *software*. A filosofia subjacente é potenciar as trocas comerciais (exportação), revitalizando o seu estatuto financeiro e comercial. Este processo foi nuclear

para acelerar o desenvolvimento do estado indiano de Bengala Oeste (India Netzone, 2008b).

Cultura

Os habitantes de Calcutá vivem muito nos espaços exteriores, o que gera um ambiente fervilhante. As ruas são locais de destaque para atividades desportivas, lazer, práticas religiosas, etc. Os seus cidadãos são apreciadores de uma diversidade alargada de géneros musicais, sendo a sua prática um componente integrante do quotidiano (Kolkata, n.d.). As festividades são uma das características intrínsecas de Calcutá, pois acolhe uma variedade de certames (ex., feiras, festivais de cinema, etc.) étnicos (Marwaris, Parsis, Anglo-indianos, Judeus, etc.). Um fenómeno distinto são as *addas*, reuniões informais realizadas em cada bairro para discussão de assuntos transversais (ex., cinema, livros, arte, etc.) (Kolkata, n.d.).

3.5.2.7- Doha- Gama+

Enquadramento

Tabela 22. Matriz identificadora de Doha (**Fonte:** Autor)

Cidade	Doha
País	Qatar
Enquadramento Nacional	Capital, maior cidade
% Populacional Nacional	46,89%
Região	Médio Oriente, Golfo Pérsico
Continente	Ásia
Classificação	Gamma +
Área (km ²)	132

independência (1971) (Encyclopaedia Britannica, 2013).

Nos primórdios do século XIX, Doha era uma diminuta aldeia, originalmente instituída sob o nome de *Al-Bidda*. A cidade converteu-se na capital do protetorado britânico do Qatar em 1916, e do país após a

Em 1900, a população de Doha era de 12.000 habitantes e uma economia regional dependente da pesca e extração de pérolas; porém, a concorrência japonesa na década de 1930 surtiu uma recessão económica grave na região, sendo finalizada com a descoberta de crude. Atualmente, o Qatar produz cerca de 800.000 barris de petróleo diários (Encyclopaedia Britannica, 2013).

Analogamente, no período histórico de 1900, os edifícios preponderantes eram *kasbas* (estruturas simplistas de lama, pedra e coral). Mas após o achado e exploração das reservas petrolíferas, estes diluíram-se gradualmente em detrimento de uma arquitetura contemporânea e quiçá surrealista. Assim, à semelhança de outros países da região, a modernização súbita demoliu quase de forma plena o património cultural (Encyclopaedia Britannica, 2013).

Até à década de 1970, Doha era conhecida como porto de alguma relevância local; pois, as águas baixas da baía impediam o acesso a navios de grande porte. A edificação do porto de águas profundas (1970) colmatou a falha, e redesenhou a baía na atual forma crescente; fundação da Universidade do Qatar (1973) e o Museu Nacional (1975) (Encyclopaedia Britannica, 2013).

Demografia

Tabela 23. Análise demográfica de Doha (**Fonte:** Adaptado de Qatar Statistics Authority, 2013a)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2010	796947	134,50%	6037
2004	339847	-	2575

Tabela 24. Análise étnica e religiosa de Doha (**Fonte:** Adaptado de Qatar Statistics Authority, 2013b)

Etnia / País de Nascimento			Religião	
	2009	2001		2004
Qatar	26,37%	36,50%	Islâmicos	79,13%
Outras nacionalidades	73,63%	63,50%	Cristãos	10,15%
	100,00%	100,00%	Outros	10,73%
				100,00%

Economia

O relatório *Economist Intelligent Unit* (2013) vincula Doha enquanto quinta economia mais forte do mundo. Tal posição é avaliada face à combinação de fatores tais como: dimensão do mercado, poder de compra e perspectivas de crescimento. Neste estudo, Doha é tida como a 47ª cidade mais competitiva, alio a urbes como Milão e Osaka. Na categoria de maturidade financeira, ocupava a 25ª posição, similar às cidades de Abu Dhabi e Kuwait (Staff, 2012).

Doha é claramente o centro económico do Qatar, pois as sedes corporativas das petrolíferas (ex., *Qatar Petroleum*, *Qatar Gas* e *RasGas*) estão sediadas na cidade. A relevância destas empresas é elevada em termos locais e nacionais face à sua capacidade geradora de emprego, estando ambas as dimensões bastante dependentes das receitas do setor (InterNations, 2013).

Porém, o governo está a investir em outras áreas para atenuar a dependência nacional dos hidrocarbonetos. A aposta resume a construção de projetos imobiliários de menção mundial, como por exemplo “A Pérola”. Estes projetos intentam gerar uma percepção e vivência de exclusividade aos visitantes e/ou residentes (gama variada de bens de luxo). O crescimento populacional é um fator explicativo do desenvolvimento imobiliário, e da especulação associada (inflacionamento brutal dos preços das habitações) (InterNations, 2013).

Cultura

Os principais eixos de divisão social são a nacionalidade e ocupação profissional. A contratação de colaboradores estrangeiros associa certas nacionalidades a profissões e aos salários analogamente. Apesar destas desigualdades, a atmosfera é, em geral, de tolerância. Os não nacionais podem preservar os seus costumes, como por exemplo: vestuário, prática religiosa, e/ou os seus filhos frequentarem aulas na sua língua nativa (Everyculture, 2013).

O comportamento social tende a ser altamente respeitador da privacidade, familiar, hospitalidade e a separação pública dos géneros. O papel masculino é mais preponderante na vida pública, mas o peso dos costumes relativo às mulheres é menos rígido face a outros países muçulmanos. Até porque as mulheres têm acesso ao ensino e ao mercado de trabalho, contudo desempenhando papéis de índole mais discreta e privada (Everyculture, 2013).

3.5.2.8- Guadalajara- Gama

Enquadramento

Tabela 25. Matriz identificadora de Guadalajara (**Fonte:** Autor)

Cidade	Guadalajara
País	México
Enquadramento Nacional	Segunda cidade mais populosa
% Populacional Nacional	3,95%
Região	América Central
Continente	América do Norte
Classificação	Gamma
Área (km2)	2734,10

A urbe foi erigida em três locais *ex-ante* à localização atual, sofrendo invasões das populações indígenas (Guerra de *Mixtón*-1541); as quais provocaram um rasto de destruição tremendo: 126 pessoas (registos-1542). O rei de Espanha concede-lhe o estatuto de cidade em 14 de Fevereiro do ano em questão (MeExperience, 2013).

Em 1560, as sedes do reino autónomo e diocese da Nova Galiza transferem-se de Compostela para Guadalajara; implicando a mudança de várias ordens religiosas. Apesar da existência da *Universidad de Guadalajara* (1791) e do Hospital Real de *San Miguel de Belén* (1794), a economia baseia-se na agricultura e produção de têxteis e sapatos (MeExperience, 2013).

Guadalajara perdura enquanto capital da Nova Galiza até à Guerra da Independência do México (1810-1821), tornando-se a capital do estado de Jalisco (criado em 1823). Inicia-se o desenvolvimento de indústrias de pequena escala aproveitando o *know-how* de alguns imigrantes europeus. Entre 1884 e 1890 as redes elétricas, os transportes ferroviários e o

Observatório foram estabelecidos (MeExperience, 2013).

Desde 1996, a presença de multinacionais gerou um efeito significativo no tecido económico e social da urbe. Os produtos eléctricos e electrónicos são a sua marca distinta além da cerveja; e, a ascensão da fasquia tecnológica preconizou uma mudança estratégica a favor das indústrias de alta tecnologia e serviços (ambiente não favorável à classe trabalhadora de setores tradicionais) (MeExperience, 2013).

Demografia

Tabela 26. Análise demográfica de Guadalajara (**Fonte:** Adaptado de Instituto Nacional de Estadística Y Geografía, 2013a)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2010	4434878	8,277%	1622
2005	4095853	10,725%	1498
2000	3699136	6,223%	1353
1995	3482417	-	1274

Tabela 27. Análise étnica e religiosa de Guadalajara (**Fonte:** Adaptado de Instituto Nacional de Estadística Y Geografía, 2013b)

Etnia / País de Nascimento	2010	2005	Religião	
			Religião	2010
Estado de Jalisco	82,83%	95,87%	Católica	90,64%
Outro Estado Mexicano	14,53%	2,61%	Protestantes e Evangélicas	3,83%
EUA	0,55%	0,74%	Bíblicas diferentes de Evangélicas	1,01%
Outro País	0,25%	0,14%	Judaica	0,03%
Não Especificado	1,84%	0,65%	Otras religiões	0,07%
Total	100,00%	100,00%	Sem religião	1,98%
			Não especificado	2,45%
			Total	100%

Economia

Guadalajara ganhou notoriedade enquanto o *Silicon Valley* Mexicano devido à sua indústria tecnológica. A cidade é a maior produtora de tecnologia no país, oferecendo uma panóplia de produtos e serviços de gama alta, nomeadamente o desenvolvimento de aplicações, componentes da indústria automóvel, impressoras, dispositivos médicos, etc. (Bricio, 2011).

A cidade inscreve no seu portfólio empresarial marcas líderes na produção de componentes electrónicos: a *IBM*, a *Hewlett Packard* ou a *Kodak*. E, estas acoplaram a si um conjunto de fornecedores requerentes de mão-de-obra qualificada. Logo, o incentivo ao estabelecimento de empresas idênticas para melhoria contínua de infraestruturas, transportes, comunicações, e educação é forte. A contribuição da alta tecnologia nas exportações é de 60% (Bricio, 2011).

A área metropolitana de Guadalajara acolhe mais de 20 universidades, que facultam cursos conexos a setores de tecnologia intensiva. Exemplos de renome são: a *Universidad de Guadalajara* (segunda universidade pública do ranking nacional), e a *Universidad Autónoma de Guadalajara* (primeira universidade privada). O interesse estratégico do *cluster* gerou fundos estatais para promoção de formação contínua, com o intuito de tornar Guadalajara o “centro” de mão-de-obra especializada por excelência da América Latina (Bricio, 2011).

Cultura

Guadalajara é retratada como a autêntica cidade mexicana, pois é berço da pluralidade dos símbolos mexicanos reconhecidos mundialmente. Nesta zona surgiram os *mariachis*, a tequila (a região é das maiores produtoras) ou os *sombreros* (MeExperience, 2013).

A urbe ilustra um ambiente cosmopolita, denotando todas as oportunidades e benefícios de uma metrópole. Porém, o bulício e ritmo avassalador da capital, Cidade do México, não é sençiente em Guadalajara. Esta oferece uma vasta riqueza cultural e uma fervilhante panóplia de arte, cultura e história (MeExperience, 2013); sendo tal realidade visível no acolhimento de eventos internacionais de alguma nomeada: Cimeira Ibero-americana (1991); terceira Cimeira da América Latina, Caraíbas e União Europeia (2004); *Encuentro Internacional de Promotores y Gestores Culturales* (2005); e, os Jogos Pan-americanos (2011) (Secretaria de Gobernación, 2010).

3.5.2.9- Acra- Gama

Enquadramento

Tabela 28. Matriz identificadora de Acra (**Fonte:** Autor)

Cidade	Accra
País	Gana
Enquadramento Nacional	Capital, maior cidade
% Populacional Nacional	16,55%
Região	África Ocidental, Golfo da Guiné
Continente	África
Classificação	Gamma -
Área (km2)	3245

britânicos, tornando-a a capital da Costa do Ouro britânica (Nejru, 2013).

A atividade humana na zona de Acra é mais intensa após o processo de colonização europeia por Portugueses, Holandeses, Franceses, Britânicos, etc. (século XVII). A captura definitiva ocorre em 1877 pelos

Em 1908, é iniciada a construção da linha férrea de *Acra-Kumasi*, para ligar o principal porto às zonas interiores produtoras de cacau (principal exportação do país em 1924). Em 1923, a

construção da ponte sobre a Lagoa *Korle* permite o crescimento da urbe para oeste (ex., hospitais e escolas). O investimento em infraestruturas é fruto do crescimento populacional, devido à atração de habitantes de zonas rurais e de investidores britânicos (Njeru, 2013).

Nos anos pós Segunda Guerra Mundial, os bairros de *Ridge* e de *Cantonments* são projetados como áreas residenciais para acolher imigrantes europeus. Todavia, bairros como *Nima* ou *Accra New Town* denotam falta de planeamento, convertendo-se numa amálgama populacional sobretudo de migrantes do interior. A baixa da cidade foi adaptada neste período através de edifícios modernos de índole comercial, administrativa e judicial (Njeru, 2013).

Em 1957, o governo do primeiro-ministro *Kwame Nkrumah* delineou um novo plano de progresso citadino. Deu-se ênfase à criação de espaços exacerbadores do nacionalismo (ex., Praça da Independência ou a Casa do Estado), e estipulou-se olvidar a zona costeira como forma de propaganda política (subdesenvolvimento vs. marcos nacionalistas). Estas políticas cingiram a área comercial à sobrepopulada baixa da cidade (Njeru, 2013).

Hoje, a cidade é estruturada em redor dos locais originais dos fortes britânico (*Jamestown*), dinamarquês (*Osu Castle*) e holandês (*Usshertown*) contando com o Museu Nacional, a Academia de Artes e Ciências do Gana, os Arquivos e o Teatro Nacional. É uma autêntica plataforma logística, pois reúne ligações ferroviárias para *Tema*, *Sekondi-Takoradi* e *Kumasi*, além de possuir o Aeroporto Internacional de *Kotoka* (Accra Metropolitan Assembly, 2006).

Demografia

Tabela 29. Análise demográfica de Acra (Fonte: Adaptado de Ghana Districts, 2013)

Ano	População	Taxa Crescimento	Densidade Populacional
2010	4010054	38,01%	1236
2000	2905726	490,81%	895
1960	491817	-	152

Tabela 30. Análise étnica e religiosa de Acra (Fonte: Adaptado de Government of Ghana, 2013)

Etnia / País de Nascimento	2010	Religião	
		2010	
		Cristãos - Pentecostalismo e Movimento Carismático	38,00%
Akan	39,80%	Cristãos - Protestantes	26,00%
Ga-Dangme	29,70%	Cristãos - Católicos	9,70%
Ewe	18,00%	Cristãos - Outros	9,20%
Outros	12,50%	Islâmicos	10,20%
	100,00%	Outras religiões	6,90%
			100,00%

Economia

A área metropolitana de Acra representa cerca de 10% do PIB ganês, sendo a contribuição do sector secundário 50% do valor gerado; ainda assim, a pluralidade dos postos de trabalho é do sector terciário. A produtividade é superior no sector secundário, contudo evidenciando diferenças intrasectoriais (ênfase no sector terciário): comércio grossista e retalhista (46,9%), transportes, armazenamento e comunicações (11,5%) (Farvacque-Vitkovic *et al.*, 2008).

No sector secundário, o peso da indústria é de 67% face aos 22% da construção; enquanto no sector primário, a pesca reclama 78% da riqueza gerada (10% do pescado é exportado). Mas as fracas condições de acondicionamento tornam os preços artificialmente baixos, logo as famílias subsistentes da atividade ostentam severas condições de pobreza. As debilidades do sector agravam igualmente as condições de crédito (Farvacque-Vitkovic *et al.*, 2008).

Acra exhibe ainda um conjunto preocupante de debilidades a nível infraestrutural. É típico o mau estado das vias que ligam o centro da urbe à periferia, e contam apenas duas faixas (gerando um trânsito caótico). A rede elétrica atual é pouco sustentável sendo o fornecimento bastante errático; e, o acesso a água potável é mais facilitado a grandes corporações pois têm capacidade financeira para adquirirem tanques de reserva. Assim, a produção e produtividade das pequenas/médias empresas são altamente constrangidas (Farvacque-Vitkovic *et al.*, 2008).

Cultura

A Assembleia Metropolitana estabeleceu enquanto âmago desenvolver a reputação da urbe como cidade de cultura. O propósito primordial é a manutenção e salvaguarda do património e herança cultural; e, como tal, o planeamento estratégico visa dotar a metrópole de um espírito de receção e usufruto de artes e atividades culturais (exposição e respeito pelas diversas heranças culturais). Este projeto encetou um mapeamento de identificação, recolha, análise e síntese informação dos recursos culturais da capital ganesa (Mingle, 2011).

3.5.2.10- Mosaico territorial

Esta subsecção expõe um “mosaico”, conjunto de imagens das metrópoles, para ilustrar a sensação de glocalidade (semelhanças- global vs. diferenças- local) no sentido territorial.

Ilustração 2. Mosaico citadino (Fonte: Autor)



A figura 2 ilustra traços arquitetônicos ou organização do espaço citadino que apelam a um maior/menor grau de percepção e vivência (Lefèbvre), consoante a posição no ranking do GaWC (em teoria). Como a organização espacial é influenciada por tendências globais e “constrangimentos” geofísicos locais, será relevante num futuro próximo analisar a semiótica espacial e influência na gestão do conhecimento citadina (vide tendências e recomendações).

3.6- Dados empíricos

Relembrando Yin (2001), sequência lógica da investigação, é razoável inferir sobre a essencialidade da recolha de dados empíricos; mas, o nível de importância está relacionado com o método de investigação (Aaker, Kumar e Day, 2007). Estes autores dividem as fontes de dados empíricos em primárias (dados reportados pelo autor analisando fontes secundárias), e secundárias (estudos prévios ou relatórios). Assim, a matriz identificadora e análises comparativas são fontes primárias; enquanto publicações *ex-ante* e relatórios são secundárias.

3.6.1- Recolha de dados empíricos

São comumente aceites como formas de recolha de dados empíricos: entrevistas, questionários, observação participante, experimentação em ação, documentos e reações ou impressões do investigador (Silverman, 2006). E, este autor confronta os métodos com a

opção metodológica: (i) entrevistas (qualitativa), análise textual às opiniões dos entrevistados; (ii) questionários (quantitativa), verifica correlações latentes entre as variáveis em estudo, mas com índice explicativo irrelevante; (iii) observação (qualitativa), crucial para investigar culturas; (iv) experimentação em ação (qualitativa), ações realizadas pelo investigador; (v) documentos (análise textual qualitativa), denota a percepção da organização (*lato sensu*); (vi) reações ou impressões do investigador (qualitativa), notas escritas do processo de observação.

O investigador optou por proceder à análise textual qualitativa de documentos de cariz organizacional. E, Bodgan e Biklen (1998) subdividem-nos em três categorias: (i) pessoais, redigidos por pessoas para fins pessoais (ex., diários, etc.); (ii) oficiais, ilustram um carácter organizacional (ex., relatórios, etc.); (iii) populares, produções de carácter comercial (ex., anúncios, etc). As outras formas são omissas devido às subseqüentes considerações: (i) entrevistas, impossibilidade geográfica e custos financeiros associados; (ii) questionários, dificuldades de realização e contra procedente para análise a variáveis não determinadas; (iii) observação, razões análogas às entrevistas e conexão a práticas culturais; (iv) experimentação em ação, o investigador não é agente da mudança, logo não aplicável; (v) reações ou impressões do investigador, como limitações da observação excluíram-se automaticamente.

3.6.2- Análise de dados empíricos

A análise textual qualitativa denota quatro partes essenciais (Bardín, 1977): (i) decomposição textual, processo de unitarização (fragmentação dos dados recolhidos para acesso às unidades basilares); (ii) reconhecimento de relações, junção e classificação das unidades constituintes (categorias); (iii) emergência de constructos, análise intensa e crítica devido aos procedimentos prévios para validação (compreensão); (iv) processo auto-organizado, ciclo de análise que ilustra a auto-organização da compreensão, a qual pode ser original ou imprevista.

Geanellos (2000) refere tal interpretação como fundamentalmente “ingénuo” (significado inicial); logo, o processo de continuidade sistemática (*feedback* entre partes e todo) caracteriza a interpretação como profunda e detalhada (análise hermenêutica). Klein e Myers (1999) advogam sete princípios norteadores da análise hermenêutica:

1. círculo hermenêutico- consagra o conhecimento enquanto resultado da interação entre todo e partes e vice-versa. Um exemplo das partes são as inferências numéricas (análise às estatísticas) vs. os planos estratégicos ou relatórios (todo);
2. contextualização- impõe uma reflexão crítica ao contexto social e histórico da

pesquisa para haver um entendimento cabal do *status quo*. A matriz identificadora de cada urbe e sua caracterização são exemplos;

3. interação entre investigador e temáticas- ponderação sobre os dados empíricos recolhidos e sua construção. A visão externa do autor admite um distanciamento analítico teórico, ou a dificuldade de aceder às idiosincrasias socioculturais;
4. abstração e generalização- expressa os detalhes interpretativos dos dados face aos princípios um e dois. Visível nas considerações da análise comparativa das urbes;
5. diálogo interpretativo- sensibilidade pré-inicial vs. os constructos teóricos influenciadores do design da investigação e evidências empíricas (ciclos de revisão). Um exemplo são as múltiplas revisões promulgadas às estatísticas de cada cidade;
6. múltiplas interpretações- a interpretação pode exhibir inúmeras aceções, e nesta pesquisa resume as ilações e organização de informações relevantes pelo investigador;
7. suspeição- existência de perspetivas parciais ou distorções sistemáticas no processo de recolha dos dados empíricos. Um exemplo elucidativo foi a impossibilidade do investigador aceder durante quinze dias às estatísticas de Seattle devido à suspensão dos serviços federais norte-americanos.

3.7- Limitações metodológicas

A validade de estudos qualitativos debate a subjetividade interpretativa derivada do processo hermenêutico (Silverman, 2005), apesar da natural margem de erro resultante das interpretações. Mas, este autor explicita seis estratégias minimizadoras do erro: (i) verificação plausível; (ii) explicação dos dados empíricos; (iii) iteração dos dados obtidos; (iv) avaliação externa; (v) envolvimento cooperativo; e, (vi) justificação das preconcepções do investigador.

Para Niiniluoto (1997), o aumento da fiabilidade em estudos interpretativos, admite a pesquisa de literatura, debate das variáveis com outros intervenientes e uma abordagem multidisciplinar. O autor realizou tais requisitos: (i) literatura, visível na dissertação; (ii) debate de processos e resultados, análise tripartida (autor, orientador e outros elementos); (iii) opção metodológica, a abordagem multidisciplinar (ex., matriz identificadora das urbe).

Por fim, a pesquisa social enfatiza obrigações morais ao investigador porque afeta os demais interessados (Cohen, Manion e Morrison, 2007). Princípios como a integridade, respeito mútuo, beneficência e justiça devem ser cumpridos (Roberts, 2001); os quais se traduzem na integridade da investigação e respeito pelos contextos locais (distanciamento analítico).

Discussão de Resultados

4.1- Desiderato

As nove cidades sob escrutínio são analisadas à luz das suas iniciativas estratégicas no âmbito do saber (análise micro), quer resumam uma ausência ou ações isoladas e concertadas. Em alguns casos, tais iniciativas aliaram-se às características singelas que produzem as diametrais disparidades das urbes. Enfatiza-se a realidade da cidade-estado de Singapura, a omnipresença estatal no progresso de Estocolmo ou o progresso económico súbito de Doha.

A análise meso proverá a comparação das urbes face à sua posição geográfica. Ao confrontar as cidades americanas (Seattle, Guadalajara e São Paulo) e asiáticas (Doha, Calcutá e Singapura), revela-se a predominância das escolas de pensamento associadas à sua latitude e longitude. Porém, a proximidade geográfica das urbes destes grupos é de relevância moderada, pois os vetores locais organicamente tecem um ecossistema único. Esta diametria impõe a análise comparativa de Singapura e Melbourne, pois a plasticidade orgânica das cidades incorre no exemplo concetual similar à urbe do conhecimento *glocal*. A exclusão de Estocolmo e Acra é justificada pelo contraditório: (i) não existência fac-símile para cada urbe; (ii) a estratégia de Estocolmo denota a escola europeia, e as debilidades estruturais e socioeconómicas de Acra não permitem derivar um plano e ligação à escola de pensamento.

Por fim, a visão macro (global) das cidades, explora as reflexões do nível meso aferindo-as sob a lente da essência da urbe do conhecimento *glocal*; identificando-se também tendências comuns e detalhes que as demarcam ou unem. De seguida, são expostas tabelas com indicadores (geográficos, económicos e socioculturais) que atestam as limitações da análise meramente quantitativa na construção cabal de uma cidade do conhecimento *glocal*.

4.2- Análise micro

4.2.1- Singapura

4.2.1.1- Cidade-estado: processo desenvolvimentista

As características geográficas e socioeconómicas de Singapura traduzem-na como caso ímpar

no globo citadino. É uma verídica cidade-estado e pertence a um grupo restrito composto por si própria, o Principado do Mónaco e a cidade do Vaticano. Porém, os índices de progresso, autossuficiência e pujança económica distanciam-na das suas congéneres; e, apesar da sua condição de urbe, exhibe uma população superior a países como Noruega, Irlanda ou Uruguai e o seu PIB *per capita* é similar a estados como o Canadá, Suécia ou EUA (World Bank, 2013).

Esta sua dimensão, cidade de âmbito nacional, induz aos seus governantes uma mescla de proveitos e prejuízos, oportunidades e desafios. Ao contrário de grandiosas urbes como Nova Iorque ou Tóquio, Singapura não consegue captar capital ou mão-de-obra especializada em território nacional, logo é crucial angariar além-fronteiras. Nesta procura incessante, compete com economias maduras e emergentes; e, a escassa dimensão territorial deixa Singapura ainda mais à mercê de impactos internacionais (quantidade e valor de matérias-primas) (Pin, 2012).

O espaço geográfico potencia as limitações de deslocações intra-territoriais, invalidando a opção dos seus habitantes se deslocarem para zonas com menores custos de ocupação. Este problema traduz uma desigualdade de rendimentos dos seus cidadãos; e, tal é uma questão social prioritária em termos globais mas redimensionada em Singapura (Min e Soon, 2012). Assim, a solução para faixas populacionais de índices salariais baixos constantes é a emigração, com a conseqüente perda de talento e capital intelectual para Singapura.

Por último, a circunstância da República de Singapura ser estruturalmente uma metrópole, concede-lhe vantagens de flexibilidade e eficiência na prossecução de políticas. Nesta envolvente, exclui-se questões como: (i) redistribuição de riqueza por outras urbes; e, (ii) a sujeição a leis de governos nacionais, mormente leis fiscais e comerciais. Logo a totalidade da riqueza gerada pode ser celeremente reinvestida, assim como, a aplicação de políticas em várias áreas potenciando sinergias entre as partes interessadas (Min e Soon, 2012). O resultado é aferível ao longo do tempo, pois Singapura desenvolveu um foco analítico na educação, saúde, infraestruturas e setor financeiro. Sendo uma urbe, em particular um país altamente urbanizado, é mais inteligível distribuir investimentos e melhorias pelos cidadãos. Esta eficiência é similar e reconhecida nos programas de combate às desigualdades sociais.

4.2.1.2- Cidade do conhecimento

Singapura é encarada enquanto centro económico regional de excelência, devido à elevada capacidade de atrair empresas multinacionais. Deste modo, inúmeras empresas locais e de

países limítrofes consolidam em Singapura uma base logística e produtiva de subsidiárias dispersas pela região do sudeste asiático. A pluralidade de empresas e multinacionais que percebem Singapura enquanto polo estratégico atuam em sectores altamente tecnológicos, isto é, produção de conhecimento intensivo e serviços especializados (Ergazakis *et al.*, 2009).

Além de grandiosas organizações, o governo de Singapura identificou enquanto condição *sine qua non* a proteção e incentivo às pequenas empresas locais. O âmago é a produção de conhecimento local e evitar excessiva dependência face a corporações multinacionais estrangeiras. O somatório do tecido corporativo, origem internacional e local de menor dimensão, cria assim um núcleo de empresas com capacidade de atuação na economia mundial. O *Economic Development Board* delineou um plano desenvolvimentista com ênfase no conhecimento ao longo da última década, com o intuito de promover Singapura como um efervescente *hub* global de indústrias e serviços conhecimento intensivo. Tal, proporcionou o desenvolvimento de *know-how*, tecnologias e inovação contínua (Min e Soon, 2012).

As principais linhas orientadoras são: (i) encorajamento a empresas multinacionais para concentrarem as suas atividades chave em Singapura (estímulo à gestão de conhecimento); (ii) incentivo às empresas locais para se focarem em setores tecnológicos vanguardistas para pelegarem na economia mundial. Através da integração do tecido económico no circuito da alta tecnologia mundial, a urbe almeja aceder a um círculo virtuoso de ambiente favorável ao desenvolvimento de talento, conhecimento e tecnologia global (Wong, Millar e Choi, 2006). O objetivo é tornar-se uma “placa giratória” para internacionalização de corporações chinesas e indianas, e de abordagem aos mercados asiáticos por empresas europeias e americanas.

A oferta cultural resume de forma crescente a procura de bens e serviços por cidadãos de elevados níveis de rendimento e educação (ambição por lazer). Esta dinâmica incrementa o prestígio e qualidade de vida da urbe, e daí o interesse estratégico do planeamento urbano. Assim, o desafio das autoridades locais é a melhoria da estratégia cultural de Singapura enquanto valor acrescentado à estratégia de progresso do saber. Este reconhecimento e conotação de uma cidade das artes e cosmopolita, tendo em vista a expansão da criatividade local e atração de talentos, ocorreu em 2002 (relatório do *Workgroup on Creative Industries*).

Todavia, a economia cidadina reconhece um peso elevado das indústrias tecnológicas relegando para segundo plano as de índole criativa. Uma das principais críticas a Singapura

ilustra o facto do capital cultural se focar excessivamente na esfera tangível (equipamentos culturais, programas, festivais, etc.), e menos na esfera intangível (aspetos intrínsecos da identidade cultural da cidade-estado) (Wong, Millar e Choi, 2006). Recentemente, esta última opção tem sido incentivada, e dando-se ênfase a políticas de desenvolvimentos estatais através do incentivo à criação de um *cluster* criativo local (proveniência estatal).

Por outro lado, sob a égide de “cidade do conhecimento”, Singapura desenvolve a *Guangzhou Knowledge City* em parceria com esta urbe chinesa. O objetivo é potenciar a economia da metrópole chinesa, cuja base económica denota indústrias têxteis e componentes eletrónicos. A nova “metrópole” terá cerca de 123 km² e pretende: (i) atrair mais de um milhão de empresas; (ii) criar 250.000 postos de trabalho; (iii) contabilizar 500.000 habitantes aquando da conclusão do projeto (cerca de vinte anos) (Li, 2012). Note-se que as empresas alvo atuam nas áreas da animação, biotecnologia e energias limpas; e, o projeto cofinanciado pelos respetivos estados baseia-se numa iniciativa privada (*joint-venture* bipartida- *Singbridge International* e o *Guangzhou Development District Administrative Committee*) (Li, 2012).

Em suma, tal parceria pode ser vista como um tentame de aliar à pujança tecnológica uma infusão na urbe de um ímpeto cultural. Isto é, um novo espírito de unidade nacional baseado em valores ancestrais próprios daquela região. A história contemporânea de Singapura promulga a necessidade, reconhecida pelas autoridades locais, de se criar *ba*; neste caso, o processo caracteriza-se pela expansão aos países contíguos na procura de identidade própria.

4.2.2- São Paulo

4.2.2.1- Cidade: projecção global e lacunas de desenvolvimento

Das urbes sob escrutínio São Paulo é a mais vasta; pois, 20 milhões de habitantes representa quase o quádruplo da população de Singapura, o triplo do estado de Washington (onde se inclui Seattle) e mais do dobro dos cidadão suecos. Quando se pondera a esfera de influência mais direta, o Estado, os 42 milhões de habitantes são o dobro da população australiana ou ganesa e, equivalem a mais de um terço dos cidadãos mexicanos. Indubitavelmente, o maior pólo urbano a sul da linha do equador é São Paulo, pois é a capital económico-financeira da América Latina e uma cidade extremamente globalizada (World Bank, 2013).

A cidade-região de São Paulo exhibe uma economia com pendore nos serviços e setores de

conhecimento intensivo face a urbes e/ou regiões brasileiras. As sedes de dezenas de corporações nacionais e multinacionais da América Latina estão sediadas na cidade, incluindo 19 dos 25 maiores bancos mundiais. Ainda assim, é identicamente um pólo industrial pujante, liderando nas exportações de aeronaves (Embraer) e detendo um papel basilar na economia de transformação, comércio e exportação de produtos alimentares do Brasil (Comin *et al.*, 2010).

Contudo, tal como outras urbes, São Paulo reconhece a bidimensionalidade de uma projeção global (conotação ao deus Romano *Janus*) (Berube, 2012). Por um lado apodera-se de novos mercados, incrementando a produtividade e promulgando uma resposta a eventuais declínios no mercado nacional; e, por outro, a globalização induz uma competição inegavelmente aguerrida (deslocalizações reiteradas e pressão constante para inovação contínua). Mas este reconhecimento é constringido por duas vicissitudes paulistas, a mobilidade e o progresso urbano. As horas de ponta, em particular, são apanágio de uma metrópole subdesenvolvida em termos de transportes públicos e mobilidade da população. E, os edifícios residenciais nos subúrbios da cidade estão a uma distância espaço-temporal descomedida do tecido empresarial, limitando severamente a competitividade (Berube, 2012). A título de exemplo, a cúpula decisória do Tribunal de São Paulo equacionou colocar os cerca de 55.000 colaboradores administrativos a labutarem a partir do domicílio (Ferreira, 2014).

Logo, são múltiplos os desafios da economia global que surgem em ritmo acelerado às economias brasileira e da América Latina; e, no caso paulista, forçados pelo imperativo premente de uma estratégia de KBUD a curto/médio prazo. Esta estratégia dotará São Paulo de um conjunto de infraestruturas adequadas à sua dimensão; e, após tal hercúleo esforço, é factível potenciar a exploração do *ba* resultante da miscigenação genética e sociocultural.

4.2.2.2- Cidade do conhecimento

4.2.2.2.1- *Status quo* de São Paulo

Apesar da não existência formal de uma estratégia de urbe do conhecimento, São Paulo encetou a implementação de alguns projetos. Um exemplo é a “Cidade do Conhecimento Virtual”, lançado em 2001, que apesar do alcance regional a origem e coordenação é da Universidade de São Paulo. O projeto cofinanciado pela banca, empresas de alta tecnologia, Organizações Não Governamentais, associações empresariais e os média, visava sobretudo a criação de uma comunidade virtual de universidades e escolas, estudantes dos diversos graus

acadêmicos, profissionais de diversas áreas de negócio, entre outros (Berube, 2012).

Deste modo, gerou-se um espaço público de fluência do conhecimento tácito e explícito (ausência teórica de barreiras comunicacionais). O conhecimento “virtual” produz uma rede comunicacional que liga a esfera educacional à laboral, potenciando a criação de oportunidades de emprego no Brasil. Todos os conteúdos são armazenados e disponibilizados na biblioteca digital da universidade paulista, de forma a democratizar o acesso ao saber (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004). Assim, é possível observar uma tendência para a escola americana da gestão do conhecimento, influenciada pela proximidade dos Estados Unidos.

4.2.2.2- A condensação do cosmos brasileiro

É ainda interessante realçar que os casos de estudo exibem vários níveis de globalização; e, por norma, as urbes que figuram nos escalões superiores do ranking tendem a ilustrar estratégias de conhecimento mais definidas ou implementadas. Neste contexto, São Paulo é a exceção mais notória, denotando pontuação Alfa apesar de uma estratégia indefinida ou imatura. E, relembando informações supra citadas, a metrópole paulista é uma versão condensada do universo brasileiro em termos de diversidade económica e cultural. Assim, a posição no ranking traduz uma incongruência face ao nível de progresso do Brasil; até porque, num contexto nacional de dimensão continental, o seu peso é de tal ordem que lhe permite uma projeção mundial mais acutilante que o próprio país.

Isto é, o peso económico e populacional de São Paulo são características tão icónicas, que granjeia o título de urbe global. A sua dimensão configura como prioridade a definição estratégica e uma visão global para a cidade; e, contrariamente a Tóquio (Alfa⁺), Londres e Nova Iorque (Alfa⁺⁺), os limites territoriais são explícitos. A dispersão infraestrutural de São Paulo deve-se às opções urbanísticas e desenvolvimentistas ao longo da sua história (ausência de estratégia formal). Concluindo, o conceito de urbe do conhecimento *glocal* seria uma forma tirar dividendos de todo o potencial da cidade, catapultando a sua diversidade sociocultural (i.e. *melting pot*) e impedindo-a de “desabar sob o próprio peso”.

4.2.3- Melbourne

4.2.3.1- Esbatimento contextual: o estado de Victoria

A adoção da estratégia *Victoria 21* em 1996 visava a atuação governamental através de uma

estratégia conciliadora de TIC. O âmago do estado vitoriano era ser um pólo de atração para investimento e criação de emprego em setores de saber intensivo. O aperfeiçoamento da estratégia, renomeada *Connecting Victoria*, designou vários objetivos: (i) construir uma sociedade do conhecimento; (ii) criar condições para o progresso (futuros setores de atividade); (iii) estimular as trocas comerciais e melhoria de infraestruturas. Além disso, inclui-se a reabilitação urbana um pilar essencial (Yigitcanlar, O'Connor e Westerman, 2008).

No campo tecnológico e comunicações, o governo vitoriano apostou num amplo programa de plataformas de *e-government*. Além da aproximação aos cidadãos, enfatizou-se a melhoria das competências em TIC (utilização e proveito) da população; e, as entidades estatais reconheceram o interesse da organização e ocorrência de eventos técnico-criativos de díspares âmbitos (regional, nacional e internacional). As razões apontadas são: (i) produção de novas ideias; (ii) oportunidades de negócio e criatividade; (iii) forte conexão à economia do saber (Yigitcanlar, O'Connor e Westerman, 2008). Porém, uma análise cuidada ao relatório, ilustra uma nebulosidade considerável entre o objetivo estatal e Melbourne (peso da urbe no estado).

4.2.3.2- Cidade do conhecimento

Melbourne é classificada como uma das cidades com maior qualidade de vida em termos mundiais. Esta característica quase ímpar é fulcral em todo o planeamento estratégico e, logicamente, na aplicação de uma estratégia para conversão em urbe do conhecimento. Uma das sub-estratégias delineadas, o *Melbourne City Plan 2010*, reconheceu as subseqüentes linhas orientadoras (Ergazakis, Metaxiotis e Psarras, 2004): (i) desenvolver Melbourne como referência de biotecnologia na região Ásia-Pacífico; (ii) transformar a urbe na capital tecnológica da Austrália; (iii) atrair empresas de setores de conhecimento estratégico; (iv) incentivar *start-ups* nestas áreas e/ou semelhantes; (v) promover o ensino universitário; (vi) promoção enquanto cidade de sucesso em negociação empresarial, mormente com outras culturas; (vii) promover Melbourne como pólo de mão-de-obra especializada nacional, regional e internacional; (viii) melhorar continuamente a qualidade de vida da cidade.

Através da formação da população e progresso infraestrutural, o *digital divide* em Melbourne reduziu-se exponencialmente: (i) a utilização da Internet pela população incrementou 26% no período 2001-2006; (ii) nesse período foi dada formação a cerca de 50.000 habitantes do estado vitoriano; (iii) 39 organizações comerciais auferiram incentivos para projetos de *e-commerce*; (iv) 146 escolas passaram a disponibilizar acesso à Internet em horários pós-

laborais; (v) concessão de apoios financeiros a diversos grupos sociais, ativistas e de interesse para construção dos seus sítios (disponibilização informacional), assim como, acesso à Internet em todas as bibliotecas públicas (Yigitcanlar, O'Connor e Westerman, 2008).

Além das iniciativas subsequentes, as universidades foram um vetor fundamental na criação, disseminação e exploração do conhecimento. Tal realidade justifica-se à luz de dois estudos: (i) em 2006, cerca de 5% da população de Melbourne era composta por estudantes universitários; (ii) em 2002, em termos absolutos estes eram 33.061, logo somente atrás de Nova Iorque, Londres e Los Angeles e em vantagem face a Sydney, San Francisco e Boston. E, as oito universidades, têm protocolos de cooperação com empresas internacionais como a *3M*, *BMW*, *Bosch*, *Ford*, *GE Money*, *IBM*, *Philips*, *Toshiba* ou *Toyota* (Enterprise Melbourne, 2013). Assim o número de colaboradores do conhecimento tem crescido sustentadamente, representando cerca de metade da totalidade dos recursos humanos no contexto atual.

A aposta de Melbourne num nicho de mercado, organização e acolhimento de conferências e/ou congressos internacionais, algumas patrocinadas pelas autoridades governamentais para permitir o livre acesso pelo público em geral tem grado um impacto positivo. O investimento em infraestruturas adequadas para estes certames e outros de índole cultural tem conhecido um progresso notável, contribuindo igualmente para a reabilitação de diversas zonas da urbe. Alguns exemplos são: o *Federation Square Cultural Precinct*, o *Australian Center for Contemporary Art* ou o *Melbourne Theatre Company* (CNN International, 2006). Este investimento e a faceta mais cultural da cidade transformaram-na, ao longo dos anos, no pólo cultural da Austrália. Como documenta a análise demográfica, a multiculturalidade populacional ajuda a tal posicionamento, fruto de um ambiente de tolerância à diferença cultural, étnica e religiosa. De momento, a cidade de Melbourne alberga cidadãos de mais de 140 nacionalidades; e, em 2011, cerca de 37 % tinha ascendência não nacional.

Em suma, no século XX a urbe foi moldada sobretudo pelas atividades industriais; enquanto, neste século configurou uma dinâmica de progresso urbanístico. Consultores, técnicos de TIC, advogados, corretores e gestores podem agora exercer as suas atividades em locais nucleares; todavia, os *clusters* tecnológicos (bio e nanotecnologia, aeronáutica, etc.) são um dos motores do sucesso da estratégia KBUD de Melbourne. Isto é, configuram as oportunidades, ligações e a difusão de ideias e projetos entre empresas de alta tecnologia, universidades, setor público e agentes de I&D. Ainda assim, ao invés de Singapura, o *mix* entre multiculturalidade,

tolerância e infraestruturas permite um verdadeiro conhecimento tácito (identidade).

4.2.4- Estocolmo

4.2.4.1- Cidade: o papel do Estado

A Suécia é apontada como modelo relativamente à expansão estatal e o seu peso societal. O país reúne e conjuga um setor público alargado, assim como, resume uma interessante panóplia de características como seja uma elevada esperança média de vida, baixos níveis de criminalidade e um grau elevado de coesão social (Sanandaji, 2011).

Todo este processo encetou-se após 1870, período em que se estabelece os direitos de propriedade, liberalização mercantil e um novo paradigma jurídico adaptado às inovações socioeconómicas. Assim, no hiato temporal 1870-1936 (dealbar da era social-democrata), a Suécia aduzia a maior taxa de crescimento do mundo industrializado, em contraste com o período 1936-2008 (18º crescimento em 28 países industrializados) (Enjoy Stockholm, n.d). Aliás, algumas das mais conhecidas marcas suecas (ex., *IKEA*) foram fundadas nesse período.

Todavia, é forçoso enfatizar o papel dos fatores socioculturais em todo este processo. Os valores, a ética de trabalho luterana e uma coesão social nacional e homogénea colocaram o progresso social sueco na vanguarda face a outros povos (Sanandaji, 2011). E, sem dúvida, o capital social é a chave do sucesso incomparável da Suécia contrariamente à noção do estado social. Mas a doutrina política vigente nos últimos anos sofreu uma inflexão para centro-direita à luz da perceção do eleitorado (fortalecimento das normas éticas- costumes e responsabilidade social). Esta explicação reside na coadunação do modelo de estado social utilizado durante décadas às liberdades económicas contemporâneas.

Estocolmo exerceu continuamente um papel nuclear nas políticas suecas. Desde a fundação, a capital escandinava é controlada pela coroa sueca como centro nevrálgico, pese o maior ou menor fulgor do controlo. A razão alude à sua centralidade mercantil ou industrial, e intensa influência sobre o Báltico. O progresso e qualidade de vida é caso de estudo para urbes cuja esfera de influência da cúpula governativa nacional é veemente, mormente Singapura ou Doha.

4.2.4.2- Cidade do conhecimento

Estocolmo é a capital financeira da Suécia, assim como, alberga uma elevada concentração industrial de tecnologias de informação e da saúde. A sua economia baseada no conhecimento atraiu as operações de algumas multinacionais mundiais (ex., H&M, Electrolux, etc.); e, a quase total ausência de indústria pesada torna-a uma das metrópoles mais limpas do mundo. Por seu turno, a formidável rede de transportes (comboios de alta velocidade, aeroportos e ligações ferry), permite um acesso total e imediato à maioria dos estados bálticos. E, não olvidar, a projeção resultante da fundação Nobel (EasyExpat, 2013).

Note-se que a urbe elegeu como âmagu converter-se numa das grandes metrópoles mundiais em 2030, explorando o conhecimento como força motriz. Até porque, a urbe e a região conexas (*Stockholm Iann*), representavam em 2008: (i) mais de 50% do total da capacidade sueca de I&D, fruto do mundo académico (24 instituições de ensino superior contabilizando 110.000 discentes) e mundo empresarial (ex., cluster de biotecnologia); e, (ii) mais de 25% da economia do país (Cisco, 2011). Esta missão encetou um processo de autopromoção enquanto destino de eleição para corporações e pessoas (cidadãos e/ou turistas). Algumas opções estratégicas adicionais foram (Yigitcanlar, Velibeyoglu e Martinez-Fernandez, 2008): (i) desenvolvimento de setores de alta tecnologia na *Iann* (inclui construção de infraestruturas); (ii) incremento da sua preponderância enquanto centro financeiro; (iii) atração de força de trabalho altamente especializada; (iv) existência de condições essenciais à qualidade de vida.

Assim, a cidade foi pioneira na Europa em criar uma rede de banda larga de alta velocidade extensível a toda a área geográfica da urbe. E, atualmente, o sector das TIC é gerador de elevadas receitas e um catalisador do progresso societal (Yigitcanlar, Velibeyoglu e Martinez-Fernandez, 2008). Um exemplo é a maximização de oportunidades socioeconómicas através de: (i) modelo educacional e pedagógico unificado em torno das TIC; e, (ii) uma estratégia ativa de info-inclusão sob o lema “toda a gente, em todo o lado” (significância coletiva- a força da rede é equitativa à do elo mais fraco). A visibilidade desta estratégia resume a abrangência territorial de redes *wireless* capazes de: (i) suportar múltiplos dispositivos (melhoria da flexibilidade); (ii) assegurar elevados fluxos de tráfego (acesso contínuo- direito fundamental); (iii) estrutura otimizada (custos de manutenção e segurança) (Cisco, 2011).

Apesar da projeção mundial, a dimensão local é bastante vincada em Estocolmo; para além da estrutura territorial *sui generis*, composta por ilhas e diminutas penínsulas conetadas através

de pontes, a sua estratégia de integração (tradicional e digital) permite tal conclusão. Isto é, as diferenças culturais diametrais entre tais micro espaços, a responsabilidade societal de equidade e integração é uma realidade. A ausência de estatísticas baseadas na raça e a opção de não info-inclusão resumem estratégias de integração e inclusão plena de todos os cidadãos.

4.2.5- Seattle

4.2.5.1- Estratégia glocal

A cidade não aduz um plano concreto de conversão do conhecimento, mas denota algumas iniciativas pontuais (World Capital Institute, 2013); todavia, um plano ou estratégia de sustentabilidade cidadina respeita o longo prazo. A sua implementação e alcance ao nível dos agentes que compõem a urbe, e exploração da dimensão *glocal* perspetivam uma iniciativa abrangente. Tal realização irá transfigurar com êxito Seattle numa verídica cidade do saber.

A estratégia desenvolvimentista ambiciona a estruturação de uma metrópole sustentável. Através dos membros da comunidade, profissionais e autoridades locais (partes interessadas) foi delineada tal visão, a qual inclui quatro pilares: (i) comunidade; (ii) gestão ambiental; (iii) oportunidade e segurança económica; e, (iv) igualdade social. Esta interação das partes interessadas é extensível a outros níveis, o que denota um forte sentido comunitário. Aliás, a população de Seattle encara o bairro enquanto unidade basilar de planeamento: cada bairro gere o seu próprio plano, coadunando-o com a estratégia cidadina. Glocalidade é, desta feita, apensa à própria urbe (contexto global) e cada bairro sendo a dimensão local (Blume, 2012).

Uma componente relevante da sustentabilidade de Seattle é uma eficiente gestão ambiental, de modo a incrementar a qualidade de vida dos cidadãos. Outro pilar, criação de um ambiente económico favorável, resume a atração de empresas e o desenvolvimento de serviços e infraestruturas. Além disso, a cúpula decisional da urbe promoveu uma panóplia de políticas de integração social, mormente junto das populações mais desfavorecidas. Tal combinação de valores cria um ideal de cidade congregador das dimensões macro (cidade) e micro (bairros).

4.2.5.2- Cidade do conhecimento: questões processuais

A noção de abordar todas as dimensões analíticas de forma coordenada está presente no planeamento da Seattle, pois a metrópole é vislumbrada enquanto realidade multidimensional. Assim, os governantes da urbe criaram um conceito de “aldeia urbana” de modo a potenciar

características locais num contexto mais vasto. (Blume, 2012); logo, é possível encarar a posição dos bairros de Seattle à luz da teoria do véu da ignorância de John Rawls. Ou seja, nenhum dos bairros conhece a sua posição ou o seu impacto decisional no todo, mas estando cientes da presença no mosaico citadino. Pelo que, os desenvolvimentos da “aldeia urbana” devem ser ponderados face à sustentabilidade para se efetivar uma soma superior ao todo.

4.2.6- Calcutá

4.2.6.1- Cosmopolismo ou imperialidade hinduísta?

A cidade de Calcutá não exhibe nenhuma estratégia concertada para almejar o estatuto de urbe do conhecimento. As características idiossincráticas e de identidade sociocultural da população conferem-lhe um manancial singelo, isto é, potencia as características locais como forma de encarar a influência global. A partilha de conhecimento resume o quotidiano da população devido à forte influência hinduísta (Kolkata, n.d.); porém, esta aduz um conjunto preocupante de debilidades infraestruturais básicas com implicações no seu desenvolvimento sustentável. Estas são de intervenção imperativa e prioritária para permitir projetos mais arrojados à urbe.

Outrora umas das mais cosmopolitas urbes da *Commonwealth*, porque inúmeros visitantes comparavam-na à Londres imperial, Calcutá é hoje uma cidade desestruturada. A sua riqueza cultural, ideológica e pujante perfil económico enquanto centro de comércio serviu várias vezes de inspiração à restante Índia no período *ex-ante* à independência (contributo decisivo da sua identidade) (Bhattacharjee, 2011). Ainda assim, a independência nacional e a partição indiana promoveram vagas de migração que não se coadunam com a capacidade estrutural citadina. Recorde-se que o crescimento populacional nas últimas três décadas foi de milhões, período que coincidiu com o abandono de investimento por parte das autoridades.

4.2.6.2- Quasi-cidade do conhecimento

Calcutá metamorfoseou-se numa metrópole de 15 milhões de habitantes, sem uma resposta cabal dos processos de industrialização e infraestruturas básicas face ao ritmo avassalador do crescimento populacional. Apesar da sigla “cidade do povo”, as lacunas organizacionais despromoveram-na de grande urbe a um gigantesco aglomerado de pessoas. Os reveses económicos sofridos nas últimas décadas do século XX coadjuvaram o processo permanente de caos, degradação e motins eminentes (Bhattacharjee, 2011).

Este contínuo caos resume-se em (India Netzone, 2008b): (i) redes de água canalizada e de eletricidade deficitárias, as quais condicionam o quotidiano de cidadãos e corporações aí sediadas; (ii) o transporte urbano é efetivado sobretudo por automóveis com elevados níveis de emissões gasosas em estradas altamente degradadas; (iii) o trânsito limita sobejamente os transportes públicos e exponencia os tempos necessários para percorrer distâncias curtas; (iv) a deficitária recolha de lixos, insuficientes sistemas de esgotos e estradas degradadas promovem a ocorrência de grandes inundações; (v) Calcutá é a cidade mais poluída da Índia.

De momento, o âmago dos governantes é a melhoria dos serviços públicos e equipamentos associados. Tal irá melhorar a qualidade de vida da população e gerar um crescimento sustentável de Calcutá; contudo, tal desafio depende seriamente de uma alteração na perceção interna (população) e externa (observadores) da imagem da urbe. Alguns esforços associados à qualidade de vida resumem parcerias público-privadas, resultando a construção de hospitais, escolas e alojamentos para residentes de rendimentos médio-baixos. Todavia, existe um longo périplo a ser trilhado pela metrópole para potenciar-se enquanto núcleo comercial, das artes e cultura; e, ocupar a posição como nóculo nevrálgico regional (atração de mão-de-obra qualificada e empresas de alta tecnologia no foro nacional e mundial) (Bhattacharjee, 2011).

Em suma, Calcutá perdura enquanto referência regional face à dimensão e herança histórico-cultural. Eventuais estratégias para a converter em cidade do conhecimento serão facilitadas através da aceitação da escola japonesa pois a comunhão de valores morais, culturais e religiosos entre o hinduísmo, budismo e xintoísmo traduz *ba*.

4.2.7- Doha

4.2.7.1- Progresso de combustão local

Os governantes do Qatar empreenderam uma série de investimentos públicos de larga escala que transfiguraram por completo Doha. Esta modesta cidade-porto revela-se como uma das urbes de maior fulgor económico a nível global e respeitável candidata a *hub* regional (Golfo Pérsico) (Staff, 2012). Contudo, tal amálgama de iniciativas com orientações estratégicas e objetivas nunca preconizou um plano coeso, concreto e integrador.

Mais, ao invés de outras cidades da região, onde a atividade comercial alavancou a diversificação económica; no Dubai, e em Doha, tal progresso preconiza um crescimento

exponencial da construção fomentado por investimento público. Assim, inúmeras corporações de conhecimento intensivo (serviços), estabeleceram em Doha as suas sedes regionais e as globais em metrópoles como Londres. Conclui-se que o foco destas organizações é o mercado interno ao invés da opção geoestratégica do Qatar; no entanto, a deturpação contínua da dinâmica oferta/procura à luz do desenvolvimento urbanístico pode acarretar sérias limitações a médio/longo prazo. De qualquer forma, os resultados empíricos contemporâneos revelam que Doha já está devidamente integrada numa rede global de cidades (InterNations, 2013).

Esta posição privilegiada, enquanto *hub* multi-regional (Golfo Pérsico e EuroÁsia), resume uma crescente integração com urbes europeias e asiáticas; até porque, neste âmbito, a ambição das autoridades qataris é multifacetada: configurar Doha como núcleo integrador regional sob qualquer égide analítica (cultural, política, infraestrutural, científica e económica). Os inolvidáveis esforços denotam um progresso urbanístico exponencial, independentemente do contexto de crise e instabilidade internacional, para ilustrar o poder e potencial da urbe (Thierstein *et al.*, 2013).

Assim, o potencial económico de Doha denota dois pilares essenciais: (i) disponibilidade de capital para financiamento de projetos basilares por norma bastante onerosos (ex., *Education City*); (ii) posição geoestratégica da urbe na região do Golfo Pérsico (encruzilhada entre Europa e Ásia). A velocidade, dinâmica e características intrínsecas de Doha perspetivam, em teoria, um desenvolvimento sustentado, o qual lhe permitirá usurpar o lugar do Dubai como líder regional.

4.2.7.2- Cidade do conhecimento

Apesar da metrópole não ostentar uma estratégia de conhecimento definida, algumas iniciativas estatais intentam tal âmagô. Os primórdios processuais remontam a 1995, quando o *Sheikh Hamad bin Khalifa Al-Thani* tomou o poder no Qatar. Nesse ano criou-se a *Qatar Foundation*, uma organização sem fins lucrativos, cuja finalidade é libertar do epíteto carbonífero a economia qatari e, convertê-la numa economia do saber (potenciação do capital humano) (Thierstein *et al.*, 2013). Este plano foi apelidado de *Qatar National Vision 2030*.

O complexo *City Education* é um exemplo cabal desta visão. A sua expansão inicia-se com a abertura do pólo universitário da *Virginia Commonwealth University* (1988), e progrediu com as universidades de *Cornell*, *Northwestern*, *Georgetown*, *Carnegie Mellon*, etc. A oferta

académica ilustra díspares áreas (ex., medicina, engenharia, gestão, etc.) com procedimentos administrativos e pedagógicos replicadores da realidade norte-americana. Hoje, o universo de discentes é cerca de 4.000 pessoas, mais de metade do género feminino (Seminara, 2012).

Tal é explicável à luz das regras da *Qatar Foundation* (Seminara, 2012): (i) cobertura total de despesas educacionais, logo estes pólos são um investimento sem risco; (ii) a minoria dos nacionais usufrui do privilégio de estudar em qualquer universidade do mundo, sendo as propinas integralmente pagas pela fundação (inclui ajudas para despesas conexas); (iii) para estrangeiros a estudar no Qatar, existem facilidades de acesso a estas universidades e concessão de empréstimos livres de juros, pagos apenas após a angariação de emprego. O financiamento é garantido pelos filões de hidrocarbonetos, os quais rendem anualmente à economia qatari mais de 100.000 dólares *per capita*.

E, seria desprovido de sentido estratégico, consentir que o capital humano abandonasse o país. Doha e o Qatar ofertam oportunidades necessárias à retenção de colaboradores qualificados oriundos destas prestigiadas instituições. Em 2011, o Qatar exibiu o maior crescimento real do PIB a nível mundial com a invulgar cifra de 18,7%. Mais, o advento de eventos globais (ex., *FIFA World Cup- 2022*) coadjuvados por um plano de marketing territorial, induzirá ao investimento, criação de emprego e crescimento económico robusto (InterNations, 2013).

A *Education City*, e por inerência a metrópole, é apanágio de uma sociedade de “combustão” económica com forte atração por tendências globais, mas que descarta a herança sociocultural e histórica. Esta imagem de marca, singela no seio do mundo árabe, incorre em fatores positivos (número de estudantes do género feminino) e negativos (negligência valores locais na educação ou destruturação de edifícios históricos). Em suma, Doha é uma urbe cujo processo desenvolvimentista adotou, talvez de forma descomedida, o panorama global, e negligenciou a dimensão local (miopia transacional).

4.2.8- Guadalajara

4.2.8.1- O paradigma digital

O paradigma digital configura um dos pilares estratégicos que a cúpula governativa definiu para Guadalajara. O objetivo “cidade digital criativa” incentiva as indústrias de produção digital (filmes, televisão, videojogos, etc.) para comercialização na América Latina e mercado

espanhol (afinidade cultural); potenciando a oferta de serviços estado-da-arte para parceiros internacionais nestes segmentos de negócio. A razão aparente desta opção resume mão-de-obra altamente especializada e com competências, a qual apresenta índices de produtividade muito interessantes, assim como evidencia uma boa relação custo/benefício (Bricio, 2011).

Porém, é de salientar que uma cidade criativa não é de pleno direito uma urbe do saber. Os argumentos para tal assunção são (Musterd *et al.*, 2010): (i) a criatividade ilustra as dimensões “produtiva” e cultural; (ii) esta pode relevar ou não uma associação de cariz digital (ex., conhecimento simbólico); (iii) o valor experimental e experiencial dos espaços culturais não é olvidável. E, em Guadalajara, o foco estratégico reconhece essencialmente a criatividade “produtiva” digital (vide envolvente físico-arquitetónica).

4.2.8.2- Cidade do conhecimento criativo

O *Silicon Valley* mexicano, devido aos 14 parques industriais e quatro parques tecnológicos, que albergam mais de 70 multinacionais de serviços conexos às tecnologias de informação; e, o *Centro del Software*, incubadora criada em 2006 pelos governantes do estado de Jalisco, para atrair mão-de-obra especializada e investimento de incentivo a *start-up*'s. Cada empresa da incubadora tem uma estreita colaboração com o *Instituto Jalisciense de Tecnologías de la Información*, fomentando este a cooperação empresarial (incluindo com empresas globais) e facilitando exportações. Uma nota final para uma efetiva e generalizada colaboração tripartida entre empresas, sectores públicos e universidades (Flannery, 2012).

Todavia, e apesar de localização relativamente segura, a reputação de Guadalajara é diminuída pela perceção internacional do México (país inseguro, mormente face à violência gerada por cartéis). As duas premissas não são totalmente corretas ou inválidas; pois, ainda que distante do ambiente frenético da Cidade do México ou locais extremamente perigosos (ex., Monterrey ou Juárez), Guadalajara não é imune à violência (vide Flannery, 2012).

Conclui-se que não havendo tentames estruturantes (KBUD ou outras estratégias), denotam-se alguns passos interessantes na inclusão populacional. A crescente índole tecnológica do tecido empresarial fruto da interação contínua das partes interessadas resume uma economia competitiva, logo beneficiando o progresso económico. E, tal como em São Paulo, é notória a influência geográfica dos Estados Unidos no pendor da gestão do conhecimento.

4.2.9- Acra

4.2.9.1- A independência estrutural

O Gana é uma economia “emergente” africana fruto do rápido crescimento, sustentado pelas indústrias conetadas à exploração de hidrocarbonetos (incremento de consumo e análoga atitude do investimento estrangeiro). Assim, não surpreende que Acra seja uma das urbes em franco crescimento em África; e, com maior potencial de crescimento nos próximos cinco anos (World Bank, 2013). Esta conjuntura coloca Acra na antecâmara da influência global.

Assim, o governo do Gana delineou o *National Urban Policy Framework and Action Plan* para melhoria das infraestruturas e incrementar as receitas públicas nas cidades ganesas, com especial enfoque na capital. Este plano procura reduzir a pobreza e aplacar os desafios do crescimento urbano desenfreado; o qual é caracterizado por (IBM, 2013): (i) número crescente de residentes, os quais igualmente pressionam os recursos existentes; (ii) infraestruturas desapropriadas ou obsoletas de serviços básicos como seja água canalizada, sistemas de esgotos, rede elétrica, etc.; (iii) transporte citadino caótico devido a tráfego não diferenciado (ex., automóvel vs. transporte animal). Esta característica é de todo semelhante a outras urbes africanas, lesando claramente as atividades económicas e a sustentabilidade ambiental.

Por ora, é expetável que a influência global sobrepuje a dimensão local enquanto resposta às necessidades desenvolvimentistas de Acra (nível micro) e nacionais (nível meso). A recomendação estratégica à metrópole, é a continuidade do projeto de mapeamento da herança cultural; pois, esta opção permitirá uma valorização da esfera local no futuro face à congénere global (nível de desenvolvimento aceitável) e evitará o erro estratégico de Doha.

4.2.9.2- Cidade do conhecimento: *HOPE* ou realidade?

Como exposto, o seu desenvolvimento social, económico e infraestrutural denota graves debilidades estruturais. Estas debilidades impõem uma abordagem *ex-ante* à prossecução de eventuais estratégias de KBUD ou outras que a elevem à categoria de urbe do conhecimento. Mas, é de relevar um projeto recente cuja insígnia é *HOPE (Home, Office, People, Environment) City*, o qual aporta um investimento no valor de 10 mil milhões de dólares para edificar uma cidade vertical na delimitação geográfica de Acra (Graphic Online, 2013).

Esta “intra-urbe” com capacidade de acolher 25.000 habitantes e gerar 50.000 empregos, será

vocacionada para serviços e TIC fruto da parceria entre a nacional *Rlg Communications* e a *Microsoft*. E, para tal, incluirá escritórios e instalações propícias às indústrias dos setores intensamente tecnológicos, áreas comerciais e residenciais, escolas e instalações desportivas. O projeto intenta tornar o Gana num país de rendimento médio (ênfase na capital), através do progresso societal a múltiplos níveis face aos padrões atuais (Graphic Online, 2013).

4.2.10- Mosaico citadino

A comparação entre cidades é tendencialmente falaciosa devido à esfera *glocal*, a qual relativiza qualquer tentame comparativo. Ainda assim, a confrontação direta entre as urbes reconhece as informações explicitadas na matriz identificadora; e, advoga um conjunto adicional de indicadores-chave que espelham díspares vertentes das metrópoles em análise.

4.2.10.1- Envolvente físico-contextual

Como reconhecido, o contexto físico é uma condicionante preponderante enquanto catalisador do desenvolvimento de qualquer urbe, inculcando-lhe uma fração marcante na sua identidade.

Tabela 31. Envolvente físico-contextual (**Fonte:** Autor)

Cidade	Ambiente Físico-Contextual
Singapura	Cidade-estado sedeada na ilha central e ilhéus contíguos na junção de rotas navais
São Paulo	Planalto do interior brasileiro
Melbourne	Junto a uma baía e porto natural (foz do rio <i>Yara</i>)
Estocolmo	Aglomerado de ilhas, fiordes e penínsulas na orla costeira do Mar Báltico
Seattle	Conjunto de penínsulas e estreitos costeiros na região central da costa oeste
Calcutá	Porto fluvial no interior indiano de acesso facilitado ao centro da Baía de Bengala, com equidistância entre a Índia e a Indochina
Doha	Planície árida na península Qatari (zona central do Golfo Pérsico)
Guadalajara	Vale entre relevos montanhosos, no interior, da região central do México
Acra	Planícies de aluvião e lagos costeiros na Costa do Ouro (Golfo da Guiné)

Ou seja, é exequível identificar o pendor predominante comercial de urbes como Singapura, Estocolmo ou Calcutá; ou, raízes de um passado imperial em São Paulo, Melbourne e Guadalajara (bases operacionais e logísticas de exploração das regiões interiores).

4.2.10.2- Envolvente físico-arquitetónica

O património edificado em cada cidade é o nexa causal da envolvente física contextual, assim como, causa/consequência da amálgama de características que esta encerra. Assim, em tais edifícios está impregnada a história, a cultura e a própria filosofia da urbe.

Tabela 32. Envolvente físico-arquitetónica (Fonte: Autor)

Cidade	Envolvente Físico–Arquitetónica	Principal Símbolo Arquitetónico
Singapura	Edificação moderna e estruturada em altura face à escassa área vaga. Porém, o centro histórico colonial e edificações similares foram preservados e dois parques naturais	<i>Marina Bay</i>
São Paulo	Construção “metropolitana” dispersa por vastas áreas (epíteto “selva de betão”). Centro histórico restaurado, o qual reflete os díspares períodos históricos da urbe	Museu de Arte de São Paulo e a Avenida Paulista
Melbourne	Arquitetura atual e edifícios históricos bem mesclados e integrados. Os subúrbios refletem as contínuas vagas migratórias; e, as ex-áreas industriais foram reabilitadas	Estação de <i>Flinders Street</i>
Estocolmo	Centro histórico preservado para refletir os 700 anos de história. O progresso da urbe adota um modelo circular concêntrico, incluindo a reabilitação e integração das ex-áreas industriais. Cada ilha é como bairro singelo e uno	Câmara Municipal de Estocolmo
Seattle	Revitalização de várias zonas da urbe com conexão às exposições internacionais. Integração de edifícios recentes, centros históricos e renovação das zonas citadas. Cidade perfeitamente organizada em bairros (“micro cosmos”)	<i>Space Needle</i>
Calcutá	Alguma conservação de edifícios históricos, mormente do período colonial. Crescimento desordenado dos subúrbios (bairros de lata) devido a sucessivas migrações	<i>Victoria Memorial Hall</i>
Doha	Incremento exponencial de edifícios modernos (arranha-céus), menosprezando as diversas estruturas históricas. Urbanismo enquanto parte integrante do motor económico	Corniche (bairro financeiro <i>West Bay</i>)
Guadalajara	Construção contemporânea nomeadamente na zona do centro financeiro. Demolição intensa na década de 1950 (revitalização urbana); contudo, conservando edifícios de	Catedral de Guadalajara

	nomeada (valor histórico e/ou arquitetônico)	
Acra	Construção avulsa em extensão e não regulada, contudo preservando alguns edifícios históricos (período colonial)	Arco da Independência

Em suma, observa-se a condicionante espacial na edificação atual, a qual é grandemente racionalizada em Singapura. Algumas das urbes mais desenvolvidas e cientes da componente *glocal*, tais como Melbourne, Estocolmo ou Seattle, retiveram e promoveram uma integração dos edifícios e construções emblemáticas na malha urbanística. Em casos extremos, como Doha, a pluralidade das edificações da era anterior foram manifestamente olvidados (*boom* conexo à exploração de hidrocarbonetos).

4.2.10.3- Envoltente cultural

A envoltente cultural é uma das características mais proeminentes da cidade do conhecimento *glocal*. Esta reflete o somatório do mosaico comportamental das partes interessadas, isto é, causa/consequência das decisões de forma simultânea. Note-se que o elemento cultural, “alto” ou “baixo”, é moldado pelas dimensões local e global; logo, as discrepantes nacionalidades e etnias produzem um entendimento da diversidade cultural. Aliás, a forma como é encarada a cultura por um povo pode ser apanágio do respeito e integração plena de outras culturas.

Tabela 33. Etnias e nacionalidades (Fonte: Autor)

Cidades	Etnias e Nacionalidades
Singapura	Quatro etnias dominantes, cuja população imigrante representa 43% do total
São Paulo	Estatísticas por “raça” devido à dificuldade de separação por nacionalidade ou etnia
Melbourne	População registada ilustra mais de 140 nacionalidades distintas
Estocolmo	População imigrante representa cerca de 30% do total
Seattle	Minorias relevantes oriundas da América Latina, África e Ásia
Calcutá	Informação não disponível sobre etnias ou nacionalidades
Doha	Cerca 84% da população é imigrante, sendo a população qatari minoritária
Guadalajara	População predominantemente mexicana
Acra	População maioritariamente pertença de etnias locais

As cidades de Singapura, Melbourne e Estocolmo denotam uma maior diversificação étnica e

de nacionalidades. Considerando que estas coincidem com modelos aproximados do conceito cabal de urbe de conhecimento, é interessante tal assunção. A notável exceção é Doha, pois a sua predominante população forasteira deve-se ao recente e fulgurante progresso. Assim, aferir sobre a “impressão digital” dos movimentos populacionais na cidade é ainda prematuro.

A cultura cidadina é igualmente analisada enquanto produto de consumo, logo o autor recolheu informação relativa ao número de turistas, museus e salas de espetáculo. O peso dos turistas face à população intenta perspetivar o grau de atração das cidades; enquanto que, museus e salas de espetáculos são uma medida de alocação espacial das atividades culturais.

Tabela 34. Informação cultural (Fonte: Autor)

Cidade	Turistas	% População	Museus	Salas de Espectáculo
Singapura¹	14.500.000	273%	56	36
São Paulo²	13.220.000	67%	70	113
Melbourne³	20.030.000	480%	243	42
Estocolmo⁴	10.700.000	504%	30	33
Seattle⁵	10.200.000	297%	118	119
Calcutá⁶	1.431.600	10%	25	88
Doha⁷	2.627.000	330%	17	15
Guadalajara⁸	9.295.300	210%	32	72
Acra⁹	4.860.600	121%	6	6

Legenda:

1/7. United Nations/World Tourism Organization (2013); **2.** Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo (2012); **3.** National Centre for Culture and Recreation Statistics (2012); **4.** City of Stockholm (2012a); **5.** Seattle Performs (2014); **6.** EuroMonitor International (2013); **8.** Ellingwood (2012); **9.** Ghana Statistical Service (2008)

As conclusões da informação cultural são similares à análise anterior, ou seja, as cidades de Singapura, Melbourne, Estocolmo e Seattle são reconhecidas pela sua atratividade turística e proporção de recintos culturais face à população. E, inesperadamente ou não, a exceção é Doha pelo enumerado acima. Note-se que o número de museus e salas de espetáculos não foi analisado em função da população devido às diferenças no critério de contabilização. Urbes como Melbourne ou Seattle abrangem nesta taxonomia cafés, bares ou outros lugares de encontro ou interação social, cuja configuração não define “sala de espetáculo” em *stricto sensu*. Porém, esta abordagem reproduz a própria lente analítica de população cidadina, sob a forma de encarar cultura, seus locais emblemáticos e a conjugação destes fatores.

4.2.10.4- Envoltente económico-tecnológica

A glocalidade é também ilustrada nas decisões económicas e progresso tecnológico; pelo que, o autor investigou a composição da estrutura de capital das empresas em cada metrópole e respetiva produção de patentes. A escolha do primeiro critério releva a perceção estratégica dos agentes económicos face ao conhecimento local; enquanto que, a preferência pela produção de patentes e proporção por milhar de habitantes a mensuração do conhecimento produzido face à dimensão populacional. O número de universidades, à semelhança dos espaços culturais, intenta compreender o interesse cidadão em intuições que contêm na sua génese a própria criação e disseminação de conhecimento. Note-se que os valores apresentados são estimativas da bibliografia enunciada.

Tabela 35. Informação económica (Fonte: Autor)

Cidade	Capital Exclusivamente Nacional/Local	Capital Misto	Capital Exclusivamente Estrangeiro
Singapura¹	66%	24%	10%
São Paulo²	84,3%		15,7%
Melbourne³	96,8%		3,2%
Estocolmo⁴	96,49%		3,51%
Seattle⁵	50%		50%
Calcutá	Informação não disponível		
Doha⁶	O investimento estrangeiro é constringido por: (i) taxonomia de negócio; (ii) percentagem de ações detidas por entidades locais; (iii) avaliação casuística e individual. A regulação sectorial é responsabilidade do respetivo ministério		
Guadalajara⁷	97,5%		2,5%
Acra	Informação não disponível		

Legenda:

1. Janus Corporate Solutions (2012); **2.** Visite São Paulo (2014); **3.** Commonwealth of Australia (2012); **4.** City of Stockholm (2012b); **5.** Fiscal Policy Institute (2012); **6.** Latham e Watkins (n.d.); **7.** Dirección de Relaciones Internacionales y Ciudades Hermanas (n.d.)

É de realçar que a maioria das empresas dos casos de estudo são de índole predominantemente local (fração de capital nacional versus estrangeiro). O caso de Doha exhibe um enviesamento desta tendência natural, pois o desenvolvimento corporativo baseado em investimento estrangeiro depende de fatores inúmeras vezes arbitrários. E, mais uma vez, a produção “concreta” de conhecimento é mais incisiva em cidades que dão primazia à sua

componente local, nomeadamente Singapura, Melbourne, Estocolmo e Seattle (tabela 36).

Tabela 36. Informação tecnológica (Fonte: Autor)

Cidade	Patentes (10.000 hab.)*	Patentes (Total)*	Universidades /Institutos	Notas
Singapura ¹	2,04	1.056	31	*Valores 2011
São Paulo ²	0,14	279	44	*Valores 2010
Melbourne ³	1,07	445	9	*Valores 2011
Estocolmo ⁴	5,72	1.102	14	*Valores 2012
Seattle ⁵	4,25	1.126	23	*Valores 2012
Calcutá ⁶	0,07	107	17	*Valores 2011
Doha ⁷	-	-	13	*Valores nacionais 2011
Guadalajara ⁸	0,05	20,46	20	*Valores 2008
Acra ⁹	-	-	21	*Valores nacionais 2011

Legenda:

1. Janus Corporate Solutions (2012); 2. Visite São Paulo (2014); 3. Commonwealth of Australia (2012); 4. City of Stockholm (2012); 5. Fiscal Policy Institute (2012); 6. Latham e Watkins (n.d.); 7. Dirección de Relaciones Internacionales y Cuidades Hermanas (n.d.)

4.2.10.5- Síntese da envolvente

O ensaio comparativo das urbes quanto ao elemento glocal do conhecimento gerado evidencia uma contradição; as peças locais do puzzle cidadão podem ser quintessenciais numa cidade e irrisórias em outra. Logo, a análise compartimentada das várias vertentes subjaz uma falácia verificável à luz de valores do Índice de Desenvolvimento Humano. Até porque inclui indicadores de foro nacional ao invés de cidades, e como tal, extrapolar a contribuição de cada urbe é complexo e subjetivo.

Um exemplo desta assunção são as motivações dos turistas, ou seja, estes visitam a metrópole com um intuito de lazer ou negócios. Enquanto a opção lazer traduz valor económico momentâneo, a segunda estimula a canalização de investimento direto estrangeiro (processo longitudinal). Os turistas podem ser oriundos do próprio Brasil (outras urbes) ou cidadãos estrangeiros, sendo que, em teoria casos como o Brasil ou a Índia trazem tendências tão ou mais distintas do que outros turistas (ex., Singapura). E, os visitantes, absorvem a sua cultura mas também promovem a própria herança cultural. Este processo ocorre em espaços culturais

em *stricto sensu* (museus ou salas de espetáculo), ou mais informalmente em cafés e bares.

Isto é, a produção de conhecimento codificado sob parâmetros eminentemente legalistas é um mero “grão de poeira” face a uma colossal engrenagem operante em movimento perpétuo. Aliás, no *continuum* do saber cidadão a preponderância da dimensão tácita ou informal é transversal; até porque, espaço natural e arquitetônico ilustram uma tela metamorfofática de criatividade prosaica essencial ao desenrolar de interações socioculturais. Um exemplo inteligível é uma patente registada em Estocolmo (conhecimento codificado) a qual é pertença da capital sueca; porém, o grado dos seus habitantes pela cultura ou preservação de edifícios históricos, a omnipresença etérea estatal no quotidiano, ou ainda o reconhecimento da beleza natural dos *fjords* estruturantes da própria cidade são inestimáveis valorizações de teor tácito.

Em suma, o indefetível contexto (*ba*), denota a escola japonesa como a única capaz de reconhecer tal infusão contínua e ubíqua (“espírito” da cidade). Pois, esta permite ponderar uma grandiosa “organização” (urbe) enquanto produto superior à soma individual das partes.

4.3- Análise meso

4.3.1- Américas

O continente americano, quando apercebido na plenitude geográfica (norte e sul), revela-se um “universo” de abundância mas condensado no hemisfério ocidental. A extensão continental, desde o Ártico até à *Tierra del Fuego* inscreve uma multiplicidade assombrosa de culturas, etnias e línguas; enquanto, os estados soberanos constituintes apresentam dinâmicas diametralmente divergentes. A título de exemplo é possível ilustrar: (i) a norte, o Canadá ostenta níveis de progresso socioeconómicos similares às monarquias do Norte da Europa; e, os Estados Unidos, embora com menor pendor teórico, continua a exercer uma influência e/ou dominância política, económica e cultural no globo; (ii) no centro e sul, o México e mormente o Brasil, são potências regionais que indiciam num primeiro estágio de desenvolvimento internacional uma força económica e cultural, apesar das notórias debilidades sociais.

Ainda assim, alguns países da América Latina com relativa menor dimensão face aos citados, denotam um crescimento interessante no panorama internacional (ex., Chile, Argentina e Colômbia). Estes competem em idêntico “tabuleiro” geográfico dos *big players* (Brasil, México e EUA); porém, estratégias de eficiente relação custo/benefício, impostos menos acutilantes, promoção de ambientes favoráveis à realidade empresarial e conquista de

condições sociais têm catapultado urbes destes países para níveis de progresso similares às congêneres do norte ou sul (FDI Intelligence, 2013). Mas, independentemente do ímpeto destas metrópoles, a mão-de-obra altamente qualificada continua a concentrar-se em cidades norte americanas, sobretudo na Califórnia (ex., *San José*) e Massachusetts (ex., *Boston*). A exceção é São Paulo, a qual já é classificada em vários estudos internacionais como rival de respeito a Nova Iorque (FDI Intelligence, 2013); isto porque a sua dispersão territorial não é desconexa contrariamente à concorrente, e se lapidar o efeito da glocalidade atingirá o auge.

O conceito de cidade do saber glocal incorre na dualidade causa/consequência do progresso, coadunando estratégias de valorização local mescladas com nacionais. A dinâmica concebida por urbes e zonas de atividades de conhecimento intensivo, como *Califórnia* e *Massachusetts*, incorrem em benesses socioeconómicas conexas a si, regionalmente e nacionalmente (FDI Intelligence, 2013). Logo, é expectável que tais cidades sirvam de *benchmarks* a outras regiões mais a sul como denotado no caso de Guadalajara. Isto é, esta metrópole tem sabido conjugar tendências globais com características próprias que lhe infundem organicidade e, por extensão, são marca reconhecida internacionalmente do México. Basta relembrar os seguintes factos: (i) berço da maioria dos símbolos mexicanos (ex., *mariachis* e *sombreros*); (ii) importância estratégica do espanhol na indústria digital criativa (filmes, videojogos, etc.).

E, Seattle tem capitalizado as “ondas incessantes” de matérias-primas e socioculturais (emigração). Veja-se o caso de uma indústria icónica (i.e., aviação) e a relação privilegiada com cidades canadianas (i.e., Vancouver) como nota do *status* estratégico no contexto nacional. Ou, a cultura forjada pela interação de vagas migratórias oriundas da Europa e África moldada por diversas forças político-sociais (ex., colonialismo, escravatura, etc.). Concluindo, tais infusões longitudinais geram em cada urbe uma amálgama sociocultural que personaliza uma identidade singela e idiossincrática. E, a qual será fator quintessencial a explorar/potenciar no xadrez concorrencial do continente americano e global.

4.3.2- Ásia

4.3.2.1- Análise genérica

O continente asiático denota uma vastidão geográfica assinalável, albergando regiões subcontinentais com dinâmicas, populações, contextos socioeconómicos e heranças histórico-culturais radicalmente díspares entre si. As discrepâncias entre o Golfo Pérsico,

Subcontinente Indiano, Indochina, etc. são de tal ordem significativas que assumir geografias antipodais era uma possibilidade. Esta diversidade de sub-regiões induz complexidades adicionais e profundas vs. características de cada realidade (país ou urbe); logo, reconvertendo cada uma num universo diametralmente discrepante. Assim, o autor analisou três cidades do continente asiático com correspondência geográfica desigual: Doha (Golfo Pérsico), Calcutá (Subcontinente Indiano) e Singapura (Sudeste Asiático). Além do contexto geográfico, separam-nas as dimensões populacionais e motores de índole económica e sociocultural que as impulsionam, assim como, dissemelhantes níveis de desenvolvimento “societal”.

Por um lado, Doha é caso similar a outros no Golfo Pérsico, onde a exploração petrolífera criou a alavanca imprescindível para que uma vila piscatória preconiza-se um salto quântico na senda da influência global. Em *stricto sensu*, o comportamento de Doha não divergiu de outras cidades cujo progresso se exponenciou à custa de uma matéria-prima, tais como: Melbourne, Seattle ou São Paulo. Porém, o enquadramento temporal e tecnológico aliado ao facto indesmentível de ser a capital de um estado altamente centralizado, potenciou um progresso incrivelmente mais célere e exponencial. E, é de salientar que várias idiosincrasias culturais e históricas foram sacrificadas no *continuum* de progresso “artificial”. Ainda assim, a cúpula governativa reconheceu a necessidade premente de armazenar algo mais intangível que matérias-primas (incentivo à educação dos nacionais) (Encyclopaedia Britannica, 2013).

Por outro, Calcutá expandiu-se como entreposto comercial de projeção regional e, a dado momento da sua história mundial (império britânico). Mas, os movimentos socioeconómicos pós-independentistas metamorfosearam a metrópole para um colossal aglomerado populacional com condições económicas e infraestruturais estrangidas por um vetor antagónico. A hipotética vantagem da escala, à semelhança da urbe paulista (sentido espacial), configura uma realidade preserva: ingerência governativa em face do *status quo*. Logo, Calcutá *ex-ante* à potenciação das características locais na senda de uma economia global é forçada a satisfizer os requisitos mínimos de progresso societal (India Netzone, 2008b).

Por último, Singapura é presumivelmente um dos exemplos cabais da perfeita utilização de características locais enquanto resposta ao contexto global. Atraindo corporações globais de saber intensivo e incentivando empresas nacionais a prosperarem neste contexto, devido à miscelânea étnico-cultural dos habitantes e da posição geoestratégica, esta cidade-estado desenvolveu-se substancialmente nas últimas décadas, sob a égide da auto-governabilidade.

Exibindo menos de um terço da população de Calcutá, Singapura almejou o estatuto de urbe e nação rica, com ganhos visíveis na qualidade de vida dos cidadãos (Pin, 2012).

Conclui-se que na diversidade intrínseca do contexto asiático as metrópoles competem entre si de forma crescente, isto é, antecâmara do “tabuleiro” estratégico mundial. Indiferente das disparidades face às remanescentes urbes asiáticas, mormente as abordadas nesta dissertação, Singapura é claramente o *benchmark* a destronar. Isto no que concerne ao domínio e usufruto das suas características unas de modo a se evidenciarem num contexto mais lato.

4.3.2.2- O *spin-off* de Singapura e Melbourne

Ainda que Singapura esteja por norma inscrita no contexto geográfico da Ásia, Sudeste Asiático, e Melbourne uma metrópole na Oceânia (continente); a sua relativa proximidade geoestratégica justifica a intra-comparação e perceção de similaridades potenciais. Como observado *ex-ante*, tais urbes definiram planos estratégicos cujo âmago era a sua conversão em centros de referência internacional na criação, exploração e transformação do saber. E, ambas ilustram um processo orgânico e incessante das suas características idiossincráticas nas esferas económicas e socioculturais, para se catapultarem no panorama mundial sob a ótica analítica destas dimensões (Yigitcanlar, Veliveyoglu e Martinez-Fernandez, 2008).

As suas heranças históricas são radicalmente divergentes: enquanto Singapura se expandiu e afirmou como entreposto comercial e ponto de confluência multicultural (Pin, 2012); Melbourne trilhou o sucesso através da simplicidade rural, o qual configurou uma reviravolta através da *commodity* internacional (ouro), cuja alavancagem lhe proporcionou o impulso desenvolvimentista (Only Melbourne, n.d.). O enquadramento nacional é também díspar, pois a *Cidade dos Leões* é o cabal figurino de uma cidade-estado; isto é, uma entidade que mescla especificidades urbanas e desafios de um estado soberano. A tomada de decisão estratégica em meados do século XX concedeu à cidade um conjunto de preeminências e desvantagens que balizam a cúpula governativa e população (Pin, 2012). Por seu turno, Melbourne granjeou durante décadas a condição de capital australiana, perdendo tal estatuto e projeção além-fronteiras para Sydney. Porém, o progresso e prestígio angariado *ex-ante* à perda do *status* permitiu-lhe exibir “apenas” o epíteto de segunda urbe australiana (Only Melbourne, n.d.).

Independentemente dos contextos, estas metrópoles são centros económicos de excelência, com economias impulsionados por sectores de saber intensivo e tecnologia de vanguarda. As razões são: (i) atração de empresas multinacionais; (ii) desenvolvimento de empresas locais

em sectores especializados e com elevado valor acrescentado; (iii) conciliação destas vertentes e sua impulsão de modo a criar um ambiente económico competitivo, pujante e mais dinâmico que qualquer um dos seus grupos de intervenientes individualmente poderia disponibilizar; (iv) valorização sociocultural e dos espaços culturais; (v) sustentabilidade ambiental (Yigitcanlar, Veliveyoglu e Martinez-Fernandez, 2008).

As vicissitudes da dimensão local, mais que entraves ao progresso, capitalizaram-no; as duas urbes denotam uma população de distintas etnias, nacionalidades e/ou religiões, assim como, exibem uma omnipresente tolerância face à diferença. Apesar de Melbourne contabilizar um número superior de etnias, o bulício de Singapura contribui para uma maior atratividade global (Loong, 2009, comunicação pessoal). Ao mesclarem populações diferenciadas, forças económicas locais, uma base histórica e respetiva herança cultural com os ventos da globalização, estas cidades preconizam uma hemóstase contextual (*ba*) que permite a fluência do conhecimento (ex., analítico, sintético, simbólico, etc.); ao invés, de uma deambulação não estratégica de todas as partes interessadas (entidades público-privadas, cidadãos, etc.) que iria desdenhar um ambiente de desenvolvimento socioeconómico superiores à soma das partes.

Assumindo conscientemente as suas características singelas para se afamarem na globalidade; em Melbourne e Singapura, a infusão das vertentes locais e globais não contribui para um crescimento espacial desmesurado semelhante a São Paulo, Tóquio ou Nova Iorque. Esta configurou o mote para a criação do microcosmos basilar da qualidade de vida (alusão à sustentabilidade ambiental), até porque são tidas como *benchmarks* quase perfeitos de uma urbe do saber glocal (foco analítico da dissertação).

4.4- Análise global

Para além da notória exceção à metrópole paulista, a plenitude das urbes analisadas com menores rankings, localizam-se em países em desenvolvimento. Entre São Paulo, Calcutá, Guadalajara e Acra nenhuma exhibe uma estratégia coesa de orientação e reconversão do saber cidadão (idiosincrasias locais), apesar de tentames políticos (medidas avulsas ou projetos). A noção de cidade do conhecimento e glocalidade aparentam ser, diretamente proporcionais ao nível de progresso societal dos países inscritos em tais geografias. Sociedades com elevados índices de progresso humano preconizam qualidade de vida face às infraestruturas existentes, educação, atividades de valor acrescentado e sustentabilidade ambiental. Assim, as urbes de projeção mundial são no cômputo geral as mais desenvolvidas enquanto sistema orgânico

urbano (Yigitcanlar, O'Connor e Westerman, 2008; Wong, Millar e Choi, 2006).

Note-se que num determinado hiato social e histórico e cultural algumas metrópoles foram impulsionadas por uma alavanca de cariz socioeconómico (aceleração exponencial do progresso). Urbes como Melbourne, Seattle, São Paulo efervesceram à luz do ouro; e mais recentemente, a capital qatari saiu da obscuridade devido à infusão de capital oriundo da exploração petrolífera. Outras cidades como Estocolmo, Calcutá ou Singapura construíram a sua posição transversalmente e diametralmente como entrepostos comerciais de referência. Mais, as migrações oriundas de díspares nacionalidades, religiões e heranças culturais infundiram a esfera global na local (autopoiese orgânica). Isto é, independentemente das forças motrizes do progresso, estas inscreveram marcas indeléveis na identidade de cada urbe.

Todavia, o declínio das matérias-primas e os fluxos globais na malha local produziram um contexto singelo em cada urbe, orientando o progresso em múltiplas direções (opções estratégicas), interações (agentes) com ritmos díspares. Nos casos de completude quase plena, Melbourne e Singapura, são visualizáveis os acontecimentos catalisadores do seu reconhecimento mundial enquanto centros económicos e saber (Woo, 2013). Logo, poderão ser um exemplo para Doha, cujo apelo do ouro negro é mais recente. Ao capitalizarem a herança histórica e socioeconómica, os decisores cidadãos irão alocar de forma premente uma estratégia de conhecimento. Assim, o conceito de cidade do saber glocal resume o arquétipo de renovadas infusões do conhecimento, ou seja, conversão em *hot commodity* (Woo, 2013).

O advento da economia do conhecimento fortaleceu a importância estratégica das cidades, após um período negligenciador do seu potencial. Assim, este paradigma económico preconiza diversas vertentes do desenvolvimento urbano; pois, as metrópoles carecem de um pensamento estratégico para atração, desenvolvimento, geração e capitalização de atividades com saber intensivo, além da promoção da sustentabilidade ambiental (Farhangi, 2013).

A noção de *clusters* industriais pressupõe importância articulada à proximidade geográfica, pois induz diversos benefícios a corporações e regiões: (i) melhor competitividade e produtividade (elevada concentração de empresas concorrentes); (ii) criação de saber num ambiente de inovação recorrendo a mão-de-obra-altamente especializada. Além do mais, em *clusters* as cooperações estratégicas de índole formal/informal facilitam a difusão do saber. A explicação subjacente traduz um esforço de proveito das competências socioculturais da mão-

de-obra da latitude (conexão idiossincrática à região e/ou cidade), e de marketing territorial. Um exemplo iconográfico é a indústria da aviação em Seattle (Mengi e Velibeyoğlu, 2013). E, nitidamente, a dimensão local das cidades é retratada no ambiente físico, até porque a organicidade da malha urbana o assume à luz das opções estratégicas e estruturas arquitetônicas (espaços experimentais e vivenciados). Este vislumbre é explícito no mosaico urbano, pois cada metrópole exibe uma imagem física distinta enquanto causa/consequência da herança histórica e desenvolvimento econômico e sociocultural. Metaforicamente, a dimensão ambiental (física) equivale ao espectro ótico, visto projetar para o nível global a infusão de fatores locais (visíveis e invisíveis) que delinham o progresso citadino.

Por exemplo, enquanto o progresso de Singapura foi condicionado pela condição de cidade-estado e reduzido espaço geográfico (condição de ilha); a urbe de Melbourne prosperou em redor da baía de *Port Phillip*, edificação de zonas industriais na área portuária, e pela febre do ouro. E, em Estocolmo, facilmente se reconhece a traça original arquitetônica dos edifícios de um passado imperial conjugados harmoniosamente com a modernidade (adequação estrutural para uma das capitais mais intensamente tecnológicas em termos globais). Ou ainda, a selva urbana paulista, a qual é apanágio de dimensão espacial gigantesca fruto de um crescimento desmesurado (vagas de imigração) enquanto se convertia no miscigenado motor econômico do Brasil. Por seu turno, Calcutá e Acra são o espelho de reduzidos ou inexistentes tentames de planeamento urbano, períodos extensos de crise econômica e fortes conexões a um passado recente onde grassam marcas da questão colonial. E, por fim, a exploração de hidrocarbonetos preconizou uma estratégia de reconversão quase cabal da consciência coletiva (negligência dos símbolos sócio históricos e arquitetônicos).

Em suma, apesar da indelével identidade local, a competição e fluxos informacionais são globais, promulgando uma fusão crescente destas dimensões. O conceito de urbe do saber glocal revela a essência do “espírito” simbiótico entre espaço e pessoas (*ba*). Tal pressupõe a capitalização do conhecimento resultante de *ba* em dado cenário local (cidade), através da preservação e incentivo da identidade local numa sociedade crescentemente globalizada.

Conclusão

5.1- Conclusões genéricas

O frenético ritmo do progresso da sociedade atual exponencia o efeito de ações locais; cuja repercussão é cada vez mais célere e com maior impacto global. As mudanças e tendências mais duradouras podem deturpar a esfera local, induzindo efeitos nocivos na identidade, idiossincrasias e herança sociocultural. Porém, tal contexto obsta o “fecho” total e inequívoco de uma sociedade ao exterior; sendo, esta realidade inclusa em regimes ditatoriais como o cubano (peso do turismo na economia). A exceção, porventura, é o regime norte-coreano.

A alegação consagra a interdependência da realidade local e global face à circulação informacional instantânea; logo, é forçoso um equilíbrio constante entre ações locais e tendências globais. O conceito de glocalidade intenta a hemóstase processual, promovendo as diferenças e características singelas de cada esfera local no seio da esfera global. Logo, a essência da glocalidade nas urbes do conhecimento é condição *sine qua non* para o sucesso.

5.2- Tendências

A mescla das dimensões global e local incorre na aplicação prática do conhecimento, mormente em urbes; e, as tendências processuais transfiguram o constructo de cidade do conhecimento e a matrioska da glocalidade.

5.2.1- Constructo cidade do conhecimento e dimensões analíticas

Cada metrópole é um conjunto uno, de características irrepetíveis, um universo díspar da cidade subsequente. São “células” refletoras da sobreposição de esferas locais e globais, logo todas as cidades representam o somatório da sua contemporaneidade e história (gênese). Ao longo de vários hiatos temporais, cada mosaico sociocultural destas cidades foi influenciado e influenciou outros mosaicos citadinos. As vagas de influência global organicamente decalcaram-se e englobaram-se na realidade local, em matizes díspares de urbe para urbe, convertendo-se longitudinalmente numa camada exterior (recente) da esfera local. Fruto destas camadas longitudinais, as cidades diferenciaram-se das suas congêneres com especial ênfase no desenvolvimento sociocultural da população, tecido económico e ambiente físico

(contextual). Ou seja, o legado às gerações vindouras tal como advoga Musterd *et al.* (2010).

É ainda interessante, ilustrar que algumas considerações desta dissertação estão inscritas em Musterd *et al.* (2010): (i) o desenvolvimento com êxito de uma cidade do conhecimento denota a influência da sua historicidade; (ii) cada urbe é caracterizada por uma identidade própria (ligação umbilical às suas camadas de desenvolvimento); (iii) os espaços citadinos da economia do conhecimento (universidades e espaços culturais) devem ter capacidade de atrair cientistas e artistas (*knowledge workers*); (iv) o espectro simbólico da cidade é vital, o qual está dividido em *branding*, valor experimental e valor experiencial; (v) a globalidade alude à envolvente contextual, enquanto localidade repercute a envolvente transacional; (vi) uma urbe do conhecimento granjeia cooperação ao invés de competição enquanto atitude estratégica.

Mas, estes autores denotam “erros circulares”, cujas respostas configuram o argumento do autor: (i) cidade do conhecimento ou criativa é uma análoga realidade, mas tal revela-se nebuloso; (ii) é criticável a classificação das atividades criativas e/ou do conhecimento; (iii) o espaço experimental e experiencial (vertente física) não é considerado; (iv) o conceito de glocalidade é tido em *stricto sensu* ao invés de *lato sensu*; (v) apesar da importância da historicidade, o estudo ignora tal análise; (vi) a realidade europeia é glocal e geradora de riqueza analítica, porém uma abordagem continental e mundial é reconhecidamente superior; (vii) ao se olvidar a zona sul, num estudo europeu, o ponto anterior ilustra maior significação.

5.2.2- Matrioska da glocalidade

Cada cidade cria o seu espírito, idiossincrática identidade cultural, a qual abarca a soma dos fatores enumerados sob a égide de *ba*. Mais que uma soma de indicadores compósitos, *ba* é um resultado explícito mas de cariz tácito que se traduz num todo superior à soma das partes (processo homeostático). Assim, a escola japonesa de gestão do conhecimento revela-se a opção mais adequada fruto da natureza intangível e difusa de essência. Ao contrário das suas congéneres ocidentais, esta acrescenta valor à indiscutível importância da tecnologia e ainda mais à predominância legalista da escola europeia. Mais, esta é a mais capacitada para a inclusão do todo na sua abordagem e não somente o estritamente palpável e mensurável.

Todavia, como observar a matrioska da glocalidade? Relembrando a sucessão de camadas de desenvolvimento em díspares hiatos temporais, a interconexão entre glocalidade e a escola japonesa é visível nas cidades de Singapura e Melbourne. Esta assunção resume as seguintes

condições: (i) maior proximidade geográfica à escola de pensamento; (ii) urbes que apostam em estratégias inclusivas, ao invés das congêneres em análise; (iii) únicas com indicadores de caráter qualitativo para metas socioculturais; (iv) as restantes cidades advogam opções estratégicas com base no KUBD e/ou em marketing territorial. O efeito é o negligenciar do ambiente físico e sua influência sob as interações económicas e socioculturais.

Em suma, estes exemplos indiciam uma proximidade conceptual com a urbe do conhecimento glocal. A percepção está de tal forma enraizada que a cúpula governativa de Singapura intenta parcerias junto de países limítrofes para colmatar a carência de identidade nacional (*ba*).

5.3- Trabalho futuro

As sugestões de trabalho futuro encerram três pontos essenciais: (i) constructos concetuais; (ii) desenvolvimento de indicadores e modelos analíticos; (iii) validação metodológica. O entendimento relativo a constructos é crucial para minorar a nebulosidade conceptual, apesar da importância do debate académico (veja-se o exemplo circular de Musterd *et al.*, 2010). Assim a distinção entre urbe do conhecimento “global” e “glocal” será uma realidade, e entre cidade do conhecimento e criativa. Ou, como investigar a deturpação ou desvanecimento cabal de um conceito em detrimento de outro (*trade-off* entre localidade e globalidade).

Estudos empíricos relevantes serão: (i) Singapura, face à proximidade concetual com cidade do conhecimento glocal; e, (ii) São Paulo, por via da sua delimitação geográfica vs. estágio de desenvolvimento. Isto é, uma abordagem à evolução citadina de Singapura permitirá concluir sobre a aderência total ou não ao conceito orientador da dissertação. E, São Paulo, será o “tubo de ensaio” perfeito relativo ao raio de ação de *ba* sob as zonas limítrofes da urbe; e, a exequibilidade de criá-lo artificialmente numa cidade de dimensão geográfica alargada. Um consenso em torno das métricas reconhecidas internacionalmente nas KBUD (uso de dados similares) é também um imperativo. Mais, é essencial a criação de métricas glocais e de pendor qualitativo incluindo questões como *branding*, valor experimental e experiencial dos espaços urbanos (Yigitcanlar e Lönnqvist, 2013). Em termos práticos, a utilização de cidades norteadas por estratégias de KBUD (ex., Helsínquia) é uma possibilidade interessante.

Por outro lado, urge desenvolver um modelo analítico para as metrópoles do conhecimento glocal. Este modelo irá interpretar e localizar uma dada urbe quanto à gestão do conhecimento comunitária à luz de Renzl (2004), assim como, a sua posição no espectro entre os extremos

localidade e globalidade. A sua estrutura ilustra um triângulo cujos vértices são as dimensões sociocultural, económica e ambiental (física) locais; contudo, através de ampliação concetual (inferência de Renzl) este converte-se num dodecaedro (dimensão global). Assim a rotação dos eixos analíticos permite um entendimento do seu espetro e avaliação estratégica, e coadjuvada com métricas de performance quantitativa e qualitativa existentes e/ou inovadoras. Em termos práticos, será recompensador a tentativa de implementação do modelo e seus indicadores na cidade de Lisboa face à sua aderência ao programa *Cross Innovation*.

A validação metodológica das ideias enunciadas reconhece díspares possibilidades e um potencial crítico elevado; mas, o autor não se coíbe de expor as suas ideias. Todos os estudos poderão denotar uma abordagem interpretativa com casos de estudo longitudinais à exceção de Lisboa; o qual, poderá impor a opção da teoria de base zero. E, os seus ciclos interativos para melhoria e validação do modelo e métricas, poderão refletir nitidamente o método Delphi. A recolha e análise de dados empíricos pressupõe a utilização da análise hermenêutica e semiótica; isto é, o papel da hermenêutica será relacionar estratégias e o projeto de gestão de conhecimento (relação das partes com o todo e vice-versa). Enquanto, a semiótica analisará os espaços citadinos e seu impacto na perceção, vivência e/ou partilha de conhecimento.

5.4- Conclusões finais

Ao longo da dissertação foram abordados díspares conceitos: gestão do conhecimento, cidade, glocalidade e suas interações. E, concluiu-se sobre a existência de uma relação bivalente entre localidade e glocalidade, consagrando a pertinência da questão de investigação: qual é a verdadeira essência da cidade do conhecimento glocal?

O enfoque na escola oriental é essencial, pois a autêntica essência reside no espírito único e indelével de cada cidade através das suas características económicas, socioculturais e contextuais (ambiente físico e estrutural). Logo, a essência da urbe do conhecimento glocal é a noção basilar da escola japonesa: *ba* (contexto local e estrutura individual), sem olvidar o fundamento filosófico (*qi*).

Em suma, embora situada num mapa *mundi* que contrai quotidianamente, cada cidade é uma em espírito e condições. Pelo que, existe uma relação indissociável entre consolidação e exploração cabal do conhecimento aí gerado (independentemente da génese- ex: *episteme* ou *phronesis*) e a identidade da urbe.

Bibliografia

Aaker, D. A., Kumar, V., e Day, G. S. (2007). *Marketing research*. 9ª ed. New York, NY: John Wiley & Sons.

Abu-Anzeh, N., e Ledraa, T. (2007, Julho). *Planning the knowledge city: Can it be an option for Riyadh?* Artigo apresentado no 2º International Symposium on Knowledge Cities: Future of Cities in the Knowledge Economy, Shah Alam City Council, Malásia.

Accra Metropolitan Assembly. (2006). Accra- Historical background. *Accra Metropolitan Assembly*. Retirado em Outubro 31, 2013, de http://ama.ghanadistricts.gov.gh/?arrow=atd&_3&sa=2995.

Asheim, B. J. (2012). Innovating: Creativity, innovation, and the role of cities in the globalizing knowledge economy. In T. Yigitcanlar, K. Metaxiotis e F. J. Carrillo (Eds.), *Building Prosperous Knowledge Cities- Policies, Plans and Metrics* (pp. 3-23). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Australian Bureau of Statistics. (2013a). National regional profile. *Australian Bureau of Statistics*. Retirado em Novembro 02, 2013, de http://www.censusdata.abs.gov.au/census_services/getproduct/census/2011/quickstat/2GMEL?opendocument&navpos=220.

Australian Bureau of Statistics. (2013b). 2011 census. *Australian Bureau of Statistics*. Retirado em Novembro 02, 2013, de http://www.censusdata.abs.gov.au/census_services/getproduct/census/2011/quickstat/2GMEL?opendocument&navpos=220.

Baird Maritime. (2013). Firms compete for Melbourne's port project. *Baird Maritime*. Retirado em Novembro 02, 2013, de http://www.bairdmaritime.com/index.php?option=com_content&view=article&id=14264:firms-compete-for-melbournes-port-project&catid=68&Itemid=59.

Bardin, L. (1977). *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- BBC News Asia. (2012). Singapore profile. *BBC News Asia*. Retirado em Outubro 25, 2013, de <http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-15971013>.
- Berg, B. L. (2004). *Qualitative research methods*. 5ª ed. Long Beach, CA: California State University.
- Berube, A. (2012). São Paulo striving to keep global economic edge. *The Avenue*. Retirado em Fevereiro 03, 2014, de <http://www.brookings.edu/blogs/the-avenue/posts/2012/11/27-sao-paulo-global-economy-berube>.
- Bettencourt L. M. A., Lobo, J., e West, G. B. (2009). The self similarity of human social organization and dynamics in cities. In D. Lane *et al.* (Eds.), *Complexity Perspectives on Innovation and Social Change* (pp. 221-236). Berlin: Springer-Verlag.
- Bharatonline. (n.d.). History of Kolkata. *Bharatonline*. Retirado em Novembro 01, 2013, de <http://www.bharatonline.com/west-bengal/travel/kolkata/history.html>.
- Bhattacharjee, K. P. (2011). Strategy for a livable & sustainable Kolkata- Need for effective policies and urgent actions. *Urban, Architecture- Time, Space & People, March*, 32-39.
- Bogdan, R., e Biklen, S. (1998). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Boone, C. G., e Modarres, A. (2006). *City and environment*. Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Brelade, S., e Harman, C. (2003). *A practical guide to knowledge management: A special commissioned report*. London: Thorogood Professional Insights.
- Bricio, G. (2011). Guadalajara. *American Chamber Mexico*. Retirado em Outubro 30, 2013, de <http://www.amcham.org.mx/about-us/Guadalajara.aspx>.
- Bryman, A., e Bell, E. (2007). *Business research methods*. 2ª ed. New York, NY: Oxford University Press.
- Business Dictionary (2013). Knowledge management. *Business Dictionary*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://www.businessdictionary.com/definition/knowledge-management.html>.
- Cadman, K. (2002). English for academic possibilities: The research proposal as contested site in postgraduate genre pedagogy. *Journal of English for Academic Purposes*, 1(2), 85-104.
- Carayannis, E. G., e Campbell, D. F. J. (2010). Triple helix, quadruple helix and quintuple helix and how do knowledge, innovation and the environment relate to each other? A proposed framework for a trans-disciplinary analysis of sustainable development and social ecology. *International Journal of Social Ecology and Sustainable Development*, 1(1), 41-69.

Cardoso, L., Gomes, A., e Rebelo, T. (2003). Gestão do conhecimento: Dos dados à informação e ao conhecimento. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 1(9), 55-84.

Carrillo, F. J., e Flores, R. E. (2012). Measuring: Knowledge-based development metrics, evolution and perspectives. In T. Yigitcanlar, K. Metaxiotis e F. J. Carrillo (Eds.), *Building Prosperous Knowledge Cities- Policies, Plans and Metrics* (pp. 309-326). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Castanho, I. M. (2013). *O rock brasileiro e sua participação na identidade cultural paulistana*. Projecto final de pós-graduação em Media, Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Castells, M. (2009). *The rise of the network society: The information age- Economy, society, and culture- Volume I*. 2nd ed. Malden, MA: Wiley Blackwell.

Castells, M. (1996). *The rise of the network society: The information age- Economy, society and culture- Volume I*. Cambridge, MA: Blackwell.

Central Intelligence Agency. (2013). The world factbook. *Central Intelligence Agency*. Retirado em Outubro 25, 2013, de <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sn.html>.

Cheng, P. *et al.* (2004). Knowledge repositories in knowledge cities: Institutions, conventions and knowledge sub-networks. *Journal of Knowledge Management*, 8(5), 96-106.

Cheong, K. F. (2011). *The roles and values of personal knowledge management*. Tese de doutoramento em Business Administration, Southern Cross University, Lismore.

Childs, M., e McLaren, D. (2013). Cities- A synthesis of literature on the topic, and the identification of big ideas change the world opportunities or interventions. Friends of the Earth. Retirado em Fevereiro 22, 2013, de http://www.foe.co.uk/resource/briefings/cities_a_synthesis_of_lite.pdf.

Cisco. (2011). Learning for “everyone, everywhere” in a smart+connected community. *Cisco*. Retirado em Fevereiro 04, 2014, de https://www.cisco.com/web/strategy/docs/gov/es11527_cityStockholm_cStudy.pdf.

City of Stockholm. (2012a). Facts about Stockholm’s tourism industry. *Stockholm Business Region*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de http://www.stockholmbusinessregion.se/Global/Investment%20promotion/Dokument/Facts_about_the_tourism_industry_in_Stockholm_2012.pdf.

City of Stockholm. (2012b). Facts about business in Stockholm. *Stockholm Business Region*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de

<http://www.investstockholm.com/Global/Investment%20promotion/Dokument/Facts%20about%20business%20in%20Stockholm%202012.pdf>.

CNN International. (2006). Melbourne: City overview. *CNN*. Retirado em Novembro 02, 2013, de <http://edition.cnn.com/2006/TRAVEL/12/29/melbourne.overview/>.

Cohen L., Manion, L., e Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. 6ª ed. London: Routledge-Falmer.

Comin, A. *et al.* (2010, March). *City and economy: Changes in São Paulo metropolitan context*. Artigo apresentado no Seminar Metropolis and Inequalities, Centro de Estudos da Metrópole, São Paulo.

Commonwealth of Australia. (2012). Australian small business- Key statistics and analysis. *Innovation*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.innovation.gov.au/smallbusiness/keyfacts/Documents/AustralianSmallBusinessKeyStatisticsAndAnalysis.pdf>.

Conole, G., e Oliver, M. (2007). *Contemporary perspectives in e-learning research. Themes, methods and impact on practice*. London: Routledge.

Corbin, J. M., e Strauss, A. L. (2008). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. 3ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Costa, G. J. M. (Ed.) (2011). *Ethical issues and social dilemmas in knowledge management: Organizational innovation*. Hershey, PA: IGI Global.

Costa, G. J. M., Prior, M., e Rogerson, S. (2010). Why link knowledge management, organizational culture and ethics: Analysing empirical inquiry. In M. Arias-Oliva *et al.* (Eds.), *ETHICOMP 2010* (pp. 83-92). Tarragona: Universitat Rovira e Virgili.

Cross Innovation. (2012). About. *Cross Innovation*. Retirado em Setembro 01, 2013, de <http://www.cross-innovation.eu/about/>.

Darchen, S., e Tremblay, D-G. (2011). *The attraction/retention of knowledge workers and the creative city paradigm: Can we plan for the talents and what the cost?* (research note). Montréal, QC: Université du Quebec.

David, P. A., e Foray, D. (2003). Economic fundamentals of the knowledge society. *Policy Futures in Education*, 1(1), 20-49.

Deák, C. (2007). São Paulo 2006. In M. Carmona *et al.* (Eds.), *Strategies & Urban Projects in a Rapidly Globalizing World* (pp. 173-182). Amesterdam: Techne Press.

Dicken, P. (2007). *Global shift*. 5th ed. London: Sage.

Dirección de Relaciones Internacionales y Ciudades Hermanas. (n.d.). Perfil económico-Atractivos turísticos. *Guadalajara*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.guadalajara.gob.mx/relacionesinternacionales/perfil-economico.htm>.

Drucker, P. (1969). *The age of discontinuities*. London: Transaction Publications.

Dublin Core Organization. (2013). Dublin core metadata initiative- Mission and principles. *Dublin Core Organization*. Retirado em Março 13, 2013, de <http://dublincore.org/about-us/>.

EasyExpat. (2013). Overview of Stockholm- Economy. *EasyExpat*. Retirado em Outubro 27, 2013, de <http://www.easyexpat.com/en/guides/sweden/stockholm/overview/economy.htm>.

Economist Intelligent Unit (2013). Hot spots 2025- Benchmarking the future competitiveness of cities . *Citi Group*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.citigroup.com/citi/citiforcities/pdfs/hotspots2025.pdf>.

Edvinsson, L. (2006). Aspects on the city as a knowledge tool. *Journal of Knowledge Management*, 10(5), 6-13.

Edvinsson, L. (2003, Junho). *A knowledge city!* Artigo apresentado na Henley Knowledge Management Conference, Henley Management College, Reading.

Ellingwood, K. (2012). Mexico sets tourism record despite drug violence. *Los Angeles Times*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de http://latimesblogs.latimes.com/world_now/2012/02/mexico-tourism-drug-violence.html.

Ellis, T. J., e Levy, Y. (2008). Framework of problem-based research: A guide for novice researchers on the development of a research-worthy problem. *Informing Science Journal: The International Journal of an Emerging Transdiscipline*, 11, 17-33.

Encyclopaedia Britannica. (2013). Doha. *Qatar Statistics Authority*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/168027/Doha>.

Enjoy Stockholm. (n.d.). Population statistical database. *Statistics Sweden*. Retirado em Outubro 27, 2013, de <http://www.enjoystockholm.com/cmarter.asp?doc=507>.

Enterprise Melbourne. (2013). Enterprise Melbourne. *Enterprise Melbourne*. Retirado em Novembro 02, 2013, de <http://www.melbourne.vic.gov.au/enterprisemelbourne/Pages/Home.aspx>.

Ergazakis, E. *et al.* (2009). Rethinking the development of successful knowledge cities: An advanced framework. *Journal of Knowledge Management*, 13(5), 214-227.

Ergazakis, K., Metaxiotis, K., e Psarras, J. (2004). Towards knowledge cities: Conceptual analysis and success stories. *Journal of Knowledge Management*, 8(5), 5-15.

- EuroMonitor International. (2013). Top 100 cities destination ranking. *EuroMonitor International*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://blog.euromonitor.com/2013/01/top-100-cities-destination-ranking.html>.
- Everyculture. (2013). Countries and their cultures- Qatar. *Everculture*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.everyculture.com/No-Sa/Qatar.html>.
- Farhangi, M. (2013). Moving Esfahan forward in knowledge based urban development: The opportunities and constraints. In T. Yigitcanlar & M. Bulu (Eds.), *Proceedings of the 6th Knowledge Cities World Summit* (92-100). Istanbul: Lookus Scientific.
- Farvacque-Vitkovic, C. et al. (2008). *Development of the cities of Ghana- Challenges, priorities and tools* (Africa region working paper series- Number 110). Washington, DC: World Bank.
- FDI Intelligence. (2013). American cities of the future 2013/14. *FDI Intelligence*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.fdiintelligence.com/Locations/Americas/American-Cities-of-the-Future-2013-14>.
- Fernández-Maldonado, A. M., e Romein, A. (2008). A knowledge-based urban paradox: The case of Delft. In T. Yigitcanlar, K. Velibeyoglu e S. Baum (Eds.), *Knowledge-Based Urban Development: Planning and Applications in the Information Era* (pp. 221-239). Hershey, PA: IGI Global.
- Ferreira, F. (2014). Servidor do TJ-SP pode ter parte do expediente em casa. *Folha de São Paulo*. Retirado em Fevereiro 03, 2014, de <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/01/1392633-servidor-do-tj-sp-pode-ter-parte-do-expediente-em-casa.shtml>.
- Filemon, A., e Uriarte, J. (2003). *Introduction to knowledge management*. Jakarta: ASEAN Foundation.
- Fiscal Policy Institute. (2012). Immigrant small business owners- A significant and growing part of the economy. *Fiscal Policy Institute*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.fiscalpolicy.org/immigrant-small-business-owners-FPI-20120614.pdf>.
- Flannery, N. P. (2012). Mexico's silicon valley. *Americas Quarterly*. Retirado em Fevereiro 08, 2014, de <http://www.americasquarterly.org/mexicos-silicon-valley>.
- Florida, R. (2002). *The rise of the creative class*. New York, NY: Basic Books.
- Florida, R. (2000, Setembro). *The economic geography of talent*. Artigo apresentado na Carnegie Mellon University, Pittsburgh, PA.

Formula 1. (2013). 2013 Formula 1 Singtel Singapore Grand Prix. *Formula 1*. Retirado em Outubro 25, 2013, de http://www.formula1.com/races/in_detail/singapore_906/circuit_diagram.html.

Free Online Dictionary (2013a). Jargon. *Free Online Dictionary*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://www.thefreedictionary.com/jargon>.

Free Online Dictionary (2013b). Infusion. *Free Online Dictionary*. Retirado em Outubro 25, 2013, de <http://www.thefreedictionary.com/jargonhttp://www.thefreedictionary.com/infusion>.

Friedmann, J. (1995). Where we stand: A decade of world city research. In P. Knox e P. Taylor (Eds.), *World Cities in a World System* (pp. 21-47). Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Geanellos, R. (2000). Exploring Ricoeur's hermeneutic theory of interpretation as a method of analysing research texts. *Nursing Inquiry*, 7(2), 112-119.

Ghana Districts. (2013). Greater Accra- Demographic characteristics. *Ghana Districts*. Retirado em Outubro 31, 2013, de http://ama.ghanadistricts.gov.gh/?arrow=atd&_3&sa=2995.

Ghana Statistical Service. (2008). Ghana living standards survey- Report of the 5th round. *Ghana Statistical Service*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de http://www.statsghana.gov.gh/docfiles/glss5_report.pdf.

Ghauri, P., e Grønhaug, K. (2005). *Research methods in business studies: A practical guide*. 3ª ed. Essex: Pearson Education.

Given, L. M. (Ed.). (2008). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. London: Sage Publications.

González, O., e Carrillo, F. J. (2012). Cities-benchmarking algorithm: A meta-ranking exercise. *International Journal of Knowledge Based Development*, 3(2), 157-174.

Górniak-Kocikowska, K. (2011). Knowledge management and democracy: A critical review of some moral issues and social dilemmas. In G. J. M. Costa (Ed.), *Ethical Issues and Social Dilemmas in Knowledge Management: Organizational Innovation* (pp. 28-44). Hershey, PA: IGI Global.

Government of Ghana. (2013). Greater Accra- Ethnic characteristics. *Government of Ghana*. Retirado em Outubro 31, 2013, de <http://www.ghana.gov.gh/index.php/about-ghana/regions/greater-accra>.

Government of India. (2013). Socio-cultural aspects. *Government of India*. Retirado em Novembro 01, 2013, de

http://censusindia.gov.in/Census_Data_2001/Census_Data_Online/Social_and_cultural/Religion.aspx.

Government of Singapore. (2013). Population- Social indicators. *Government of Singapore*. Retirado em Outubro 25, 2013, de http://www.singstat.gov.sg/publications/population.html#social_indicators.

Graphic Online. (2013). HOPE city takes off. *Graphic Online*. Retirado em Fevereiro 08, 2014, de <http://graphic.com.gh/archive/General-News/hope-city-takes-off.html>.

Grinnell Jr., R. M., e Unrau, Y. A. (2010). *Social work research and evaluation*. 9ª ed. New York, NY: Oxford University Press.

Healy, M., e Perry, C. (2000). Comprehensive criteria to judge validity and reliability of qualitative research within the realism paradigm. *Qualitative Market Research- An International Journal* 3(3), 118-126.

IBM. (2013). IBM report: Technology holds the key to economic and social reform in Accra. *IBM*. Retirado em Fevereiro 07, 2014, de <http://www-03.ibm.com/press/us/en/pressrelease/40817.wss>.

India Netzone. (2008a). History of Kolkata. *India Netzone*. Retirado em Novembro 01, 2013, de http://www.indianetzone.com/15/history_kolkata.htm.

India Netzone. (2008b). Kolkata- Economy. *India Netzone*. Retirado em Novembro 01, 2013, de http://www.indianetzone.com/15/economy_kolkata.htm.

Infopedia (2013a). Essência. *Infopedia*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ess%C3%A2ncia>.

Infopedia (2013b). Cidade. *Infopedia*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/cidade>.

Infopedia (2013c). Glocal. *Infopedia*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/glocal>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013a). Censo demográfico e contagem da população. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Retirado em Outubro 26, 2013, de <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=200&z=cd&o=2&i=P>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013b). Características da população e dos domicílios: resultados do Universo. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Retirado em Outubro 26, 2013, de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/caracteristicas_da_populacao_tab_rm_zip_xls.shtm.

Instituto Nacional de Estadística Y Geografía. (2013a). Censo de población y vivienda 2010. *Instituto Nacional de Estadística Y Geografía*. Retirado em Outubro 30, 2013, de <http://www3.inegi.org.mx/sistemas/TabuladosBasicos/Default.aspx?c=27302&s=est>.

Instituto Nacional de Estadística Y Geografía. (2013b). Banco de información. *Instituto Nacional de Estadística Y Geografía*. Retirado em Outubro 30, 2013, de <http://www3.inegi.org.mx/sistemas/TabuladosBasicos/Default.aspx?c=27302&s=est>.

InterNations. (2013). Doing business in Doha. *InterNations*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.internations.org/doha-expats/guide/working-in-doha-15430/doing-business-in-doha-2>.

Iqbal, J. (2007). Learning from a doctoral research project: Structure and content of a research proposal. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 5(1), 11-20.

Janus Corporate Solutions. (2012). Singapore business formation statistics report for the year 2012. *Guide Me Singapore*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.guidemesingapore.com/wp-content/uploads/2013/02/Singapore-Business-Formation-Statistics-for-2012.pdf>.

Johnson, S. H. (2013). Why Seattle thrive? *Office of Economic Development*. Retirado em Outubro 28, 2013, de <http://www.seattle.gov/EconomicDevelopment/thrives/Thrives01.htm>.

Jones, A. (2002). The global city misconceived: The myth of global management in transnational service firms. *Geoforum*, 33(3), 335-350.

Jorgenson, A. K. (2006). Global social change, natural resource consumption, and environmental degradation. In C. Chase-Dunn e S. J. Babones (Eds.), *Global Social Change: Historical and Comparative Perspectives* (pp. 176-199). Baltimore, ML: John Hopkins University Press.

King, N. (2000). Making ourselves heard- The challenges facing advocates in qualitative research in work and organizational psychology. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 9(4), 589-596.

Klein, H., e Myers, M. (1999). A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems. *MIS Quarterly*, 23(1), 67-93.

Kolkata. (n.d.). Kolkata- Culture. *Kolkata*. Retirado em Novembro 01, 2013, de <http://www.kolkata.org.uk/culture/>.

Latham e Watkins. (n.d.). *Doing business in Qatar*. 2sd ed. Dubai: Latham e Watkins.

Lefèbvre, H. (1991). *The production of space*. Oxford: Blackwell.

Leidner, D., Alavi, M., e Kayworth, T. (2006). The role of culture in knowledge management: A case study of two global firms. *International Journal of e-Collaboration*, 2(1), 17-40.

- Lenski, G. E. (2005). *Ecological-evolutionary theory: Principles and applications*. New York, NY: Paradigm.
- Lin, H. A. (2012). Strait times: Sino-S'pore knowledge city a model for Guangdong's transformation: ESM Goh. *Ministry of Trade and Industry of Singapore*. Retirado em Fevereiro 03, 2014, de http://www.mfa.gov.sg/content/mfa/media_centre/singapore_headlines/2013/201304/news_20130405_02.html.
- Loong, L. S. (2009). PM Lee on racial and religious issues. *Singapore United*. Retirado em Outubro 25, 2013, de <http://www.singaporeunited.sg/cep/index.php/web/Our-News/PM-Lee-on-racial-and-religious-issues-National-Day-Rally-2009>.
- MacQueen, K. M. *et al.* (2001). What is community? An evidence-based definition for participatory public health. *American Journal of Public Health*, 91(12), 1929-1937.
- Matthiessen, C. W., Schwarz, A. W., e Find, S (2002). The top-level global research system, 1997-99: Centers, networks and nodality. An analysis based on bibliometric indicators. *Urban Studies*, 39(5/6), 903-927.
- MeExperience. (2013). Guide to Guadalajara. *MeExperience*. Retirado em Outubro 30, 2013, de <http://www.mexperience.com/guide/majorcity/guadalajara.php>
- Mengi, O., e Velibeyoğlu, K. (2013). Wedding wear cluster in Izmir: Hoes does the creative knowledge ecosystem self-operate? In T. Yigitcanlar & M. Bulu (Eds.), *Proceedings of the 6th Knowledge Cities World Summit* (21-35). Istanbul: Lookus Scientific.
- Meyrowitz, J. (2005). The rise of glocality: New sense of place and identity in the global village. In K. Nyíri (Ed.), *A Sense of Place: The Global and the Local in Mobile Communication* (pp. 21-30). Vienna: PassagenVerlag.
- Miles, M., e Huberman, A. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Min, H. Y., e Soon, M. C. (2012). Singapore investment news- Singapore nurtures talent for Asia an beyond. *Singapore Economic Development Board*. Retirado em Fevereiro 02, 2014, de <http://www.edb.gov.sg/content/dam/edb/en/resources/pdfs/publications/SingaporeInvestmentNews/2011/Singapore-Investment-News-October-December-2011.pdf>.
- Mingle, N. A. A. B. (2013). African culture, part of the Millennium city project. *Accra Metropolitan Assembly*. Retirado em Outubro 31, 2013, de <http://ama.gov.gh/ama/page/5326/african-culture--part-of-the-millennium-city-project->.

Murata, K. (2011). Knowledge creation and sharing in Japanese organisations: A socio-cultural perspective on *ba*. In G. J. M. Costa (Ed.), *Ethical Issues and Social Dilemmas in Knowledge Management: Organizational Innovation* (pp. 1-26). Hershey, PA: IGI Global.

Musterd, S. *et al.* (2010). *Making creative-knowledge cities: A guide for policy makers*. Amsterdam: Amsterdam Institute for Social Science Research.

Myers, M. D. (2009). *Qualitative research in business & management*. London: Sage.

National Centre for Culture and Recreation Statistics. (2012). Arts and culture in Victoria- A statistical overview 2012. *National Centre for Culture and Recreation Statistics*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de http://www.arts.vic.gov.au/Research_and_Resources/Cultural_Data/A_Statistical_Overview_Arts_and_Culture_in_Victoria.

Niiniluoto, I. (1997). Technology policy in a democratic state. In S. H. M. Kopperi, e O. Loukola (Eds.), *Taking the Liberal Challenge Seriously: Essays on Contemporary Liberalism at the Turn of the 21st Century* (pp. 192-204). Aldershot: Ashgate.

Njeru, P. (2013). History of Accra. *The African Executive*. Retirado em Outubro 31, 2013, de <http://www.africanexecutive.com/modules/magazine/articles.php?article=994>.

Nonaka, I. (2007). The knowledge-creating company- A revisit. *Harvard Business Review*, 85(7/8), 162-171.

Nonaka, I. (1994). A dynamic theory of organizational knowledge creation. *Organization Science*, 5(1), 14-37.

Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo. (2012). Anuário estatístico turismo 2013. *Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/anuario_2012.pdf.

Office of Intergovernmental Relations. (2011). The greater Seattle datasheet. *Office of Intergovernmental Relations*. Retirado em Outubro 28, 2013, de <http://www.seattle.gov/oir/datasheet/Datasheet2010.pdf>.

Online Etymology Dictionary (2012a). Cidade. *Online Etymology Dictionary*. Retirado em Outubro 19, 2012, de http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=global&searchmode=none.

Online Etymology Dictionary (2012b). Global. *Online Etymology Dictionary*. Retirado em Outubro 19, 2012, de http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=local&searchmode=none.

Online Etymology Dictionary (2012c). Local. *Online Etymology Dictionary*. Retirado em Outubro 19, 2012, de http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=local&searchmode=none.

Only Melbourne. (n.d.). History of Melbourne. *Only Melbourne*. Retirado em Novembro 02, 2013, de http://www.onlymelbourne.com.au/melbourne_details.php?id=581#.UoCzYuL754d.

Oxford English Dictionary (2008). Oxford english dictionary. Oxford: Oxford University Press.

Pather, S., e Remenyi, D. (2004, Janeiro). *Some of the philosophical issues underpinning research in information systems: From positivism to critical realism*. Artigo apresentado no Annual 2004 Research Conference of the South African Institute for Computer Scientists, Johannesburg, South Africa.

Petriglieri, G. (2012). Are business schools clueless or evil? *Harvard Business Review Blog*. Retirado em Setembro 12, 2013, de <http://blogs.hbr.org/2012/11/are-business-schools-clueless/>.

Pin, P. M. (2012). Singapore's challenges as a city state. *The Jakarta Post*. Retirado em Fevereiro 02, 2014, de <http://www.thejakartapost.com/news/2012/06/16/singapores-challenges-a-city-state.html>.

Polanyi, M. (1996). *The tacit dimension*. London: Doubleday & Co.

Pumain, D. (2012, Novembro). *Urban systems and global dynamics*. Artigo apresentado na Global Systems Science Conference, Bruxelas, Bélgica.

Pumain, D. *et al.* (2006). An evolutionary theory for interpreting urban scaling laws. *Cybergeo*, 343. Retirado em Março 19, 2013, de <http://cybergeo.revues.org/2519>.

Qatar Statistics Authority. (2013a). Population. *Qatar Statistics Authority*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.qsa.gov.qa/QatarCensus/Populations.aspx>.

Qatar Statistics Authority. (2013b). Population by religion, gender and municipality- 2004. *Qatar Statistics Authority*. Retirado em Outubro 29, 2013, de http://www.qsa.gov.qa/QatarCensus/sensus_2004/pubulation-eng/Tabels/Pubulation/T06.htm.

Rahim, A. R. A., e Baksh, M. S. N. (2003). Case study method for new product development in engineering-to-order organizations. *International Journal of Productivity and Performance*, 52(1), 25-36.

Renzl, B. (2004). Zentrale Aspekte des Wissensbegriffs- Kernelemente der Organisation von Wissen. In B. Wyssusek (Ed.), *WissensmanagementKomplex- Perspektiven und Soziale Praxis* (pp. 27-42). Berlin: Erich Schmidt Verlag GmbH & Co.

- Roberts, L. D. (2001). *Social interaction in virtual environments*. Tese de doutoramento em Ciências da Computação, Curtin University of Technology, Bentley.
- Robinson, P. (2010). Stockholm, Sweden: A cultural guide. *Daily Telegraph*. Retirado em Outubro 27, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/travel/citybreaks/8136671/Stockholm-Sweden-a-cultural-guide.html>.
- Robinson, W. I. (2009). Saskia Sassen and the sociology of globalization: A critical Appraisal. *Sociological Analysis*, 3(1), 5-29.
- Sanandaji, N. (2011). Sweden: A role model for capitalist reform. *New Geography*. Retirado em Fevereiro 04, 2014, de <http://www.newgeography.com/content/002287-sweden-a-role-model-capitalist-reform>.
- São Paulo. (2013). História de São Paulo. *São Paulo*. Retirado em Outubro 26, 2013, de <http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/a-cidade-de-sao-paulo>.
- Sassen, S. (2007). *A sociology of globalization*. New York, NY: W.W. Norton.
- Sassen, S. (2001- revised version). *The global city*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Sassen, S. (1991). *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Seattle Performs. (2014). Venue. *Seattle Performs*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.seattleperforms.com/venue/listing/none/none/none/none/5>.
- Secretaría de Gobernación. (2010). Estado de Jalisco. *Secretaría de Gobernación de Mexico*. Retirado em Outubro 30, 2013, de http://www.e-local.gob.mx/wb2/ELOCAL/EMM_jalisco.
- Seminara, D. (2012). With its sprawling education city, Qatar aims to be knowledge hub. *The Washington Diplomat*. Retirado em Fevereiro 09, 2014, de http://washdiplomat.com/index.php?option=com_content&id=8680:with-its-sprawling-education-city-qatar-aims-to-be-knowledge-hub&Itemid=506.
- Silva, N. S. A, Alvarez, I. M. S. B., e Rogerson, S. (2011). Glocality, diversity, and ethics of distributed knowledge in higher education. In G. J. M. Costa (Ed.), *Ethical Issues and Social Dilemmas in Knowledge Management: Organizational Innovation* (pp. 131-158). Hershey, PA: IGI Global.
- Silverman, H. M. (2006). *Interpreting qualitative data: Methods for analyzing talk, text and interaction*. 4th ed. London: Sage Publications.
- Silverman, D. (2005). *Doing qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Simmons, M. M. (2007). Brief history of Seattle. *Seattle Government*. Retirado em Outubro 28, 2013, de <http://www.seattle.gov/cityarchives/Facts/history.htm>.

- Simon, D. (1995). The world city hypothesis: Reflections from the periphery. In P. Knox e P. Taylor (Eds.), *World Cities in a World System* (pp. 132-155). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Sinclair, N. (2008). The changing face of KM. *VINE: The Journal of Information and Knowledge Management Systems*, 38(1), 22-29.
- Sousa, M. J., e Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. 2ª ed. Lisboa: Lidel.
- Staff, C. W. (2012). Doha ranks fifth the world in economic strength. *Construction Week*. Retirado em Outubro 29, 2013, de <http://www.constructionweekonline.com/article-16000-doha-ranks-fifth-in-the-world-in-economic-strength/#.UoARV-L754d>.
- Stake, R. (1995). *The art of case research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Statistics Sweden. (2013). Population statistical database. *Statistics Sweden*. Retirado em Outubro 27, 2013, de http://www.scb.se/Pages/SSD/SSD_TreeView.aspx?id=340506&ExpandNode=BE%2fBE010.
- Steger, M. B. (2009). *Globalization: A very short introduction*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press.
- Strauss, A., e Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Grounded theory, procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Taylor, P. J., Watts, M. J., e Johnson, R. J. (2002). Geography/Globalization. In R. J. Johnson, P. J. Taylor e M. J. Watts (Eds.), *Geographies of Global Change: Remapping the World* (pp. 1-19). Oxford: Blackwell.
- Thierstein, A. *et al.* (2013). Emerging knowledge cities: Doha as a rising knowledge hub in the Arabian Gulf Region. In T. Yigitcanlar & M. Bulu (Eds.), *Proceedings of the 6th Knowledge Cities World Summit* (267-278). Istanbul: Lookus Scientific.
- Tokyo Metropolitan Government (2006). Overview of Tokyo. *Tokyo Metropolitan Government*. Retirado em Março 01, 2013, de <http://www.metro.tokyo.jp/ENGLISH/PROFILE/overview06.htm>.
- Trauth, E. M. (2001). Choosing qualitative methods in IS research: Lessons learned. In E. Trauth (Ed.), *Qualitative Research in IS: Issues and Trends* (pp. 271-288). Hershey, PA: Idea Group Publishing.
- Trochim, W. M. K. (2006). Design. Social research methods. *Social Research Methods*. Retirado em Abril 05, 2013, de <http://www.socialresearchmethods.net/kb/design.php>.

United Nations/World Tourism Organization. (2013). United Nations/World Tourism Organization- Tourism highlights 2013. *United Nations/World Tourism Organization*. Retirado em Fevereiro 10, 2014, de http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights13_en_hr.pdf.

United States Census Bureau. (2013a). ACS demographic and housing estimates: 2009. *United States Census Bureau*. Retirado em Outubro 28, 2013, de http://factfinder2.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?pid=ACS_09_1_YR_CP5&prodType=table.

United States Census Bureau. (2013b). ACS demographic and housing estimates: 2012. *United States Census Bureau*. Retirado em Outubro 28, 2013, de http://factfinder2.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?pid=ACS_12_1_YR_CP05&prodType=table.

Van Acker, F., Ajani, A. E., e Theuns, P. (2005, Janeiro). *Building a learning environment for research methods in psychology*. Artigo apresentado no International Statistical Institute, Sydney, Australia.

van Widen, W., e van den Berg, L. (2004). *Cities in the knowledge economy: New governance challenges*. Rotterdam: European Institute for Comparative Urban Research.

Visite São Paulo. (2014). Dados da cidade. *Visite São Paulo*. Retirado em Fevereiro 11, 2014, de <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>.

Wallace, R. D. (2010). *Human capital in the city: Exploring the relationship between skills and productivity in US metropolitan areas*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Planeamento Regional, University of Massachusetts Amherst, Massachusetts.

Walsham, G. (1995). Interpretive case studies in IS research: Nature and method. *European Journal of Information Systems*, 4(2), 74-81.

Walsham, G. (1993). *Interpreting information systems in organizations*. New York, NY: John Wiley & Sons.

Weber, M. (1921). *The city*. New York, NY: Free Press.

Welsch, W. (1999). Transculturality- The puzzling form of cultures today. In M. Featherstone e S. Lash (Eds.), *Spaces of Culture: City, Nation, World* (pp. 194-213). London: Sage.

Wong, Y. L., Millar, C. C. J. M., e Choi, C. J. (2006). Singapore in transition: From technology to culture hub. *Journal of Knowledge Management*, 10(5), 79-91.

Woo, F. (2013). Sustainable urban development: It's time cities give back. *The Guardian*. Retirado em Fevereiro 15, 2014, de <http://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2013/aug/13/sustainable-urban-development-regeneration>.

Workgroup on Creative Industries (2012). Creative industries development strategy- Propelling Singapore's creative economy. *Ministry of Trade and Industry of Singapore*. Retirado em Fevereiro 02, 2014, de http://www.mti.gov.sg/ResearchRoom/Documents/app.mti.gov.sg/data/pages/507/doc/17%20ERC_Services_Creative_Industries.pdf.

World Bank. (2013). Indicators. *World Bank*. Retirado em Outubro 25, 2013, de <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD>.

World Capital Institute. (2013). 2013 Seattle, USA. *World Capital Institute*. Retirado em Fevereiro 07, 2014, de <http://www.worldcapitalinstitute.org/makciplatform/2013-seattle-usa>.

Yigitcanlar, T. (2012). Comparing knowledge-based urban development of Vancouver, Melbourne, Manchester and Boston. In T. Yigitcanlar, K. Metaxiotis e F. J. Carrillo (Eds.), *Building Prosperous Knowledge Cities- Policies, Plans and Metrics* (pp. 3-23). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Yigitcanlar, T., e Lönnqvist, (2013). Benchmarking knowledge-based urban development performance: Results from the international comparison of Helsinki. *Cities*, 31(2), 357-369.

Yigitcanlar, T., O'Connor, K., e Westerman, C. (2008). The making of knowledge cities: Melbourne's knowledge-based urban development experience. *Cities*, 25(2), 63-72.

Yigitcanlar, T., Veliveyoglu, K., e Martinez-Fernandez, C. (2008). Rising knowledge cities: The role of urban knowledge precincts. *Journal of Knowledge Management*, 12(5), 8-20.

Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods*. 4ª ed. London: Sage Publications.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de casos, planeamento e métodos*. 4ª ed. São Paulo: Bookman.

Yin, R. K. (1994). *Case study research, design and methods*. 2ª ed. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Zajac, L. L. B. (2007). Australia's 40 largest companies. *Forbes*. Retirado em Novembro 02, 2013, de http://www.forbes.com/2007/12/03/australia-bhp-forbes40-biz-cx_ll_1203australia40.html.